

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE ó UNIVALE
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO - GIT

LETÍCIA EFREM NATIVIDADE DE OLIVEIRA

**A IDENTIDADE TERRITORIAL E A PERCEPÇÃO DE RISCOS À SAÚDE ENTRE
CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS DE UMA ASSOCIAÇÃO SOLIDÁRIA**

GOVERNADOR VALADARES ó MINAS GERAIS

ABRIL/2019

LETÍCIA EFREM NATIVIDADE DE OLIVEIRA

**A IDENTIDADE TERRITORIAL E A PERCEPÇÃO DE RISCOS À SAÚDE ENTRE
CATADORES DE RESÍDUOS SÓLIDOS DE UMA ASSOCIAÇÃO SOLIDÁRIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Sricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce ó UNIVALE, como requisito para obtenção do título de mestre em Gestão Integrada do Território. Linha de pesquisa: Território, sociedade e saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Terezinha Bretas Vilarino

Governador Valadares ó Minas Gerais

ABRIL/2019

FICHA CATALOGRÁFICA

O48i Oliveira, Letícia Efrem Natividade de

A identidade territorial e a percepção de riscos à saúde entre catadores de resíduos de uma associação solidária / Letícia Efrem Natividade de Oliveira. ó 2019.
137 f.

Dissertação (mestrado em Gestão Integrada do Território) ó UNIVALE ó Universidade do Vale do Rio Doce, 2019.
Orientação: Maria Terezinha Bretas Vilarino.

1. Catadores. 2. Risco à saúde. 3. Identidade territorial. 4. Resíduos sólidos. I. Título.

CDD-711.4



UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território

LETÍCIA EFREM NATIVIDADE DE OLIVEIRA

“A identidade territorial e a percepção de riscos à saúde entre catadores de resíduos sólidos de uma Associação Solidária”

Dissertação aprovada em 25 de abril de 2019,
pela banca examinadora com a seguinte
composição:

Prof.^a Dr.^a Maria Terezinha Bretas Vilarino
Orientadora – Universidade Vale do Rio Doce

Prof.^a Dr.^a Maria Celeste Reis Fernandes de Souza
Examinadora – Universidade Vale do Rio Doce

Prof. Dr. Jamir Calili Ribeiro
Examinador – Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares

Aos catadores da ASCANAVI, que através do silêncio e de palavras, me ensinaram que conquistas proveem de luta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela luz constante.

A minha orientadora, professora Maria Terezinha Bretas Vilarino, pelos ensinamentos e alegria a mim transmitidos.

Aos professores, Maria Celeste e Jamir Calili, por terem se dedicado à leitura desse estudo e se disporem a participar da banca de avaliação.

A minha família, em especial a minha mãe Adalvina, ao meu irmão Vinícius, a minha cunhada Marina e aos meus sobrinhos, Matheus, Bianca e Thiago. Obrigada pelo incentivo constante. Vocês iluminam a minha vida.

Aos meus amigos, com quem dividi as atribuições do período dedicado a essa pesquisa, em especial à Maria Tereza por me incentivar a iniciar esta jornada.

RESUMO

As associações organizadas pelos (as) catadores (as) de resíduos sólidos representam um lugar que contribui com a solução de um problema ambiental, que é a destinação final adequada de tais resíduos, e com o sustento desses sujeitos. Além disso, as associações possibilitam o estabelecimento de uma identidade territorial constituída pelo modo como este espaço é apropriado pelos (as) catadores (as) que ali desenvolvem suas atividades laborais. Contudo, a atividade de catação de resíduos sólidos expõe os (as) trabalhadores (as) envolvidos (as) a riscos à saúde, o que pode ocasionar o seu adoecimento. Assim, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a relação entre a identidade territorial estabelecida pelos (as) catadores (as) de resíduos sólidos que desenvolvem suas atividades laborais em uma Associação de catadores (as) de resíduos sólidos localizada em Governador Valadares ó MG, e a percepção desses sujeitos sobre os riscos à saúde inerentes a tais atividades e/ou ao local em que as mesmas são desenvolvidas. A pesquisa quanto ao seu objetivo foi do tipo exploratória, e os referenciais teóricos de Rogério Haesbaert, Paul Claval e Yi-Fu Tuan contribuíram para nortear o estudo, cuja proposta demandou uma abordagem que considerasse: revisão bibliográfica sobre a temática, pesquisa documental, observação assistemática e a realização de entrevistas. A pesquisa demonstrou que prevalece, entre os (as) catadores (as), a percepção daqueles riscos que ocasionam lesão, principalmente, aquela proveniente do contato com material perfurocortante e com os equipamentos utilizados nos processos de trabalho, em especial a prensa. Ou seja, sobressai-se a percepção baseada na experiência do grupo. Dentre as doenças mencionadas pelos (as) catadores (as), como relacionadas ao trabalho e ao ambiente em que o mesmo é desenvolvido, destacam-se: tétano; dermatite; doenças musculoesqueléticas; intoxicação; tuberculose; infecção; doenças do trato respiratório. Entretanto, a percepção dos riscos associados às doenças aparece em casos isolados. Quanto à identidade territorial associada aos (às) catadores (as) de resíduos sólidos que atuam na ASCANAVI, tem-se que é caracterizada por uma memória relacionada ao lixão do Bairro Turmalina; pelo espaço de referência identitária, a própria Associação; e pelo sentimento da maior parte dos catadores de pertencimento a um grupo social. O reconhecimento de uma identidade territorial na Associação não implica na existência de percepções idênticas, entre os (as) catadores (as), a respeito dos riscos ali presentes.

Palavras-chave: Catadores. Risco. Identidade territorial. Resíduos sólidos. Associação.

ABSTRACT

Associations created by solid waste collectors represent an institution that may contribute to possible solutions for environmental problems whose purpose is to get appropriate final destination to such waste and provide a livelihood to those individuals. In addition, associations allow the establishment of a territorial identity constituted by the way in which this space is adequate by the collectors who carry out their work. However, the activity of solid waste collection exposes the workers involved to health risks, which can lead them to illnesses. The objective of this research was to understand the relationship between the territorial identity established by waste pickers who accomplish their work activities in an association located in Governador Valadares - MG, and the perception of these people about the risks related to the activities or the environment where these tasks are developed. Rogério Haesbaert, Paul Claval and Yi-Fu Tuan contributed to the study, whose proposal required an approach that considered: bibliographic review on the subject, documentary research, observation and interviews. The research showed that among the garbage collectors, the perception is the risks that can cause injury are originated after the contact with sharp equipment used in the work processes, especially the pressing machine. Thus, the perception based on group experience prevails. Among the diseases mentioned by the waste collectors, as related to the work and the environment in which it is developed, the following stand out: tetanus; dermatitis; musculoskeletal diseases; intoxication; tuberculosis; infection; diseases of the respiratory tract. However, the perception of risks associated with diseases appears in isolated cases. Concerning the territorial identity associated with the collectors operating in the ASCANAVI association, it is characterized by a memory related to the dumping ground in the district of Turmalina; by the space of identity reference, to the association itself and by the feeling of the majority of collectors to belong to a social group. The recognition of a territorial identity in the association does not imply the existence of identical perceptions among the collectors of the present risks.

Keywords: Waste collectors. Risk. Territorial identity. Solid waste. Association.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 6.1	24
Quadro 6.2	25
Quadro 6.3	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT ó Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABRELPE ó Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais
AIDS ó Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ASCANAVI ó Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis Natureza Viva
ASMARE - Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável
CAPES ó Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEM ó Centro de Estudos da Metrópole
CEMPRE ó Compromisso Empresarial para Reciclagem
CEP ó Comitê de Ética em Pesquisa
CNDSS ó Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde
EPI ó Equipamento de Proteção Individual
IBGE ó Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS ó Instituto Nacional do Seguro Social
IPEA ó Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LER ó Lesão por Esforço Repetitivo
MNCR ó Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
NBR ó Norma Brasileira
NR ó Norma Regulamentadora
OMS ó Organização Mundial de Saúde
ONG ó Organização não Governamental
PAVOTEC - Pavimentação e Terraplenagem Ltda
PET ó Polietileno Tereftalato
PNRS ó Política Nacional de Resíduos Sólidos
PNSB ó Política Nacional sobre Saneamento
PPRA ó Programa de Prevenção de Riscos Ambientais
RCD ó Resíduos de Construção e Demolição
RSS ó Resíduos de Serviços de Saúde
RSU ó Resíduos Sólidos Urbanos
SIES ó Sistema de Informações de Economia Solidária
SNIS ó Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento
SNVS ó Sistema Nacional de Vigilância Sanitária

SISNAMA ó Sistema Nacional do Meio Ambiente

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

USP ó Universidade de São Paulo

VTA ó Veículos de Tração Animal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OS RISCOS, A ASCANAVI E A POSSIBILIDADE DE UMA DISCUSSÃO TERRITORIAL	17
2.1 TERRITÓRIO E IDENTIDADE TERRITORIAL.....	17
2.2 OS RESÍDUOS SÓLIDOS, OS (AS) CATADORES (AS) E A ASCANAVI.....	23
2.3 CATAÇÃO E PERCEÇÃO DE RISCOS.....	40
3 A ASCANAVI E A IDENTIDADE TERRITORIAL	49
3.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DOS (AS) CATADORES (AS).....	53
3.2 PERCURSO DOS (AS) CATADORES (AS) NA ATIVIDADE DE CATAÇÃO.....	59
3.3 A ASCANAVI E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO A PARTIR DOS (AS) CATADORES (AS).....	62
3.4 MEMÓRIAS ORIUNDAS DO LIXÃO E O SENTIMENTO DE PERTENÇA AO GRUPO	72
3.5 A APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO E A DINÂMICA DA IDENTIDADE.....	77
4 A PERCEÇÃO DE RISCOS DOS (AS) CATADORES (AS)	81
4.1 REPRESENTAÇÕES DA SAÚDE E DA DOENÇA	81
4.2 REPRESENTAÇÕES DO RISCO E DA SEGURANÇA	85
4.3 A PRÁTICA DA PERCEÇÃO DE RISCOS	95
4.4 A DOENÇA COMO CONSEQUÊNCIA DO RISCO.....	109
5 CONCLUSÕES	120
REFERÊNCIAS	122
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ASSOCIADOS (CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS).....	133
APÊNDICE B 6 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	134

1 INTRODUÇÃO

A sociedade moderna enfrenta desafios associados à intensificação do consumo e ao quadro de insustentabilidade na geração de resíduos sólidos. A atividade de catação desses materiais figura como solucionadora de um problema ambiental não resolvido pelo poder público, que é a destinação final adequada de tais resíduos. Muitas vezes, os (as) trabalhadores (as) envolvidos (as) nesta atividade organizam-se na forma de associações, como é o caso da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis Natureza Viva (ASCANAVI), que possui suas instalações localizadas no Bairro Turmalina, no município de Governador Valadares ó MG.

O espaço ocupado pela Associação representa um lugar que contribui com a solução de um problema ambiental e com o sustento dos (as) catadores (as) de resíduos sólidos. A organização das atividades laborais desses indivíduos na forma de uma Associação colabora para que tais profissionais deixem a informalidade e a precarização do trabalho. Partimos da hipótese de que, aliado a tais fatores, há o fortalecimento das relações intersubjetivas e a possibilidade de colaboração para o estabelecimento de vínculos, laços afetivos entre os sujeitos, que projetam sobre o seu local de atividade suas aspirações e dele se apropriam. Isso possibilita o estabelecimento de uma identidade territorial. Tal identidade é constituída pelo modo como este espaço é apropriado pelos sujeitos que ali desenvolvem suas atividades laborais.

O espaço da Associação é transformado em território a partir das práticas cotidianas dos (as) catadores (as), que ali ressignificam o que é descartado pela sociedade. Assim, é preciso trazer à cena argumentos que nos permitam reconhecer o território da ASCANAVI como aquele detentor de um valor material, que permite a subsistência dos (as) associados (as), instalado em uma base física, representada pelo galpão, permeado por relações de poder. É também provido de um valor simbólico, oriundo de laços afetivos e do sentimento de pertencimento, que habita o íntimo dos sujeitos que ali exercem a atividade de catação; e também de um valor cultural, uma vez que se constitui de um espaço no qual podem ser compreendidas percepções e significados, ou seja, referências identitárias a ele associadas.

Apesar de trazer benefícios para a sociedade e para os (as) próprios (as) catadores (as), a atividade de catação de resíduos sólidos expõe os sujeitos envolvidos a riscos à saúde, o que pode ocasionar o seu adoecimento. Por isso, faz-se necessário indentificar os riscos em um ambiente laboral. Se por um lado essa identificação é importante a fim de que sejam adotadas medidas de segurança e controle, por outro, argumenta-se neste estudo que está associada à

percepção dos (as) trabalhadores (as) que, por sua vez, pressupõe a experiência dos sujeitos no território.

Logo, a experiência junto aos (às) catadores (as) de resíduos sólidos nos auxilia a ampliar o olhar acerca dessa temática, de modo a estimular o envolvimento da sociedade com a questão, considerando que o conhecimento sobre os riscos associados à atividade desempenhada por tais indivíduos pode se mostrar útil diante da conscientização e sensibilização frente à importância da separação e descarte adequado destes materiais.

A produção de pesquisas a respeito das condições de trabalho e saúde dos (as) catadores (as) é recente, tendo início nos últimos vinte anos, apresentando, desde então, um crescimento do interesse dos pesquisadores das áreas de saúde, trabalho e ambiente pela temática (GALON; MARZIALE, 2016). Estudos conduzidos por Galon e Marziale (2016), apontaram pesquisas que abordaram os seguintes temas centrais: 45,2% trataram somente das condições de trabalho; 7,5% discutiram as condições de saúde, sem desconsiderar a influência do trabalho nos problemas de saúde; e 47,2% versaram sobre ambos os temas, ou seja, o trabalho e seus efeitos na saúde.

Em um levantamento bibliográfico realizado no Portal de Periódicos CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - (<http://www.periodicos.capes.gov.br/>) sobre as pesquisas realizadas no período de 2006 a 2016 relativas ao trabalho e à saúde de catadores (as) de resíduos sólidos, organizados (as) em cooperativas, utilizamos como palavras-chave: Resíduos; Saúde; Catadores; Território; Materiais Recicláveis; Cooperativa. Tal busca resultou na identificação de cinquenta e três trabalhos que abordaram a questão dos resíduos sólidos (cinquenta artigos, dois resumos e uma dissertação de mestrado), sendo que trinta e seis fizeram referência ao trabalho dos (as) catadores (as). Até o ano de 2010 foram desenvolvidos dezesseis estudos. Do ano de 2011 até o ano de 2016, constatou-se a ocorrência de trinta e sete estudos, com intensificação de trabalhos no ano de 2013, quando foram identificadas quinze produções.

O trabalho em cooperativas de materiais recicláveis foi abordado em trinta e nove pesquisas, sendo que em dezesseis delas, as cooperativas constituíam objeto de estudo. Quatro estudos abordaram o trabalho de catadores (as) de resíduos sólidos que atuam de forma autônoma.

Em relação à saúde dos (as) catadores (as), encontramos seis trabalhos, sendo que três deles foram produzidos no ano de 2009. Um desses estudos vinculou a ocorrência de acidentes de trabalho às atividades desenvolvidas em um lixão. Cinquenta por cento dos estudos abordaram temáticas relacionadas aos (às) catadores (as) atuantes em cooperativas.

Nesse conjunto não foram identificados estudos que abordassem a temática território. Somente foram encontrados trabalhos que citaram o termo para designar área de abrangência. Ou seja, em um universo de cinquenta e três trabalhos, somente três trataram da saúde dos (as) catadores (as) atuantes em cooperativas, sem que fosse identificada qualquer relação do objeto com a temática território.

Através de uma perspectiva interdisciplinar, diante do que colocam Claval (1999; 2001; 2007), Haesbaert (1999; 2007; 2016), Chelotti e Pessoa (2009), Chelotti (2010), Cruz (2007) a respeito das relações, positivas ou negativas, estabelecidas entre os sujeitos e o território, buscamos compreender a relação entre a identidade territorial e a percepção dos riscos à saúde dos (as) catadores (as) de resíduos sólidos que desenvolvem suas atividades laborais na ASCANAVI, o que favoreceu o entendimento de como esses (as) trabalhadores (as) se colocam diante da possibilidade do adoecimento em virtude das condições de trabalho. Entende-se que essa percepção se desenvolve a partir das experiências vividas pelos (as) catadores (as) no ambiente da Associação, no território onde se dá o cotidiano de suas atividades de trabalho, ou seja, a partir da identidade territorial constituída entre os (as) catadores (as) de resíduos sólidos e a Associação. A análise da percepção de riscos foi realizada a partir de uma abordagem fenomenológica de percepção ambiental, fundamentada na obra do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan. Tal abordagem será relatada adiante, e leva em consideração as relações entre os indivíduos e o ambiente, além dos sentimentos em relação ao espaço e ao lugar.

O caminho percorrido por esta pesquisa conduziu ao estabelecimento de relações entre o território, representado pela ASCANAVI, a identidade territorial ali constituída e a percepção dos riscos à saúde dos (as) catadores (as) de resíduos sólidos que desenvolvem suas atividades laborais nesse ambiente. A partir da compreensão do território representado pela Associação e das relações ali estabelecidas, construímos uma concepção a respeito da identidade territorial desses sujeitos, ou seja, um entendimento sobre os elos assumidos entre o grupo de catadores (as) e a ASCANAVI. As relações estabelecidas entre os (as) catadores (as) associados (as) e o resíduo sólido, e entre aqueles (as) e os riscos aos quais estão submetidos (as), além da identidade territorial, também envolvem subjetividade, cultura e espaço, pois conforme Claval (1999), o território produz identidades. O território, representado pela ASCANAVI, foi, portanto, tratado sob a perspectiva simbólica.

O estudo apresentou, assim, o seguinte problema: Como o grupo de catadores (as) de resíduos sólidos que atua na Associação de catadores (as) de materiais recicláveis localizada

em Governador Valadares - MG percebe os riscos presentes nas atividades laborais e no local de trabalho?

Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a relação entre a identidade territorial estabelecida pelos (as) catadores (as) de resíduos sólidos que desenvolvem suas atividades laborais em uma Associação de catadores (as) de resíduos sólidos localizada em Governador Valadares ó MG, e a percepção desses sujeitos sobre os riscos à saúde inerentes a tais atividades e/ou ao local em que as mesmas são desempenhadas. Para tanto, fez-se necessário: descrever e analisar os processos de organização do trabalho realizados pelos (as) catadores (as) na ASCANAVI, a partir da fala desses sujeitos; caracterizar a identidade territorial do grupo de catadores (as) da ASCANAVI; identificar o modo como os (as) catadores (as) percebem os riscos ambientais e de saúde presentes nos processos de trabalho e/ou no local de trabalho; identificar doenças associadas a tais riscos, presentes nas falas dos (as) catadores (as).

Os referenciais teóricos de Rogério Haesbaert, Paul Claval e Yi-Fu Tuan contribuíram para nortear a atenção sobre o material empírico, coletado através de entrevistas, de modo a captar as relações constituídas entre os sujeitos, o risco, o território e a identidade.

A proposta de divisão dos capítulos deste estudo teve como objetivo responder às questões formuladas através de seus objetivos. Assim, esta dissertação apresenta-se organizada em três capítulos.

No primeiro capítulo ó Os riscos, a ASCANAVI e a possibilidade de uma discussão territorial ó apresentamos uma discussão acerca do modo de abordagem territorial da Associação, proposto por este estudo. Apontamos a perspectiva sob a qual o território da ASCANAVI foi analisado, assim como a maneira como a identidade territorial permeia esta pesquisa. Os autores Rogério Haesbaert, Paul Claval, assim como Marcelo Chelotti, Vera Lúcia Pessôa, e Valter Cruz nos auxiliaram na construção deste capítulo. O texto também trata das definições de resíduos sólidos e da classificação dos mesmos. Apresenta, ainda, o histórico do processo de gerenciamento de resíduos sólidos, abordando aspectos da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), e os mecanismos de coleta seletiva. Abordamos a atividade de catação de resíduos sólidos e o processo histórico, que envolve a luta através dos movimentos de catadores (as), e que levou ao reconhecimento da profissão. Além disso, apresentamos os modos de organização desses sujeitos através de cooperativas e associações, reconhecidas como parte essencial no processo de gerenciamento de resíduos sólidos. Constam ainda, deste capítulo, os eventos que englobam, desde a extinção do lixão situado no Bairro Turmalina, até a criação da ASCANAVI, ou seja, a cronologia da fundação da

Associação, que passou a se constituir de um território físico, onde atividades laborais são desenvolvidas e no qual estão presentes riscos ocupacionais. O capítulo destaca ainda as diversas abordagens de percepção do risco, enfatizando a abordagem fenomenológica do risco, que se aproxima dos estudos da percepção ambiental de Yi-Fu Tuan, autor que nos auxiliou na compreensão da percepção dos (as) catadores (as) de resíduos sólidos acerca dos riscos que envolvem sua atividade e seu local de trabalho.

O segundo capítulo ó A ASCANAVI e a identidade territorial ó mostra a Associação como um espaço vivido permeado por relações estabelecidas entre os sujeitos que ali trabalham, ou seja, os (as) catadores (as), e aquele espaço do qual se apropriaram. A identidade territorial estabelecida entre tais indivíduos e o espaço vivido da Associação foi abordada a partir de tais relações, sobretudo a partir do sentimento de pertencimento que estes sujeitos mantêm com tal território. Apresentamos, no quadro 3 (capítulo 3), as características dos (as) catadores (as) associados (as) à ASCANAVI participantes do estudo. Apontamos ainda o perfil social desses sujeitos, além do movimento realizado pelos (as) mesmos (as) dentro da atividade de catação, que por vezes passa pelas ruas e pelo lixão do Bairro Turmalina. A organização do trabalho dos (as) catadores (as) é abordada a partir do relato dos (as) mesmos (as). Além disso, identificamos como as memórias dos (as) catadores (as) provenientes do lixão e a apropriação simbólica do espaço representado pela Associação contribuem para a configuração da identidade territorial.

O terceiro capítulo ó A percepção de riscos dos (as) catadores (as) ó aborda os significados que a saúde, a doença, o risco e a segurança assumem para os (as) catadores (as) de resíduos sólidos que desenvolvem suas atividades na Associação. A partir do entendimento desses significados, apresentamos a percepção que os (as) catadores (as) possuem a respeito dos riscos que permeiam suas atividades e seu local de trabalho, e das doenças que podem ser advindas dessa interação. Dessa forma, buscamos compreender a relação entre o sentimento de identidade territorial desses sujeitos e tal percepção.

2 OS RISCOS, A ASCANAVI E A POSSIBILIDADE DE UMA DISCUSSÃO TERRITORIAL

2.1 TERRITÓRIO E IDENTIDADE TERRITORIAL

É evidente o reconhecimento de que a ASCANAVI constitui-se de um território físico, material, normado. Ocupa um espaço físico delimitado, constitui-se como uma Associação que possui normas e regulamentos próprios, apresenta-se como fonte de recursos para os (as) catadores (as), além de estar inserida em uma rede que envolve relações de poder tanto internas quanto externas. Contudo, este espaço também se apresenta como base para o estabelecimento de laços afetivos entre os (as) catadores (as) de resíduos, além do sentimento de pertencimento a este grupo. Nesse sentido, é que propomos tratar a ASCANAVI como um território material e simbólico, que abriga especificidades próprias dessas duas dimensões.

O território é um conceito fundamental da ciência geográfica que, em virtude de diferentes perspectivas epistemológicas, apresenta, no percurso da história do pensamento geográfico, distintas abordagens e concepções. O termo território é associado a categorias fundamentais, como região, espaço e paisagem e, recentemente, passou a ser também empregado para analisar relações socioespaciais.

Autores como Friedrich Ratzel, Claude Raffestin, David Sack, Milton Santos, Paul Claval e Rogério Haesbaert, dentre outros, apresentam diferentes abordagens sob a perspectiva territorial. Assim, o território é tratado a partir de diferentes aspectos, do caráter material ao imaterial, intimamente ligados às relações de poder e dominação socialmente estabelecidas; sob as dimensões econômica, geopolítica e cultural (SAQUET, 2015).

Neste estudo, abordamos o território tomando como referencial teórico os autores Paul Claval e Rogério Haesbaert, considerando a ideia de indissociação entre as perspectivas material e simbólica, sob as quais a ASCANAVI está estabelecida. Nesse sentido, também a reconhecemos como um espaço vivido, permeado por relações de poder e pertencimento, que lhe conferem uma particular identidade territorial. Marcelo Cervo Chelotti, Vera Lúcia Salazar Pessôa e Valter do Carmo Cruz, leitores de Haesbaert, auxiliam na compreensão dessa identidade.

Claval (1999) identifica três eixos na organização do território: o poder, com ênfase no Estado-Nação; a realidade social; os símbolos e representações, ou seja, o território compreendido como espaço-vivido. Para tal autor, o território é material e simbólico, destacando-se a identidade e o pertencimento.

Haesbaert (2016) estabelece quatro vertentes básicas para o conceito de território: 1 - jurídico-política, que entende o território como um espaço delimitado e controlado, onde são exercidas relações de poder; 2 - cultural, baseada nas relações simbólicas e subjetivas do território, entendido como a apropriação simbólica do espaço-vivido; 3 - econômica, que concebe o território como fonte de recursos e/ou produto das lutas de classe e das relações capital-trabalho; 4 - naturalista, baseada nas relações entre a sociedade e a natureza.

O território é, portanto, concebido sob dupla conotação, material e simbólica. Relaciona-se ao poder, tanto no sentido de dominação, quanto no sentido simbólico, de apropriação do espaço vivido (HAESBAERT, 2016). É, assim, o espaço vivido pelos sujeitos, que o dotam, através das relações ali vivenciadas, de valores materiais e simbólicos, de significados e sentidos.

Haesbaert considera necessário compreender o território a partir de uma perspectiva integradora:

[...] a partir da concepção de espaço como um híbrido ó híbrido entre sociedade e natureza, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e õidealidadeö, numa complexa interação tempo-espaço, como nos induzem a pensar geógrafos como Jean Gottman e Milton Santos, na indissociação entre movimento e (relativa) estabilidade ó recebam estes os nomes de fixos e fluxos, circulação e õiconografiasö, ou o que melhor nos aprouver. [...] o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural (HAESBAERT, 2016, p. 79).

Para Haesbaert, toda relação de poder que se estabelece no espaço produz identidade, uma vez que controla, diferencia, separa; e ao fazê-lo, nomeia e classifica os indivíduos e os grupos sociais (HAESBAERT, 2016). A identidade é uma construção que se dá ao longo do tempo, relacionada aos significados sociais e culturais, e que guia o processo de diferenciação e identificação de um indivíduo ou de um grupo; assim, possui um caráter dinâmico (CRUZ, 2007). Toda identidade é uma construção social, e se dá pela criação de significados pelos grupos sociais ao longo do tempo, relacionando-se a uma cultura, ideologia, etnia, religião, a um território, dentre outros (CHELOTTI, 2010)¹.

¹ Apesar da polissemia do termo identidade, baseada em subjetividades individuais e coletivas, e que pode relacionar-se a grupos sociais ou ao pertencimento territorial, a categoria de análise identidade pode sofrer diversos enfoques, conforme a matriz teórica de abordagem, aparecendo em estudos da Psicologia, Antropologia, Sociologia, Filosofia, História e, recentemente, na Geografia Humana (CHELOTTI; PESSÔA, 2009; CHELOTTI, 2010).

As relações estabelecidas pelos sujeitos no território e seus desdobramentos contribuem para o surgimento de identidades territoriais, ou seja, o território é produtor de identidades. Tem-se, de um lado, uma dimensão simbólica do território, uma dimensão cultural, que envolve sua imagem e representações; e de outro lado, uma dimensão material, concreta. Na primeira dimensão, predominam os processos de apropriação identitária determinada pelos grupos sociais por meio de um controle simbólico sobre o espaço onde estabelecem relações; e na segunda, ocorre uma dominação de caráter político-disciplinar e político-econômico do espaço e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997 apud HAESBAERT, 2016).

Por esta perspectiva, segundo Haesbaert, as identidades territoriais são construídas a partir de processos de territorialização, denominados pelo autor como: as relações de domínio e apropriação do espaço; ou seja, nossas mediações espaciais do poder, poder em sentido amplo, que se estende do mais concreto ao mais simbólico. (HAESBAERT, 2016, p. 339). Em sentido semelhante, Cruz argumenta que os processos de territorialização produzem diferenças e identidades, seja pelo domínio, pela apropriação simbólica, ou ainda, pela combinação desses movimentos, incluindo e excluindo (CRUZ, 2007).

Chelotti e Pessoa também se referem à construção de identidades territoriais a partir das relações entre os sujeitos e o espaço:

Os espaços diferem de acordo com suas características materiais e imateriais, ou seja, os seus recursos biofísicos e humanos, relações sociais, modos de produção e a sua cultura. A partir de relações específicas com homem *versus* meio, as sociedades historicamente construíram identidades territoriais próprias, com seus signos, símbolos e pertencimentos (CHELOTTI; PESSÔA, 2009, p. 10).

A construção de uma identidade territorial está fundamentada em dois elementos principais: em primeiro lugar o espaço de referência identitária, que é a base concreta e simbólica na qual se sustenta determinada identidade social e cultural; nela se dão as experiências culturais e sociais, os modos de organização e produção do espaço, além das representações espaciais que produzirão o sentimento de significado e pertencimento de um indivíduo ou de um grupo em relação a um território. E, em segundo lugar, a consciência socioespacial de pertencimento, caracterizada pelo sentido de pertença, pelos laços e pela unidade que nos fazem sentir como indivíduos, nos reconhecermos como pertencentes a determinado grupo (CRUZ, 2007).

Apesar de o avanço do processo de globalização nas últimas décadas produzir um mundo com um padrão de consumo uniforme, que rompe com a exclusividade de identidades

culturais, tal processo não conseguiu destruir características socioespaciais, como aquelas relacionadas aos aspectos culturais, materiais ou imateriais, permanecendo os elementos indicadores de identidades coletivas (CHELOTTI; PESSÔA, 2009; CHELOTTI, 2010). Segundo tais autores, alguns grupos sociais, principalmente os representantes de populações tradicionais, permanecem se identificando, mesmo que relativamente, com certa espacialidade e suas representações simbólicas, o que demonstra a resistência da identidade na perspectiva territorial.

Assim, o que nos interessa são as identidades coletivas na perspectiva territorial, construídas a partir do significado (objetivo e subjetivo) e sentimento de pertencimento que cada grupo social expressa numa determinada porção do espaço geográfico (região, lugar, território) produzindo a chamada identidade territorial (CHELOTTI; PESSÔA, 2009, p. 10).

A base material, concreta, ou seja, territorial, sustenta a construção de várias identidades (HAESBAERT, 1999). Assim, as identidades sociais são simbólicas, mas os símbolos que as compõem não são aleatórios; estando embasados nessa concretude, representada por objetos do cotidiano e até mesmo pelo vasto espaço geográfico que se tornam referenciais simbólicos por meio dos quais os grupos se reconhecem e se identificam, fundamentando assim, a identidade territorial (HAESBAERT, 2007).

Conforme a perspectiva da identidade territorial, Haesbaert analisa que:

[...] toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das ideias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. [...] (HAESBAERT, 1999, p. 172).

Para Haesbaert (1999), o território não existe se não há qualquer identificação e valoração positiva ou negativa do espaço pelos sujeitos que o vivenciam. Portanto, toda identidade territorial é uma identidade social. Já a identidade social é uma identidade territorial quando se baseia em uma matéria-prima simbólica principal que nasce do território ou atravessa o mesmo (HAESBAERT, 1999).

Assim como as relações sociais, toda identidade cultural é ãespacialö, pois ocorre no/atraves do espaço; contudo, nem toda identidade é õterritorialö, pois para isso seria necessário centralizar-se em um espaço referência, do qual os grupos sociais se apropriariam e onde desenvolveriam estratégias culturais e políticas (HAESBAERT, 2007).

Ao afirmar que uma valoração positiva ou negativa do espaço pelos sujeitos que o vivenciam é condição para a existência do território, Haesbaert (1999) vai ao encontro dos questionamentos de Claval (2007, 2001), que por sua vez, assume que alguns valorizam mais ou menos os lugares, atribuindo-lhes significados, e que os indivíduos e os grupos não vivenciam os lugares da mesma maneira. Além disso, para Claval (2001), a identidade é forjada a partir de memórias e vivências comuns, que permitem que cresça nos indivíduos um sentimento de pertencimento a um grupo social. Para Haesbaert (1999), essa identidade, ou seja, a identidade social torna-se territorial quando tem como base um território.

Assim, de acordo com Claval (2007, p. 179), as identidades culturais são formadas a partir de três elementos: õ[...] 1) a vontade de se conformar aos usos de um grupo; 2) a ideia de uma origem comum; 3) a construção da pessoa, baseada na articulação assumida de todos os aspectos da vida ao redor dos valores centrais da culturaö. Então:

A identidade aparece como uma construção cultural. Ela responde a uma necessidade existencial profunda, a de responder à questão: õquem sou eu?ö Ela o faz selecionando um certo número de elementos que caracteriza, ao mesmo tempo, o indivíduo e o grupo: artefatos, costumes, gêneros de vida, meio, mas também sistemas de relações institucionalizadas, concepções da natureza, do indivíduo e do grupo [...] (CLAVAL, 1999, p. 15).

A respeito da influência da cultura nas relações estabelecidas entre os indivíduos e na formação do território, Claval questiona:

[...] como os homens percebem e concebem seu ambiente, a sociedade, e o mundo? Por que os valorizam mais ou menos e atribuem aos lugares significações? Que técnicas os grupos adotam no sentido de dominar e tornar produtivo e agradável o meio onde vivem? Como imaginaram, atualizaram e transmitiram seu *Knowhow*? Quais são os elos que estruturam os conjuntos sociais e como são legitimados? De que maneira os mitos e as religiões e as ideologias contribuem para dar um sentido à vida e o contexto onde ela se realiza? (CLAVAL, 2007, p.11).

De acordo com Claval (2001), a geografia humana que predominava desde o fim do século XIX, passou a estabelecer uma visão geográfica que vai além da perspectiva material do espaço, buscando então compreender como os indivíduos, os grupos se organizam e se refletem nesse ambiente. Devido às diferenças entre culturas, torna-se importante considerar as representações na busca pela compreensão das relações entre identidade e território. Assim, Claval (2001) também questiona:

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem neles as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a eles os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade? (CLAVAL, 2001, p. 40).

Para Claval (2001), a construção de identidades relaciona-se com a organização territorial e com o modo como tal organização é percebida por quem a determina ou por quem a experimenta. ÷Vê-se, então, porque os problemas do território e a questão da identidade estão indissociavelmente ligados: a construção das representações que fazem certas porções do espaço humanizado dos territórios é inseparável da construção das identidades. [...]ö (CLAVAL, 1999, p. 16).

A identidade é construída a partir da interiorização de uma tradição, são afinidades que são estabelecidas transmitindo às pessoas que vivenciam o sentimento de pertencer a determinados grupos sociais. A identidade pode basear-se na ÷ideia de uma descendência comum, de uma história assumida em conjunto ou de um espaço com o qual o grupo assume elos [...]ö. (CLAVAL, 2001, p. 179).

Ao mesmo tempo em que os sentimentos de identidade permitem o surgimento de ÷espaços culturalmente homogêneosö, eles possibilitam que os indivíduos que constituem um grupo mantenham suas particularidades. Contudo, ao preservar sua identidade, tal grupo não rompe relações com aqueles que são diferentes, mas sim, estabelece ÷limitesö a fim de impedir a ameaça daquilo que possa afetar seus principais valores (CLAVAL, 2007).

Diante do exposto, reconhecemos a ASCANAVI como um território, cujas dimensões, material e simbólica, se interpenetram, como sugere a discussão proposta por Claval e Haesbaert, além dos demais autores que acompanham o desenvolvimento desse debate, quais sejam Chelotti, Pessôa e Cruz.

Logo, neste estudo, o espaço da Associação é abordado a partir de uma perspectiva simbólico/cultural e subjetiva do território. Não desconsiderando sua base material, mas especialmente a considerando como produto da apropriação de um grupo, representado pelos catadores, em relação a seu espaço-vivido de trabalho; e a partir das relações socioespaciais ali estabelecidas, enfatizando aquelas que se relacionam aos riscos presentes nesse ambiente laboral. Também foi oportuna a apreensão das memórias, dos significados e representações que ligam este território físico ao grupo de catadores, que por sua vez, são condições para as referências identitárias relacionadas a tal espaço.

2.2 OS RESÍDUOS SÓLIDOS, OS (AS) CATADORES (AS) E A ASCANAVI

As atividades praticadas pelo homem, ainda que somente para sua subsistência, geram resíduos variados, dentre os quais se destacam os resíduos sólidos. Ao longo do tempo, a intensificação do consumo humano, dentre outros fatores, contribuiu para o aumento da produção desses materiais. O acúmulo de resíduos sólidos, por sua vez, tornou-se um problema ambiental e de saúde pública, além de ser uma questão que envolve aspectos sociais, econômicos e administrativos (SIQUEIRA; MORAES, 2009).

O termo lixo ainda é muito empregado como referência aos resíduos sólidos. Contudo, a determinação de que lixo é todo material sólido que não tem mais serventia foi substituída por uma definição mais atual, que leva em consideração a possibilidade de reaproveitamento dos resíduos sólidos que são provenientes da atividade humana, e que podem ser reciclados e parcialmente utilizados (PEREIRA NETO, 2007). O autor destaca que as adversidades geradas pelos resíduos sólidos demandam *expertise* de diversas áreas do conhecimento, o que aponta para um problema interdisciplinar. Isso, pois a temática resíduos sólidos é complexa e envolve, além dos malefícios à saúde pública ocasionados pelo descarte inadequado desses materiais, a questão do valor social, econômico e ambiental dos mesmos. Portanto, a discussão acerca da questão pode aparecer envolvendo o campo da saúde, da engenharia ambiental, do direito, das relações do trabalho, da engenharia de segurança do trabalho, da geografia, dentre outros.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) estabeleceu uma definição mais abrangente para o termo resíduo sólido, do que aquela constante na Norma Brasileira (NBR) 10.004/2004 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004), ao caracterizar tal termo como todo produto descartado, proveniente da atividade humana, e incluir os gases na definição do mesmo. A Lei nº 12.305 de dois de agosto de 2010, que instituiu tal política, em seu Art. 3º, Inciso XVI, define resíduo sólido como todo material, substância, objeto ou bem descartado, proveniente das atividades humanas; a destinação final de tais produtos se procede, se propõe proceder ou se está obrigado a proceder, nos estados sólido ou semissólido. Nesta definição estão incluídos os gases contidos em recipientes, e os líquidos que, devido a determinadas características específicas, não podem ser lançados na rede pública de esgotos ou em corpos d'água, ou que para que isso aconteça, seja necessária a adoção de soluções, que do ponto de vista técnico ou econômico, são consideradas inviáveis diante da tecnologia disponível (BRASIL, 2010a).

Os resíduos sólidos podem ser classificados de várias maneiras, sendo as mais usuais a classificação quanto à sua periculosidade e quanto à sua natureza ou origem (PEREIRA; CURI, 2013). Oliveira (2011) relata em seu estudo sobre a percepção de risco de catadores de materiais recicláveis em uma cooperativa na Bahia, que o comportamento desses trabalhadores diante da exposição ao risco baseia-se em sua vivência, em suas experiências passadas envolvendo acidentes e incidentes. Assim, à medida que tais sujeitos passam a conhecer as características de um resíduo sólido que definem o seu risco, tal comportamento passa a ser configurado.

A periculosidade representa a característica de um resíduo que, em virtude de suas propriedades físicas, químicas ou infectocontagiosas, pode apresentar risco à saúde pública, provocando e/ou aumentando índices de mortalidade e doenças, e/ou riscos ao meio ambiente, em caso de gerenciamento inadequado (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2004). Em relação à periculosidade, os resíduos classificam-se em:

Quadro 1 ó Classificação dos resíduos sólidos quanto à periculosidade.

Tipo de resíduo	Definição
Perigosos ou resíduos classe I	Passíveis de risco à saúde e/ou ao meio ambiente por apresentarem uma ou mais das seguintes propriedades: inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade, patogenicidade, carcinogenicidade ² , teratogenicidade ³ e mutagenicidade ⁴ .
Não perigosos ou resíduos classe II	Aqueles não enquadrados nesta classificação como perigosos. Dividem-se em: Resíduos Classe II A ó Não Inertes - aqueles que não se enquadram nas classificações de Resíduos Classe I - Perigosos ou de Resíduos Classe II B ó Inertes; e Resíduos Classe II B ó Inertes.

Fonte: Adaptado de Associação Brasileira de Normas Técnicas (2004); Brasil (2010a).

² É a propriedade do que pode causar câncer em seres humanos ou em animais (MORAIS, 2011).

³ É a propriedade do que pode causar alteração no desenvolvimento do ser vivo, embrião, feto (MORAIS, 2011).

⁴ É a propriedade daquilo que é capaz de produzir uma mudança ou mutação no material genético de uma célula viva (MORAIS, 2011).

Quanto à origem, os resíduos sólidos classificam-se da seguinte forma:

Quadro 2 ó Classificação dos resíduos sólidos quanto à origem (continua).

Tipo de resíduo	Definição
Resíduos domiciliares	Itens como sobras de alimentos, garrafas de vidro ou plástico, embalagens, papel higiênico, provenientes de atividades domésticas desenvolvidas em residências urbanas.
Resíduos de limpeza urbana	Folhas, galhos de árvores, terra, resíduos descartados incorretamente, oriundos da varrição e limpeza de logradouros e vias públicas, além de outros serviços de limpeza urbana.
Resíduos sólidos urbanos (RSU)	Constituídos pelos resíduos domiciliares e resíduos de limpeza urbana.
Resíduos de estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços	Todos os resíduos citados nas atividades descritas nesta classificação, excetuando-se: resíduos de limpeza urbana, resíduos dos serviços públicos de saneamento básico, resíduos de serviços de saúde (RSS), resíduos da construção civil, resíduos de serviços de transportes.
Resíduos dos serviços públicos de saneamento básico	Todos os resíduos citados nas atividades descritas nesta classificação, excetuando-se os geradores de RSU.
Resíduos industriais	Resíduos provenientes de processos produtivos e instalações industriais, bem como aqueles não associados à atividade fim da indústria.
Resíduos de Serviços de Saúde (RSS)	Oriundos de serviços de saúde, conforme definido em regulamento ou em normas estabelecidas pelo Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA) e pelo Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (SNVS).
Resíduos da construção civil	Agregados, fragmentos de concreto armado, madeira, solo, argamassa, cerâmica, dentre outros resíduos oriundos de atividades da construção civil, incluindo reformas, reparos, demolições, escavações.
Resíduos agrossilvopastoris	Resíduos gerados nas atividades agropecuárias e silviculturais, incluídos os relacionados a insumos utilizados nessas atividades, como embalagens contendo restos de fertilizantes químicos e pesticidas.

Fonte: Adaptado de Associação Brasileira de Normas Técnicas (2004); Brasil (2010a).

Quadro 2 ó Classificação dos resíduos sólidos quanto à origem (continuação).

Tipo de resíduo	Definição
Resíduos de serviços de transporte	Provenientes de portos, aeroportos, terminais alfandegários, rodoviários e ferroviários e passagens de fronteira, que devem ser objeto de atenção especial em função do risco de transmissão de doenças e disseminação de pragas dentre outros, apresentado pelo tráfego de pessoas e cargas.
Resíduos de mineração	Provenientes de atividades de pesquisa, extração ou beneficiamento de minérios.

Fonte: Adaptado de Associação Brasileira de Normas Técnicas (2004); Brasil (2010a).

De acordo com pesquisas realizadas pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE), no país, em 2016, foram coletados cerca de 71,3 milhões de toneladas de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU), aproximadamente 256 (duzentas e cinquenta e seis) mil toneladas de resíduos provenientes de serviços de saúde, e 45,1 milhões de toneladas de Resíduos de Construção e Demolição (RCD) (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS, 2016).

Ocorre que os municípios brasileiros, em grande parte, apresentam dificuldades semelhantes no que se refere à disposição final dos RSU, que passa pela ausência e/ou inexistência de planejamento e gerenciamento integrado deste processo. Faz-se necessário o desenvolvimento de programas integrados, que ao serem institucionalizados, tornem-se instrumentos de política pública de saneamento ambiental (LEALDINI; ZAINÉ, 2008; FAGUNDES, 2009).

Nem todo o RSU gerado no país é coletado e recebe destinação adequada. De acordo com um estudo publicado em 2017, estima-se que sejam geradas, no Brasil, cerca de 160 (cento e sessenta) mil toneladas diárias de RSU, dos quais 30% (trinta por cento) a 40% (quarenta por cento) são passíveis de reaproveitamento e reciclagem, desconsiderando-se a compostagem de resíduos orgânicos (SILVA, 2017).

As formas utilizadas para a disposição dos resíduos sólidos são: aterros sanitários, lixões, compostagem e incineração. A destinação final de tais resíduos no país, segundo a última Pesquisa Nacional sobre Saneamento (PNSB), referente ao ano de 2008 e divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, apresentou a seguinte configuração: 27,7% de resíduos depositados em aterros sanitários, 22,5% em aterros

controlados, e 50,8% em lixões a céu aberto (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010).

A ação de reciclar os resíduos é resultado da necessidade de se evitar os malefícios enfrentados pela sociedade em relação à destinação inadequada desse material e, ao mesmo tempo, gerar benefícios para a saúde pública e o ambiente (PEREIRA NETO, 2007; ZACARIAS; BAVARESCO, 2009). Além disso, é preciso levar em consideração a oportunidade de transformar o resíduo em lucro, uma vez que ao substituir a matéria virgem pelo material reciclado nos processos produtivos, diminui-se a extração de recursos naturais e agregam-se valores ambientais e econômicos a tal processo (FRANÇA; RUARO, 2009; ZACARIAS; BAVARESCO, 2009).

Desse modo, a coleta seletiva contribui com a geração de trabalho e renda, ao transformar resíduo em lucro, conforme citado acima. Tal instrumento desenvolve na fonte geradora o hábito da separação do resíduo produzido, promove a redução do consumo e do desperdício através da educação ambiental, e melhora a qualidade da matéria orgânica para a compostagem (RIBEIRO; BESEN, 2007).

No Brasil, a primeira iniciativa organizada de coleta seletiva ocorreu em Niterói, no ano de 1986. A partir de 1990, outras administrações municipais iniciaram as parcerias com cooperativas e associações de catadores para gestão e execução de programas. Tais parcerias tornaram-se modelo de política pública de resíduos sólidos (EIGENHEER, 1993 apud RIBEIRO; BESEN, 2007; EIGENHEER, 1993 apud ACIOLI; CARVALHO; FORTES NETO, 2012). As experiências brasileiras envolvendo a coleta seletiva começaram a ser registradas em 1993, com a publicação de *Coleta Seletiva de Lixo ó experiências brasileiras* e, desde 1994, essa tarefa vem sendo executada pela entidade Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE) (SANTOS, 2011).

A Lei nº 12.305 de dois de agosto de 2010, que institui a PNRS, define a coleta seletiva de resíduos em seu Art. 3º, Inciso V, como *coleta de resíduos sólidos previamente segregados conforme sua constituição ou composição*. A PNRS estabeleceu a coleta seletiva como um de seus principais instrumentos, ao determinar em seu Art. 18, § 1º, que os municípios que realizassem a sua implantação, com a participação de cooperativas ou associações de catadores formadas por pessoas físicas de baixa renda, teriam prioridade no acesso aos recursos da União (BRASIL, 2010a).

Ressalte-se que, anteriormente a essa lei, outra havia sido editada: em cinco de janeiro de 2007 foi publicada a Lei nº 11.445, que determinou a permissão da contratação de cooperativas ou associações de catadores, pelo poder público municipal, sem exigência de

licitação, para a coleta de resíduos sólidos recicláveis nos municípios (BRASIL, 2007). Tal legislação representou um avanço das políticas públicas voltadas para a categoria dos catadores.

A instituição da PNRS, no ano de 2010, significou a busca por suprir a carência que o Brasil possuía, até então, de uma política pública ambiental que fornecesse diretrizes e instrumentos de ação para a correta gestão ambiental dos resíduos sólidos (PEREIRA; TEIXEIRA, 2011). O primeiro ponto da PNRS a ser destacado refere-se à determinação da responsabilidade compartilhada entre governo, empresas e população, pelo ciclo de vida dos produtos, definida por meio do Art 3º, Inciso XVII da Lei 12.305/2010:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei entende-se por:

(...)

XVII - responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos: conjunto de atribuições individualizadas e encadeadas dos fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes, dos consumidores e dos titulares dos serviços públicos de limpeza urbana e de manejo dos resíduos sólidos, para minimizar o volume de resíduos sólidos e rejeitos gerados, bem como para reduzir os impactos causados à saúde humana e à qualidade ambiental decorrentes do ciclo de vida dos produtos, nos termos desta Lei; [...] (BRASIL, 2010a).

O Art. 3º, Inciso XVII da mesma Lei apresenta o conceito de logística reversa, ou seja, a coleta e o retorno de resíduos à indústria após o consumo, que também é uma inovação importante da PNRS:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei entende-se por:

(...)

XII - logística reversa: instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada; [...] (BRASIL, 2010a).

A atividade de catação e seus atores exercem protagonismo no processo de gerenciamento de RSU. A PNRS incentiva a participação efetiva dos catadores em ações de responsabilidade compartilhada, através da redação dada pelo Art 7º, Inciso XII da Lei 12.305/2010:

Art. 7º São objetivos da Política Nacional de Resíduos Sólidos:

(...)

XII - integração dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis nas ações que envolvam a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos; [...] (BRASIL, 2010a).

Contudo, apesar de fornecer direcionamentos para que a sociedade gerencie os resíduos sólidos de modo adequado, a PNRS não contempla especificamente possíveis riscos associados aos RSU e, tampouco, a existência de relações entre a identidade territorial advinda da vivência dos catadores de resíduos sólidos em seu espaço de trabalho e a percepção desses sujeitos a respeito de tais riscos.

A recuperação da matéria prima dos RSU envolve a coleta seletiva e a triagem desses materiais, sua limpeza e prensagem e/ou enfardamento, de acordo com o tipo de material, para utilização secundária, ou seja, sua reciclagem (RIBEIRO et al., 2014). Conforme Silva (2017, p. 14), “[...] os catadores realizam um trabalho que consiste em coletar, separar, transportar, acondicionar e, às vezes, beneficiar o material dos resíduos sólidos utilizados que tem valor de mercado e poderá ser vendido para reutilização ou reciclagem.”

De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, os catadores de material reciclável: “Catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais reaproveitáveis.” (BRASIL, 2010b, p. 805).

O processo de reciclagem pode envolver outros sujeitos, diferentes da figura do catador. A estrutura piramidal da reciclagem, composta em sua base pelos catadores de resíduos, envolve também compradores, na figura de intermediários ou atravessadores, que por sua vez podem comercializar com outros intermediários de maior porte, ou ainda, diretamente com indústrias de reciclagem (GONÇALVES, 2009; MARTINS et al., 2016).

Os benefícios ocasionados pela atividade de catação são evidentes. Ao retirar do meio ambiente grande parte do que é descartado, tal atividade contribui para a diminuição do risco de enchentes e redução da poluição. Ademais, o incentivo à reciclagem do resíduo contribui para a redução da exploração de recursos naturais e possibilita a economia de matéria-prima na produção de outros materiais, além de gerar renda para aqueles que a executam (PEREIRA; CURI, 2013; SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014; MONTEIRO; SILVA; DIFANTE, 2013).

A atividade exercida pelos catadores, muitas vezes, não é bem recebida pela população. Um estudo realizado por Santos e Silva (2009) concluiu que a maior preocupação dos catadores encontra-se no olhar direcionado pela sociedade para a sua profissão. Geralmente, as pessoas que atuam na atividade de catação, o fazem por não terem alternativa de trabalho para a sobrevivência e, assim, mesmo praticando uma ação benéfica para a sociedade, estão sujeitas à precariedade do trabalho e ao preconceito (SANTOS; SILVA, 2009; SILVA, 2017).

Em função do problema enfrentado pela sociedade de não saber lidar com o resíduo gerado e a adequada destinação do mesmo, os catadores e catadoras tornaram-se verdadeiros agentes ambientais, ao contribuírem com a transformação do resíduo em mercadoria de interesse e com a limpeza urbana. Ao mesmo tempo, vivenciam um paradoxo, ao figurarem como sujeitos invisíveis e marginalizados (SILVA; GOES; ALVAREZ, 2013; SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

Os primeiros registros da atuação de catadores de materiais recicláveis no Brasil datam do século XIX, isto é, o fenômeno acompanhou o processo de urbanização do país (SILVA; GOES; ALVAREZ, 2013). O aumento da geração de resíduos e a possibilidade de transformação daquilo que é rejeitado em matéria-prima para o trabalho, ou seja, em renda, intensificou a atividade de catação ao longo dos anos (ZACARIAS; BAVARESCO, 2009).

Nas últimas décadas, no Brasil, os catadores de materiais recicláveis começaram a se mobilizar coletivamente. Pastorais da Igreja Católica, diversas organizações não governamentais (ONG) e universidades buscaram aproximação com os catadores de materiais recicláveis que atuavam nas ruas, proporcionando experiências que incentivaram o amadurecimento do movimento dos catadores, o que culminou com a organização do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) (SANTANA; METELLO, 2016).

O I Encontro Nacional de Catadores de Papel, ocorrido em 1999, marcou o início do MNCR, que foi efetivamente fundado durante o I Congresso Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis em Brasília (DF), em junho de 2001. O movimento se estende por outros países da América Latina, como mostra os documentos gerados no I Congresso Latino-americano de catadores (as) em Caxias do Sul (RS), no ano de 2003, e nos II e III Congresso Latino-americano de catadores (as), ambos ocorridos em 2005, em São Leopoldo (RS) e em Bogotá, na Colômbia, respectivamente (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 2009).

O MNCR é organizado e gerido pelos próprios catadores, e representa a voz desses sujeitos na luta por suas demandas. Além de defender melhorias nas condições de trabalho dos catadores, o movimento propõe a organização do trabalho através de cooperativas ou associações (OLIVEIRA, 2011; SANTANA; METELLO, 2016). A organização e articulação dos catadores na forma de categoria social possibilitou que obtivessem maior respaldo para tratar de questões referentes à sua cidadania e atividade profissional (SILVA, 2017).

Nas bases de acordo do MNCR, encontram-se aquelas relacionadas ao trabalho, dentre as quais se destaca: proceder de maneira idônea no exercício de sua atividade profissional,

prevenindo acidentes, evitando situações ou exposições a riscos à saúde pessoal, familiar ou pública (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 2009, p. 28).

O número de trabalhadores que se declaram catadoras e catadores no país, de acordo com o último censo do IBGE realizado no ano de 2010 (BRASIL, 2010c), é de 387.910 (trezentos e oitenta e sete mil e novecentos e dez), número esse referendado por Silva et al. (2013), a partir da análise de microdados do IBGE. Entretanto, uma pesquisa de Dagnino e Johansen (2017) sobre características demográficas e socioeconômicas dos coletores de material reciclável, classificadores de resíduos e varredores, baseou-se nos dados do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) da Universidade de São Paulo (USP), e encontrou um total de 398.348 (trezentos e noventa e oito mil e trezentos e quarenta e oito) trabalhadores, correspondente ao ano de 2010; encontravam-se classificados nas ocupações de códigos 9611, 9612 e 9613, sendo estes, respectivamente, "Coletores de lixo e material reciclável", "Classificadores de resíduos" e "Varredores e afins". Segundo Dagnino e Johansen (2017), a diferença entre os números de trabalhadores apresentados pelos pesquisadores citados se dá, pois Silva et al. (2013) não consideraram em sua análise os trabalhadores correspondentes ao código 9613, ou seja, os "Varredores e afins".

Esse número, porém, é bem mais expressivo, de acordo com dados divulgados pelo CEMPRE, que indicam a existência de 800.000 (oitocentos mil) catadores no Brasil, dos quais cerca de 30.000 (trinta mil) estão organizados em cooperativas (COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM, 2013).

O modo de organização do trabalho dos catadores de resíduos sólidos pode ocorrer de forma autônoma ou em cooperativas/associações. Os catadores de materiais recicláveis podem atuar de forma isolada ou em família, percorrendo rotas de coleta específicas nos municípios, em áreas residenciais e empresas, ou ainda desempenhar a atividade em lixões ou aterros sanitários, onde os resíduos são despejados diariamente. Também podem se organizar e articular na forma de cooperativas ou associações, gerando trabalho e renda (SILVA; GOES; ALVAREZ, 2013; BRASIL, 2010b).

A PNRS estimula o estabelecimento de parcerias entre os municípios e cooperativas/associações de catadores (BRASIL, 2010a). A filiação dos catadores à cooperativas/associações, conforme incentivo da PNRS, destinadas a garantir a coleta e a reciclagem dos resíduos, acaba por contribuir com a melhoria do ambiente de trabalho, a redução dos riscos à saúde e o aumento da renda desses trabalhadores (COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM, 2013).

A coleta seletiva no país ainda é incipiente. Dados da pesquisa Ciclossoft⁵, realizada pelo CEMPRE, indicam que cerca de 18% (dezoito por cento) do total de municípios brasileiros desenvolvem programas de coleta seletiva e que, em 44% (quarenta e quatro por cento) deles, a coleta seletiva municipal é executada por cooperativas de catadores (COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM, 2016).

A consolidação de programas de logística reversa de empresas que procuram recuperar produtos recicláveis conta com o auxílio de cooperativas, que contribuem com o prolongamento da vida útil de produtos e embalagens, ao executar a coleta, a separação e o fornecimento de matéria-prima secundária para as indústrias (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012).

Os catadores de materiais recicláveis vêm se organizando em cooperativas e associações desde o final da década de 1980, sendo que São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte abrigaram as primeiras organizações (PEREIRA; TEIXEIRA, 2011)⁶. Ainda conforme esses autores, a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (ASMARE) surgiu em Belo Horizonte, no ano de 1990, após um trabalho desenvolvido pela Pastoral de Rua⁷ da Arquidiocese desta cidade junto aos catadores.

Segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2014a), a diferença entre uma associação e uma cooperativa encontra-se na natureza dos dois processos, pois enquanto a primeira se adequa ao desenvolvimento de atividades sociais, a segunda tem finalidade essencialmente econômica. Ainda conforme o mesmo autor, os associados de cooperativas são os donos do patrimônio e beneficiários diretos dos resultados do processo

⁵ Pesquisa de abrangência geográfica em escala nacional, que tem como objetivo demonstrar quais os municípios brasileiros que possuem programas estruturados de coleta seletiva (COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM, 2016).

⁶ A Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002, que institui o Código Civil brasileiro, prevê que os associados podem ter direitos iguais, mas o estatuto da associação pode prever categorias com vantagens especiais. Ainda segundo a legislação, em caso de dissolução da associação, seu patrimônio líquido remanescente será destinado à entidade de fins não econômicos designada no estatuto, ou, omissa esta, por deliberação dos associados, à instituição municipal, estadual ou federal, de fins idênticos ou semelhantes (BRASIL, 2002). Sobre as cooperativas, conforme dispõe a Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002, cada sócio possui uma quota do capital social, que é variável, pode ser dispensada ou, ainda, limitada. Não é permitida a transferência de tais quotas a terceiros, mesmo que através de herança e, ainda que a sociedade seja desfeita, o fundo de reserva não pode ser dividido entre os sócios. Nas cooperativas, a responsabilidade dos sócios pode ser limitada ou ilimitada: limitada, quando o sócio responde somente pelo valor de suas quotas e pelo prejuízo verificado nas operações sociais, guardada a proporção de sua participação nas mesmas operações; ilimitada, quando o sócio responde solidária e ilimitadamente pelas obrigações sociais (BRASIL, 2002).

⁷ [...] organização vinculada à igreja católica, que atua auxiliando a promoção da dignidade da população em situação de rua e que atua em Belo Horizonte desde 1987 (NEVES-SILVA; MARTINS; HELLER 2017, p. 90).

organizado; sendo que em uma associação, o patrimônio acumulado pertence à mesma e não a seus associados.

A Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2001, que instituiu o Código Civil brasileiro, determina em seu Art. 53, que as associações devem se constituir de pessoas organizadas para fins não econômicos (BRASIL, 2002). Uma associação pode reunir pessoas físicas ou jurídicas, sem finalidades lucrativas, que possuam objetivos comuns e visem melhores condições para atingir tais finalidades. (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2014b).

Uma associação possui estatuto, elaborado conjuntamente por seus associados, que também participam igualmente da tomada de decisões, que ocorrem em assembleia geral, onde também se elege uma diretoria que será responsável pela administração do empreendimento, baseada na autogestão (SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, 2014b).

A fim de garantir que o trabalho realizado por catadores e catadoras seja em benefício coletivo, fortalecendo economicamente a categoria, o MNCR adota estratégias baseadas no princípio de práticas de autogestão e da busca pelo desenvolvimento no controle na cadeia produtiva de reciclagem (MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS, 2009). Assim, conforme o autor citado, a organização do trabalho se dá através de cooperativas, associações, entrepostos e grupos.

As experiências associativas representam melhores condições de trabalho para os catadores de resíduos sólidos. As associações desses profissionais, juntamente com a efetiva implantação de um programa de coleta seletiva, contribuem para que tais trabalhadores deixem de desenvolver a atividade informal, saindo da condição de precarização e marginalização (TROMBETA, 2012). Nas cooperativas surgem especializações do trabalho, como as funções de separador, triador e enfardador de sucatas (BRASIL, 2010b).

As cooperativas e associações oferecem benefícios aos associados. Oliveira (2011) relata que a atuação organizada de cooperativas no processo de coleta de materiais recicláveis tem como objetivos: a geração de emprego e renda, a inclusão social, a promoção de ações de educação ambiental e de segurança no trabalho, a capacitação e formação dos trabalhadores, a cooperação técnica e financeira, a divulgação e valorização da atividade de catação, além do aumento da quantidade e qualidade dos materiais coletados.

Neste contexto, a ASCANAVI, localizada no município de Governador Valadares - MG, insere-se no panorama de gestão de resíduos sólidos. Foi criada como uma Associação que gera renda para os (as) catadores (as) de materiais recicláveis associados, incluindo-os

(as) no mercado de trabalho como atores sociais, que colaboram para a minimização de um problema ambiental enfrentado pelos municípios, e que é consequência do descarte inadequado de resíduos. Assim, sua própria denominação - Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis Natureza Viva - remete à contribuição dos (as) catadores (as) em relação às questões ambientais; pois são agentes modificadores do processo de degradação da vida e da natureza. Além da coleta dos resíduos sólidos recicláveis, a Associação trabalha no sentido de disseminar, entre a população, a cultura do respeito à importância da separação e do descarte adequado do material.

Segundo os dados mais atualizados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), a unidade de processamento de resíduos sólidos situada em Governador Valadares, conforme informação do próprio município, é caracterizada como uma Unidade de Transbordo, que não recebe resíduos de outros municípios, encontra-se ativa, e é operada por uma empresa privada (BRASIL, 2018). As estações de transbordo são pontos intermediários, de localização estratégica na cidade, nos quais o resíduo coletado é depositado por caminhões de médio porte, não havendo qualquer tipo de tratamento, e recolhido por caminhões de maior capacidade de transporte, sendo conduzido até o aterro⁸ (COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM, 2018).

Em Governador Valadares, os RSU que após a coleta são encaminhados para a área de transbordo, localizada na Rodovia BR-116, km 475, Bairro Turmalina, anexa ao antigo aterro controlado do município⁹, atualmente são transportados, a partir desse local, em carretas de até 35 (trinta e cinco) m³ até o destino final, ou seja, o aterro sanitário de Santana do Paraíso - MG¹⁰, a uma distância de 100 (cem) km (GOVERNADOR VALADARES, 2015). No mesmo

⁸O Art 18 da Lei 12.305/2010, que instituiu a PNRS, prevê a elaboração, pelos municípios, de um plano municipal de gestão integrada de resíduos sólidos como condição para que os mesmos tenham acesso a recursos da União destinados à limpeza urbana e ao manejo de resíduos sólidos urbanos (BRASIL, 2010a).

⁹Os lixões representam uma maneira inadequada de disposição, pois os resíduos são depositados diretamente sobre o solo, sem qualquer controle e proteção, de modo que a saúde pública e o ambiente tornam-se vulneráveis; os aterros controlados apresentam-se como uma técnica de disposição que não ocasiona danos à saúde e à segurança e diminui os danos ambientais, uma vez que o resíduo depositado é coberto por uma camada de material inerte; contudo, em função da inexistência da impermeabilização de base, as águas subterrâneas podem ser comprometidas; já os aterros sanitários constituem-se de um processo seguro de disposição de resíduos, que não compromete a saúde pública e permite um controle ambiental, pois além da cobertura do resíduo com material inerte, existe a camada de base impermeabilizada (COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM, 2018).

¹⁰A disposição final ambientalmente adequada dos resíduos sólidos municipais deve ser realizada através de aterros, evitando assim riscos à saúde pública, à segurança, e minimizando impactos ambientais (BRASIL, 2010a). Como o município de Governador Valadares/MG possui uma área de transbordo, segundo Governador Valadares (2015), os RSU são encaminhados de tal área para o aterro sanitário de Santana do Paraíso/MG.

complexo onde está situada a unidade de transbordo, encontra-se em atividade a ASCANAVI (GOVERNADOR VALADARES, 2015).

Os resíduos da construção civil não são coletados pelo poder público, e assim, as empresas de tele-entulho e carroceiros dispõem tais materiais nos denominados bota-foras¹¹. Os resíduos provenientes da varrição, classificados conforme o quadro 2 (Classificação dos resíduos sólidos quanto à origem) como resíduos de limpeza urbana, são recolhidos diariamente no centro da cidade e, nos demais bairros, nos dias correspondentes à coleta dos resíduos domiciliares. A coleta é realizada pela empresa Pavimentação e Terraplenagem Ltda (PAVOTEC)¹², utilizando-se de caminhões compactadores e basculantes/carroceria.

Os Resíduos de Serviços de Saúde (RSS) referentes aos grupos A¹³, B¹⁴, E¹⁵ são coletados por uma empresa terceirizada pela prefeitura, que encaminha tais materiais para o processo de autoclavagem, a fim de inativar os microorganismos presentes nos mesmos; após tal processo, os resíduos são dispostos em aterro sanitário. Já a fração não reciclável dos pertencentes ao grupo D¹⁶ é recolhida pela PAVOTEC. Finalmente, os RSS que fazem parte da fração reciclável do grupo D são coletados pela ASCANAVI (GOVERNADOR VALADARES, 2015).

A coleta seletiva realizada pela ASCANAVI ocorre por meio do sistema porta a porta, conforme dias e horários predefinidos. Dados do ano de 2015¹⁷ mostram que o material coletado em 37 (trinta e sete) bairros do município, aproximadamente 70% (setenta por cento) do território urbano, é encaminhado para a associação, onde os catadores realizam a triagem e prensagem, ficando os fardos do produto reciclável armazenados no galpão existente no local até a comercialização (GOVERNADOR VALADARES, 2015). Concomitantemente, o

11 O Art. 11 da Lei 6.798/2017, que institui a Política de proteção ao animal de grande porte, no âmbito do Município de Governador Valadares/MG, e dá outras providências, estabelece diretrizes da Política Municipal de Utilização Sustentável dos Veículos de Tração Animal (VTA) (GOVERNADOR VALADARES, 2017). Já o Art. 12 da mesma lei, regulamenta o registro e autorização para circulação de VTA, destinados ao transporte de cargas ou pessoas (GOVERNADOR VALADARES, 2017).

12 A PAVOTEC é Pavimentação e Terraplenagem Ltda. é a empresa que detém o contrato com a Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (SMSU), sendo responsável pelo serviço de limpeza urbana do município de Governador Valadares desde abril de 2007 (GOVERNADOR VALADARES, 2015).

13 Resíduos Grupo A - Resíduos com possibilidade de conterem agentes biológicos e que, portanto, podem causar infecção (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, 2004).

14 Resíduos Grupo B é apresentam substâncias químicas que podem causar risco à saúde pública ou ao meio ambiente (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, 2004).

15 Resíduos Grupo E é representados pelos materiais perfurocortantes ou escarificantes (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, 2004).

16 Resíduos Grupo D é são aqueles que não apresentam risco biológico, químico ou radiológico à saúde ou ao meio ambiente, podendo ser equiparados aos resíduos domiciliares (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, 2004).

17 Dados mais recentes publicados, disponíveis no Plano Municipal de Saneamento Básico (PMSB) (GOVERNADOR VALADARES, 2015).

processo de triagem realizado pelos catadores também gera o rejeito, ou seja, um passivo ambiental, uma vez que tal material é depositado em área a céu aberto e não impermeabilizada, com risco potencial de contaminação do solo e das águas subterrâneas (GOVERNADOR VALADARES, 2015).

No ano de 2012, no município de Governador Valadares, foram recuperados nos processos de triagem cerca de 867 (oitocentas e sessenta e sete) toneladas de materiais recicláveis, excetuando-se matéria orgânica e rejeitos, correspondentes a 57,2% do total recolhido. Em 2014, a proporção de material comercializado foi mantida em cerca de 53,02% do total de material reciclável coletado (GOVERNADOR VALADARES, 2015).

Na cidade de Governador Valadares, o trabalho de catação existe há mais de 40 anos, quando os lixões se constituíam como fonte de renda para várias pessoas. Uma vez que o lixão se tornava saturado, as atividades de catação ali ocorridas passavam a acontecer em outro local (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

A atual área de transbordo do município de Governador Valadares corresponde ao antigo lixão do Bairro Turmalina que, segundo Teixeira et al. (2018), é utilizado para o depósito de resíduos desde o final da década de 1980. Este foi o último lixão onde os catadores atuaram antes da criação da Associação; e era uma área de lagoa, segundo relato desses sujeitos (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

Patrícia (2001) relata, em um artigo veiculado pelo Diário do Rio Doce em junho de 2001, que a Prefeitura Municipal de Governador Valadares e o Ministério do Meio Ambiente estavam, à época, assinando um convênio que garantia a liberação de recursos que seriam utilizados no desenvolvimento de um projeto para a recuperação do lixão situado no bairro Turmalina e a construção de um aterro sanitário. O artigo ressalta, dentre outras questões, o fato de não mais ser permitida a presença de catadores no local, sendo que os mesmos passariam a desenvolver suas atividades em galpões para a seleção e prensagem do resíduo reciclável.

Em agosto de 2001, também em um artigo publicado no Diário do Rio Doce, Andrade (2001a) destaca que, o então prefeito de Governador Valadares, após matéria exibida em uma emissora de televisão local que mostrava crianças e adultos em busca de alimentos no lixão do Bairro Turmalina, determinou o cercamento e o impedimento do acesso ao mesmo pelas famílias que sobreviviam da catação. Tais famílias seriam incluídas no programa bolsa-escola municipal, sendo que cada uma delas receberia a quantia de R\$ 144,00 (cento e quarenta e quatro reais) mensais, até a conclusão do galpão no Bairro Grã-Duquesa, destinado à coleta seletiva (ANDRADE, 2001a). Ainda em agosto de 2001, o mesmo jornal publicou um artigo

tratando da angústia vivida pelas famílias de catadores, que não mais poderiam permanecer na área do lixão praticando a catação, em função da decisão pelo encerramento das atividades do local (SANTANA, 2001).

Em primeiro de setembro de 2001, o Diário do Rio Doce noticiava que, apesar de o encerramento das atividades do lixão do Bairro Turmalina ter sido anunciado pela Prefeitura Municipal de Governador Valadares na semana anterior, em virtude do fato de algumas famílias que atuavam no local não se enquadrarem no programa bolsa escola, por não possuírem filhos em idade escolar, a interdição só ocorreria na semana seguinte, após a solução do entrave (ANDRADE, 2001b). Alvarenga (2001) relata em artigo publicado na edição de seis de setembro de 2001 do já citado jornal, que naquele dia o lixão seria fechado, com repasse às famílias que dele tiravam o seu sustento, do adiantamento do pagamento do benefício assegurado pela prefeitura, até que o galpão para abrigar a atividade dos catadores fosse concluído.

A edição de sete de setembro de 2001 do Diário do Rio Doce noticiava o fechamento oficial do lixão do Bairro Turmalina no dia anterior (DANI, 2001). Em janeiro de 2002, em uma matéria do mesmo jornal sobre retrospectivas do ano de 2001, Alvarenga (2002) relatou a transformação do lixão do Bairro Turmalina em aterro sanitário. A luta pela permanência do fechamento do lixão em Governador Valadares envolveu, inclusive, denúncias sobre o trabalho infantil realizado nos lixões, uma vez que muitas mães exerciam a catação, acompanhadas de seus filhos (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

Conforme relatos dos catadores e catadoras de Governador Valadares apresentados por Souza et al. (2014), era no lixão do Bairro Turmalina que a maioria deles trabalhava, antes da formação da ASCANAVI. Nesse local, cada catador ou catadora possuía uma barraca, onde depositava seu material. Trabalhavam por conta própria, no horário por eles escolhido; vendiam a mercadoria, como latinha, papel, papelão, plástico, ferro, cobre, dentre outras, ao atravessador, e recebiam o pagamento em períodos por eles determinados. Descrevem que enfrentavam dificuldades como: a chuva, que prejudicava o trabalho; a ausência de recursos, que os obrigava a trabalhar mesmo machucados; a existência de roubos e pessoas violentas no lixão; a discriminação sofrida; dentre outras (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

Informações constantes em Souza et al. (2014) indicam que na ASCANAVI haviam trabalhadores e trabalhadoras que ao longo de suas vidas somente laboraram na catação, e existiam também aqueles que antes de se tornarem catadores, exerciam diversas funções, tais como: donas de casa, pedreiros, caseiros e caseiras, lavadeiras, trabalhadores e trabalhadoras da zona rural, empregadas domésticas, dentre outras. À medida que perdiam seus empregos,

ou ainda, quando a renda tornava-se insuficiente para o sustento de suas famílias, tais sujeitos passavam a se dedicar, exclusivamente, à catação (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

Segundo narrativas dos próprios associados, a ideia de que uma associação de catadores fosse criada em Governador Valadares partiu de um grupo de voluntários que iniciou uma aproximação com os catadores que atuavam no lixão do Bairro Turmalina (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014). Esse grupo era formado, especificamente, pelas senhoras Marinalva Alves de Oliveira e Cida Pereira, integrantes do Grupo Fermento¹⁸; pelo Padre Antonio Amort, Diretor Espiritual do Grupo Fermento, e pelo senhor João Domingos Fassarela (1946-2006), prefeito de Governador Valadares entre 2001 e 2004; e aos poucos, passou a contar com outros membros (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014). Portanto, da aproximação entre o Grupo Fermento e os catadores que atuavam no lixão do Bairro Turmalina, com o apoio da ASMARE e da Pastoral de Rua de Belo Horizonte, resultou a organização da ASCANAVI (ALMEIDA, 2007).

O processo de criação da ASCANAVI envolveu muita luta: em busca de um sonho, de espaço para a construção dos galpões, de equipamentos, de regularização de documentação, de implantação de coleta seletiva no município, de conscientização da população para a separação adequada do resíduo, de manutenção do fechamento do lixão, dentre outras (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

Assim, a ASCANAVI foi fundada em 26 de janeiro de 2002, a partir da extinção do lixão do Bairro Turmalina em setembro de 2001. Em reunião realizada nesta mesma data foi aprovado o Estatuto da Associação (ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NATUREZA VIVA, 2002a). Os catadores e catadoras que ali atuavam buscavam a organização do trabalho, além do resgate da dignidade através do trabalho e da renda (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014). O Regimento Interno da Associação foi aprovado em reunião realizada em nove de julho de 2003 (ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NATUREZA VIVA, 2003a).

O apoio da ASMARE foi fundamental no início do processo de formação da ASCANAVI. Cinco catadores de Governador Valadares, o Padre Antônio Amort e a senhora Marinalva Alves de Oliveira tiveram a oportunidade de permanecer uma semana em Belo Horizonte, acompanhando as atividades dos catadores na ASMARE, que já possuía

¹⁸ Grupo de voluntários que, durante dez meses, se envolveu na aproximação com os catadores que atuavam no lixão, a fim de fundar a associação (ALMEIDA, 2007).

experiência associativa. Ao retornarem a Governador Valadares iniciaram as reuniões com os (as) catadores (as), tanto os (as) que atuavam no lixão, como aqueles (as) que trabalhavam nas ruas, a fim de conscientizá-los acerca da importância do trabalho organizado; no caso, na forma de uma associação (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014). O modo de trabalho organizado, a participação dos (as) catadores (as) em seminários e palestras reflete a busca pelo crescimento da Associação e pelo fortalecimento do MNCR, ao qual a ASCANAVI está ligada (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014). A Lei nº 5.576 de nove de junho de 2006 reconhece tal associação como entidade de utilidade pública municipal (GOVERNADOR VALADARES, 2006).

Destacam-se várias lutas travadas pelos trabalhadores e trabalhadoras até a criação do empreendimento em Governador Valadares: acreditar na criação de uma associação; conquistar um espaço para a construção dos galpões, obter os equipamentos e promover a organização do local; conseguir a documentação; implantar a coleta seletiva no município; conscientizar as pessoas a fim de que separassem o material para a coleta; garantir a continuação do fechamento do lixão; aumentar a coleta e a produção, dentre outras (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

Finalmente, as atividades dos catadores e catadoras reunidos na ASCANAVI se iniciaram em 18 de fevereiro de 2002, em um galpão construído no final da Avenida Veneza, no Bairro Grã-Duquesa, com cinquenta e oito trabalhadores (as). O galpão, que não comportou todos os (as) catadores (as) que atuavam outrora no lixão, além de ser o local onde os (as) mesmos (as) exerciam suas atividades laborais, também abrigava: o material a ser reciclado; uma prensa; uma balança; e as bancas de triagem. Existiam, ainda, dois banheiros pequenos e um escritório (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

Souza et al. (2014) relatam, ainda, que a Prefeitura Municipal de Governador Valadares tinha como proposta a construção de um segundo galpão no Bairro Turmalina, onde o restante do grupo de catadores (as) que haviam deixado o lixão passariam a exercer suas atividades, tornando-se novos membros da Associação. Até a conclusão da obra, esses (as) trabalhadores (as) receberam cesta básica da prefeitura e buscaram outras ocupações como lavadeira, doméstica, lavador de carro, ou ficaram sem trabalho (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014, p. 32). Atualmente, a Associação funciona nesse segundo galpão, aberto pela prefeitura em 11 de setembro de 2003, sendo que o primeiro sofreu depreciação, o que impossibilitou a continuidade de sua utilização (SOUZA; ALMEIDA; HOLLERBACH, 2014).

Segundo o Estatuto da Associação, o prazo de duração desta é indeterminado; os (as) associados (as) devem ser pessoas físicas que sobrevivam do recolhimento do material reciclável, sendo vedada a participação como associados (as) de proprietários (as) de depósitos, firmas intermediárias ou, ainda, atravessadores (as) (ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NATUREZA VIVA, 2002b). Inicialmente, cada associado (a) recebia conforme sua produção, em termos de comercialização dos materiais por ele (a) separados e classificados (ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NATUREZA VIVA, 2003b). A organização do trabalho na ASCANAVI se dá em comissões, definidas no Estatuto Social da Associação, aprovado em assembleia e registrado em cartório de registros e títulos de pessoas jurídicas. São as comissões: Finanças; Apoio; Infraestrutura; Meio Ambiente; Educação ó Cultura e Lazer; Saúde; Imprensa e Divulgação; e Religiosidade; os (as) componentes de tais comissões são definidos (as) através de votação ocorrida em assembleia (ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NATUREZA VIVA, 2002b).

Em relação à temática desse estudo, Souza et al. (2014) apresentam relatos dos (as) catadores (as), que expressam os inconvenientes enfrentados devido à falta de recursos para investimento em infraestrutura, máquinas e equipamentos, o que segundo eles (as), contribui para o aumento de riscos à sua saúde. Ademais, esses (as) trabalhadores (as) reconhecem a dificuldade de adaptação aos equipamentos de segurança e de acesso a serviços de saúde pública.

2.3 CATAÇÃO E PERCEPÇÃO DE RISCOS

Ainda que a atividade de catação seja desenvolvida em condições precárias, conforme relatado anteriormente, ela possibilita a sobrevivência de muitos trabalhadores que se encontram fora do mercado de trabalho e sem alternativas para a subsistência. Contudo, ao serem incluídos no mundo do trabalho, tais sujeitos tornam-se excluídos pelo tipo de atividade que executam: em condições inadequadas e frágeis, com alto grau de insalubridade, sem reconhecimento social e com ausência de garantias trabalhistas (MEDEIROS; MACEDO, 2006).

A relação entre as pessoas de baixa renda e os resíduos é problemática, pois apesar de estes representarem uma fonte de sustento, acabam por gerar doenças e contribuir para a degradação ambiental (CALDERONI, 1999 apud SIQUEIRA; MORAES, 2009). Os catadores de materiais recicláveis constituem-se de uma comunidade de risco, pois têm sua

integridade física e saúde expostas aos resíduos, além de serem sujeitos colocados à margem, social e economicamente; o que reflete o próprio conceito do resíduo, com o qual a sociedade tem dificuldades de lidar (CALDERONI, 1999 apud SIQUEIRA; MORAES, 2009).

Os resíduos sólidos manipulados pelos catadores são compostos por substâncias variadas, de natureza desconhecida, o que gera riscos diferenciados (OLIVEIRA, 2011). Assim, a catação de materiais recicláveis pode expor o trabalhador a riscos relacionados a características próprias dessa atividade laboral (OLIVEIRA, 2011). O contato com os resíduos sólidos no exercício de suas atividades laborais expõe os catadores a riscos de contaminação, que podem contribuir diretamente para o processo de adoecimento dos mesmos (FERREIRA; ANJOS, 2001).

O termo *risco* originalmente foi empregado, de modo específico, em grandes empreendimentos, cuja possibilidade de sucesso se desconhecia, como na navegação e na ocupação militar, além de estar relacionado às perspectivas de prejuízos e benefícios das relações mercantis (LIEBER; ROMANO-LIEBER, 2002). O conceito de risco foi alcançando relevância em diversas áreas, entre as quais se destacam: as ciências econômicas, a epidemiologia, a engenharia e as ciências sociais (GUILAM, 1996 apud FISCHER; GUIMARÃES, 2002).

Segundo Marandola Jr. e Hogan (2004), a busca pela compreensão de perigos e riscos aparece com maior ênfase entre os pesquisadores das Ciências da Terra, especificamente na chamada *Geografia Física*. Destacam-se os estudos dos riscos associados a eventos naturais, tais como: deslizamentos, assoareamento, erosão, geadas, secas, furacões, tornados, contaminação de águas subterrâneas, terremotos, erupções vulcânicas, dentre outros.

Na economia e na engenharia, o risco é considerado sob uma perspectiva objetiva, como uma característica ambiental, externa ao sujeito, descrito como a *“[...] probabilidade de ocorrência de um dano em um tempo ou número de ciclos operacionais [...]”* (RANGEL, 1994, p. 135). Na epidemiologia, as características de uma população e da doença são definidas como fatores de risco, que ao serem combinados por meio de relações matemáticas, resultam na estimativa de probabilidade de ocorrência do dano, ou seja, da doença (RANGEL, 1994). Já as ciências sociais tratam o risco conforme a percepção do indivíduo, considerando fatores subjetivos éticos, morais e culturais (GUILAM, 1996 apud FISCHER; GUIMARÃES, 2002).

Na Engenharia de Segurança do Trabalho, o risco é tratado de forma tecnicista. A Norma Regulamentadora (NR) nove, que dispõe sobre o Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA), estabelece que *“[...] consideram-se riscos ambientais os agentes físicos,*

químicos e biológicos existentes nos ambientes de trabalho que, em função de sua natureza, concentração ou intensidade e tempo de exposição, são capazes de causar danos à saúde do trabalhador (BRASIL, 1978a).

Segundo a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2009), o risco representa o efeito da incerteza nos objetivos, ou seja, um desvio positivo ou negativo em relação ao que é esperado, naquilo que podem ser metas financeiras, de saúde e segurança e ambientais. Os eventos potenciais, as consequências, ou ainda, a combinação destes é o que caracteriza o risco. A incerteza representa um déficit sobre sua compreensão, seu conhecimento, sua consequência ou sua probabilidade (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2009).

O avanço científico e tecnológico no século XX trouxe ameaças ao meio ambiente e ao homem, constituindo-se de problemas socioambientais que ultrapassam fronteiras. Tais ameaças colocaram a questão do risco no cerne de debates políticos internacionais e em reflexões das ciências sociais. A probabilidade de ocorrência de determinado evento passa a significar perigo (DOUGLAS, 1996).

Os riscos ambientais são decorrentes da relação entre o homem e o ambiente, e o seu conhecimento relaciona-se à vivência dos sujeitos nos espaços. Os riscos decorrentes do trabalho, também denominados riscos ocupacionais, são tratados, no ambiente da pesquisa, geralmente a partir de abordagens tecnicistas e daquelas que privilegiam os aspectos sociais (CAVALCANTE; FRANCO, 2007). A segurança do trabalho é a ciência que atua na prevenção dos acidentes do trabalho decorrentes de fatores de risco ocupacionais (SALIBA, 2016, p. 23).

Risco e perigo são termos empregados indistintamente pelos leigos (OLIVEIRA, 2011). Rangel (1994) trata esse fato como uma imprecisão conceitual que acaba dificultando a problematização destes termos, quando apropriados como objeto de estudo.

Logo, é preciso esclarecer a diferença entre tais conceitos, já que segundo Rangel (1994), o risco se manifesta no dano, sendo este representado pela doença, pelo acidente ou até mesmo pela morte; já o perigo é caracterizado pela forma de exposição ao risco, e dependendo desta, poderá ter um nível maior ou menor. Assim, o perigo tem influência na concretização do dano (RANGEL, 1994).

Existem divergências de concepções entre leigos e peritos em relação à consideração do risco. Isso, pois o saber científico, próprio dos técnicos, e a conjuntura social e cultural vivenciada pela comunidade leiga estão presentes em sua determinação (AMARAL, 2015; OLIVEIRA, 2011).

Para Lieber e Romano-Lieber (2002), a perspectiva objetivista do risco apresenta algumas dificuldades, uma vez que este é tratado como uma relação objetiva, dada pela probabilidade de ocorrência de um evento relativa à relevância de sua consequência, que precisa ser quantificada. A imprecisão destas quantificações gera a rejeição do sujeito/comunidade em relação aos procedimentos recomendados. Assim, embora a probabilidade do risco seja um número dado objetivamente, sua aceitação ou rejeição depende de critérios subjetivos.

Para a perspectiva subjetivista, que se iniciou com a obra da antropóloga Mary Douglas em 1966, “[...] o estabelecimento, o entendimento e a formulação de relações de risco decorrem de consensos sociais” (LIEBER; ROMANO-LIEBER, 2002, p. 83); ou seja, é um processo que se configura como uma construção cultural.

Outras perspectivas aparecem descritas em estudos mais recentes, dentre as quais nos chama a atenção a perspectiva fenomenológica ou hermenêutica, através da qual se torna mais relevante entender a forma como os indivíduos percebem o mundo, ou seja, o modo como interpretam a realidade a sua volta através do senso comum e do conhecimento (LIEBER; ROMANO-LIEBER, 2002). Assim, através da fenomenologia, o risco será entendido a partir das relações que os sujeitos estabelecem entre si, de acordo com sua cultura e inseridos em uma estrutura social; ou seja, a compreensão do risco se dará através do ambiente onde ele está presente e do modo como os indivíduos o influenciam, de forma recíproca (LIEBER; ROMANO-LIEBER, 2002).

Entende-se, portanto, que o ambiente de trabalho e os riscos laborais devem ser analisados para além das relações técnicas. As relações de natureza econômica, política, ideológica ou mágico-religiosa, estabelecidas na vida social dos trabalhadores, podem significar ou ressignificar os riscos e produzir práticas e representações heterogêneas, ainda que ocorram em um mesmo grupo social. Esses significados irão definir o comportamento dos sujeitos diante de situações de risco (RANGEL, 1994).

O ambiente de trabalho funciona como um filtro entre os sujeitos que ali desenvolvem suas atividades e os riscos presentes, sendo necessário compreender como tal ambiente interfere na percepção dos mesmos; ou seja, como funciona o olhar desses sujeitos, a partir das experiências por eles adquiridas, diante de tal filtro. Sendo assim, torna-se necessário abordar a percepção ambiental para, então, compreender a percepção dos riscos.

O geógrafo humanista Yi-Fu Tuan, cujas obras se baseiam em questões a respeito do lugar, utiliza a abordagem fenomenológica em seus estudos sobre percepção ambiental. Segundo este autor, na Geografia Humanista busca-se compreender o mundo através das

relações estabelecidas entre os sujeitos e a natureza, além dos sentimentos sobre o espaço e o lugar (TUAN, 1983).

O espaço vai transformando-se em lugar, uma vez que o dotamos de simbolismo, de valor (TUAN, 1983). Se para Tuan (1983) o espaço torna-se lugar ao ser provido de valor pelos sujeitos, para Haesbaert (1999) essa valoração do espaço pelos sujeitos que o vivenciam, o torna um território. Além disso, conforme Haesbaert (2014), na Geografia anglo-saxônica o conceito de lugar possui maior abrangência, sendo confundido com conceitos como o de território.

Segundo Tuan (1980), embora os sujeitos percebam o mundo através dos órgãos dos sentidos e da cognição, de forma individual e seletiva, ou seja, teoricamente de modo diferente, compartilham de percepções comuns, em virtude da similaridade de tais órgãos. A percepção significa õ[...] tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, nas quais certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados.ö (TUAN, 1980, p. 4).

[...] Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. [...] (TUAN, 1980, p. 4).

Para Tuan (1983), a experiência diz respeito a um emaranhado de sensações, percepções, concepções, emoções e pensamentos. õExperienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. [...]ö (TUAN, 1983, p. 10).

Segundo Tuan (1980), tanto as atitudes quanto a capacidade de perceber o meio ambiente diferem de um indivíduo para outro. Contudo, os sujeitos podem vivenciar percepções comuns por fazerem parte de um mesmo grupo social, estarem inseridos em um mesmo contexto cultural, possuírem os mesmos valores, além de órgãos dos sentidos similares (TUAN, 1980). Para Giulio et al. (2015), õ[...] a percepção é entendida como uma resposta dos sentidos do indivíduo aos estímulos externos emitidos pelo espaço que o circundaö.

Assim, o processo de percepção ambiental, que é influenciado pelos filtros culturais, é que determinará o modo como os sujeitos percebem o ambiente e, conseqüentemente, os riscos a ele associados. Para Wiedemann (1993), a percepção de riscos relaciona-se à

capacidade de compreender uma situação, que pode ser expressa por uma certeza ou por uma simples suposição, que represente um dano potencial à saúde ou à vida de um sujeito, ou de terceiros, a partir de experiências vividas anteriormente e que possam se repetir.

Dentre as abordagens de percepção de risco, destacam-se: a psicométrica¹⁹ e as socioculturais^{20, 21}. Os estudos sociológicos e culturais õ[...] tendem a considerar os valores culturais, as visões de mundo, as relações institucionais e o clima social.ö (GIULIO et al., 2015, p. 1221). Dentro das abordagens socioculturais, destacamos a abordagem fenomenológica de riscos que é utilizada como referencial por ser aquela que mais se aproxima da perspectiva territorial em que esta pesquisa está assentada.

Giulio et al. (2015) citam a fenomenologia como uma abordagem de percepção de risco que tenta aproximar os enfoques psicológicos daqueles socioculturais. A fenomenologia inicia-se na filosofia existencialista, com Edmund Husserl, que criou o método fenomenológico a partir de um método filosófico centralizado em torno do sujeito, influenciando grande parte da filosofia no século XX (LIMA, 2014).

Assim, risco e perigo são entendidos como um fenômeno único, apesar de serem acontecimentos que se manifestam de modo distinto, que se dá tanto no campo da percepção, quanto no campo da experiência; possuindo uma dimensão material, por ocorrer fisicamente e interferir em uma dada organização espacial; e uma dimensão sociocultural, que lhe confere significado, valor e existência (MARANDOLA JR., 2008). O risco é sempre vivenciado

¹⁹ Na abordagem psicométrica, baseada na psicologia cognitiva, o risco é considerado subjetivo, individual, e influenciado por fatores psicológicos, sociais, institucionais e culturais, que podem ser quantificados (QUEIRÓS; PALMA, 2007; GIULIO et al., 2015). Os trabalhos do psicólogo Paul Slovic e colaboradores repercutiram a abordagem psicométrica, ao mostrar que õ[...] a aceitação de determinados riscos está relacionada à seriedade e ao potencial catastrófico, mesmo quando a probabilidade de ocorrência é bastante baixa.ö (GIULIO et al., 2015, p. 1220).

²⁰ A abordagem cultural ou antropológica de percepção de riscos está fundamentada na teoria cultural de percepção de risco, inserida nas perspectivas socioculturais e formulada por Mary Douglas e Aaron Wildavski. Segundo tal teoria, a organização sociocultural de um grupo social influencia na seleção do risco, definindo o que é próprio e o que é impróprio, e nas respostas ao risco que passarão a fazer parte das regras que fundam as relações sociais (GIULIO et al., 2015; LIEBER; ROMANO-LIEBER, 2002). Aquilo que representa o perigo e o modo como será combatido são definidos socialmente (DOUGLAS, 2014; DOUGLAS; WILDAVSKY, 2012). A teoria cultural de percepção de risco revela que, em função das concepções culturais responsáveis por um ordenamento moral que separa o que é dito perigoso do restante da sociedade, ocorre uma seleção e classificação, pelas organizações sociais, das pessoas mais prováveis de estarem em risco e que serão culpabilizadas por colocar outras em perigo (AMARAL, 2015).

²¹ Segundo Mendes (2015), os sociólogos como Ulrich Beck, que desenvolvem trabalhos abrangendo a sociedade do risco, enfatizam os processos macrosociais provenientes da modernização reflexiva. Beck propõe que os riscos provenientes do desenvolvimento científico e cultural tomam tal proporção, que não há como apontar os culpados pelos mesmos e calcular os danos, a fim de compensar os afetados. Os estudos de Beck alcançarão a globalização dos riscos, como os riscos ambientais, os riscos associados ao terrorismo e os riscos financeiros (BECK, 2008 apud MENDES, 2015).

especialmente, nos/pelos lugares, através do modo como os sujeitos com estes se relacionam (MARANDOLA JR., 2008).

Para Oliveira (2011), o trabalho pode gerar doenças ocupacionais que são decorrentes da exposição aos riscos presentes na atividade desenvolvida. Recentemente é que a atenção dos profissionais da medicina social²² se voltou para os chamados riscos ocupacionais, fatores de risco associados à saúde ocupacional, sendo que o desenvolvimento da Medicina do Trabalho no Brasil se deu somente a partir de 1970 (RANGEL, 1994).

No caso dos catadores, os fatores de riscos físicos, químicos, mecânicos, biológicos dos ambientes de trabalho aos quais estão expostos podem contribuir para a ocorrência de acidentes do trabalho e doenças ocupacionais (OLIVEIRA, 2011). Em função do contato destes trabalhadores com agentes biológicos, a NR 15, do Ministério do Trabalho e Emprego considera a atividade por eles exercida como insalubre, de grau máximo (BRASIL, 1978b). Segundo Oliveira (2011, p. 65), a análise do processo de trabalho destes sujeitos permite identificar que os mesmos estão submetidos:

[...] a radiações solares, exposição ao calor, umidade, ruídos, chuva, risco de quedas, atropelamentos, cortes e mordedura de animais, contato com urubus, ratos, moscas, mau cheiro dos gases e fumaça que exalam dos resíduos sólidos acumulados, sobrecarga de trabalho e levantamento de peso, contaminações por materiais biológicos ou químicos, dentre outros.

Ferreira e Anjos (2001) destacam como agentes físicos decorrentes de atividades envolvendo resíduos sólidos: gases e odores; ruídos excessivos; poeira; vibração. Como agentes químicos, os autores citam: as pilhas e baterias; os óleos e graxas; os pesticidas e herbicidas; metais pesados; tintas; solventes; remédios; produtos de limpeza; cosméticos; aerossóis. Dentre os agentes biológicos são relatados: microorganismos patogênicos, como vírus, fungos, bactérias, que podem estar presentes no material que compõe o resíduo.

Os fatores de risco ergonômicos são representados pelos esforços excessivos ao manusear cargas pesadas e movimentos incorretos (CAVALCANTE; FRANCO, 2007). Há ainda os fatores mecânicos ou de acidentes, que geram ferimentos e, até mesmo, perda de membros (FERREIRA; ANJOS, 2001). Os catadores estão expostos principalmente a acidentes com agulhas e a objetos perfurocortantes [...] (SILVA, 2006).

²² Constitui-se do conjunto de propostas a fim de compreender a crise sanitária, à época da Revolução Industrial, como um processo político e social (CATÃO, 2011). Postula-se no movimento da medicina social “[...] que a medicina é uma política aplicada no âmbito da saúde individual, sendo que isso nada mais é que a aplicação da medicina no campo social.[...]” (CATÃO, 2011, p. 148).

Os trabalhadores diretamente envolvidos com os processos de manuseio, transporte e destinação final dos resíduos, dentre os quais se encontram os catadores de materiais recicláveis, estão sujeitos, segundo Ferreira e Anjos (2001), a diversos efeitos à saúde, tais como: mal estar, cefaleias e náuseas naqueles que permanecem próximos a equipamentos coletores ou de manuseio, transporte e destinação final, em função do odor proveniente do resíduo; perda auditiva parcial ou permanente, cefaleia, tensão nervosa, estresse, hipertensão arterial, em virtude dos ruídos excessivos; desconforto e perda momentânea da visão, problemas respiratórios e pulmonares, provocados pela poeira; lombalgia, dores no corpo e estresse, provenientes da vibração de equipamentos; ferimentos e cortes gerados por objetos perfurocortantes.

Resíduos químicos podem ser encontrados pelos catadores ao realizarem suas atividades. Ferreira e Anjos (2001) destacam que parte desses resíduos é classificada como perigosa, podendo ocasionar efeitos à saúde, dentre os quais: doenças como saturnismo²³ e distúrbios do sistema nervoso, ocasionadas pelo acúmulo de metais pesados no organismo; e intoxicações (FERREIRA; ANJOS, 2001). Os agentes biológicos presentes nos resíduos sólidos podem ocasionar: doenças do trato intestinal; hepatite (principalmente do tipo B); Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS); dermatites (FERREIRA; ANJOS, 2001).

Um estudo realizado por Ferreira et al. (2016) aponta como doenças mais citadas apresentadas pelos catadores de materiais recicláveis entrevistados em uma cooperativa: hipertensão; alergias; dores de cabeça; hérnia de disco; lesão por esforço repetitivo (LER). Dentre estas, quatro apresentam alguma relação com o tipo de trabalho executado (FERREIRA et al., 2016).

Oliveira (2011) considera fundamental para a prevenção de riscos e o tratamento de danos relacionados ao trabalho, o conhecimento da relação entre a percepção de risco ocupacional estabelecida pelos catadores de materiais recicláveis e a possibilidade de redução de acidentes e doenças que atingem tais trabalhadores.

Assim como Amaral (2015), este estudo considera que, embora o saber técnico-científico baseie-se em relações matemáticas para definir e avaliar a percepção de riscos, o modo como as pessoas convivem, percebem e reagem ao perigo relaciona-se aos significados subjetivos atribuídos ao risco, e ao modo como cada organização social e cada cultura lida com as ameaças aos seus valores coletivos, como experenciam o lugar de trabalho.

²³Doença causada pela contaminação por chumbo (MORAIS, 2011, p. 279).

Desse modo, esta pesquisa propõe um diálogo entre as ciências sociais, a segurança do trabalho e os estudos territoriais. Aborda a relação entre a identidade territorial e o conceito de risco tratado pelas ciências sociais, ou seja, de acordo com a percepção do indivíduo e suas relações com o ambiente de trabalho. A percepção é tratada segundo a abordagem fenomenológica, utilizando como referencial teórico o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan. Contudo, os riscos aqui analisados, percebidos pelos sujeitos, serão os riscos ambientais abordados pela segurança do trabalho, quais sejam os agentes físicos, químicos, biológicos, ergonômicos, e mecânicos, que possam gerar danos à saúde e à integridade física do trabalhador, ou seja, o catador de resíduos sólidos.

3 A ASCANAVI E A IDENTIDADE TERRITORIAL

O interesse pelo objeto de pesquisa, qual seja os (as) catadores (as) de resíduos sólidos que desenvolvem suas atividades na ASCANAVI, iniciou-se durante uma conversa travada com uma professora, colega de trabalho, a respeito de adversidades enfrentadas pela Associação, principalmente aquelas relacionadas a seus aspectos produtivos. Segui pensando, sem ainda conhecer o local e os (as) catadores (as), sobre outros possíveis problemas ligados à saúde daqueles sujeitos, ao imaginar o modo de organização do trabalho e as condições de execução do mesmo. Nascia aí a ideia de um estudo, sem que, contudo, se pudesse imaginar que o mesmo tomaria um rumo interdisciplinar.

Ao iniciar minha caminhada no Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território, já com o objeto de minha pesquisa definido, fui convidada pela professora Maria Celeste Reis Fernandes de Souza para comparecer à ASCANAVI no dia nove de novembro de dois mil e dezesseis, a fim de conhecer o local e as pessoas que ali exercem suas atividades, garantindo o seu sustento, e assim, iniciar um contato com o meu desejado objeto de estudo. Neste dia, como acontece na primeira quarta-feira de cada mês na Associação, realizou-se a solenidade de Celebração da Vida, que naquele mês, excepcionalmente, ocorreu na segunda quarta-feira, em função de um feriado.

Encontrei-me, já na Associação, com a professora Maria Celeste Reis Fernandes de Souza e fui apresentada a uma de suas colegas, na época coordenadora do Centro Pastoral, no bairro São Tarciso, ali presente. As duas mediavam uma possível parceria, através da Associação de Moradores do Bairro, entre a ASCANAVI e alguns (umas) catadores (as) do Bairro São Tarcísio, em Governador Valadares ó MG, que exerciam a atividade de catação de resíduos sólidos, acumulando o material em suas casas.

Dirigimos-nos do local onde os carros foram estacionados até a Associação e, no caminho, encontrávamos catadores (as), membros de pastorais, e outras pessoas, que desenvolvem atividades sociais na ASCANAVI. Já no escritório, conheci a coordenadora da Associação. Iniciamos uma caminhada pelo espaço e partimos para o galpão, onde os trabalhos de triagem do material são realizados, e onde ocorreu a Celebração da Vida, com a participação de membros da pastoral, dos (as) catadores (as) associados (as), e do padre Antonio Amort, figura importante no processo de fundação da ASCANAVI. A celebração é como se fosse um culto ecumênico, o que considerei interessante por exercitar a espiritualidade dos (as) que ali se encontravam. Importante, também, por ser um momento no qual os (as) catadores (as) podem ter voz, seja para pedir, agradecer, ou ainda, expressar suas

ideias. Ao final do acontecimento, os (as) aniversariantes do mês foram celebrados (as), o que também considere interessante para a autoestima desses sujeitos. Deu-se, então, o abraço da paz. Um café foi servido para encerrar o encontro, ali, em meio aos resíduos coletados, onde afinal, aquelas pessoas trabalham, e de onde tiram o seu pão de cada dia.

Novamente, nos dirigimos ao escritório, onde houve uma reunião para traçar um plano de ação com o objetivo de encaminhar os trabalhos de aproximação entre a Associação e os (as) moradores (as) do Bairro São Tarciso. Estavam presentes na reunião: eu, como mera expectadora; a professora Maria Celeste Reis Fernandes de Souza; a senhora Flavia Maria Frinhaní Carlos; a senhora Raquel Rodrigues da Silva; e o senhor Marquestael Ribeiro Santana. Estes dois últimos, membros da Associação. Inciou-se a conversa a respeito de como poderiam ocorrer os trabalhos no bairro. Finalizado o encontro, saí em direção ao trabalho com impressões que flutuavam em meus pensamentos: a simplicidade dos (as) catadores (as), que pareciam viver com muito pouco, mas possuir uma espiritualidade desenvolvida e dignidade; a identificação de um ambiente de riscos, representado pela Associação; e a certeza de que fiz uma escolha acertada em relação a meu objeto de pesquisa.

A proposta deste estudo demandou uma abordagem que considerasse, além de uma revisão bibliográfica sobre a temática, a adoção de procedimentos metodológicos, como a pesquisa documental e a realização de entrevistas. A pesquisa quanto ao seu objetivo é do tipo exploratória. De acordo com Gil (2008, p. 27):

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

Recorremos ao recurso qualitativo para a análise do objeto. As abordagens qualitativas estudam as ações sociais individuais e grupais e, através da análise de microprocessos, buscam uma estreita aproximação dos dados, a fim de apreender e melhor compreender a realidade social (MARTINS, 2004).

Os sujeitos da pesquisa são os (as) catadores (as) de resíduos sólidos que realizam suas atividades laborais na ASCANAVI. No momento da pesquisa, a Associação contava com 52 (cinquenta e dois) associados (as), sendo a maioria de seus integrantes do sexo feminino. A inclusão dos (as) participantes obedeceu aos seguintes critérios: ter 18 (dezoito) anos ou mais; ser um (a) associado (a) que exercesse a função de catador (a) de material reciclável; e ter contato com os resíduos sólidos. Além disso, os critérios tempo de serviço na Associação e

idade dos (as) catadores (as) foram considerados na constituição da amostragem, de modo a diversificar a mesma. O tempo de serviço e a faixa etária dos (as) catadores (as) foram divididos em sete intervalos de classe cada, e observou-se que seria possível a obtenção de uma amostra diversificada, se fossem considerados três intervalos de classe para o tempo de serviço, pois desse modo, haveria uma presença variada de catadores (as), em termos de idade, em cada um desses intervalos.

Determinou-se que a amostra seria constituída de 16 (dezesesseis) entrevistados (as), sorteados (as) aleatoriamente, dentro de cada um dos três intervalos de classe finais, de modo proporcional ao universo de catadores (as). Dessa forma, foram selecionados (as) quatro, quatro e oito participantes, do universo do primeiro, segundo e terceiro intervalo de classe relacionado ao tempo de serviço, respectivamente. Além dos (as) 16 (dezesesseis) participantes sorteados (as) aleatoriamente, constituíram a amostragem uma catadora que se propôs a ser entrevistada, além da coordenadora da Associação, que foi convidada a participar. Portanto, a amostra total entrevistada foi de 18 (dezoito) catadores (as), sendo 14 (catorze) mulheres e quatro homens.

Em relação aos procedimentos técnicos adotados para a coleta de dados, empregamos a pesquisa documental a fim de caracterizar a ASCANAVI, compreender como se deu o processo de criação da Associação, e a sua organização do trabalho. Para tanto, foram analisados estatuto, regimento, atas de reuniões, reportagens do Jornal Diário do Rio Doce publicadas na época do processo de extinção do lixão do Bairro Turmalina, dentre outros documentos pertinentes. A pesquisa documental permitiu a coleta de dados em fontes primárias (MARCONI; LAKATOS, 2003). A visita ao arquivo físico do jornal Diário do Rio Doce, localizado no Jardim Alice, ocorreu no dia 14 (catorze) de março de 2018, quando foram analisados os exemplares do jornal publicados no período de maio de 2001 a março de 2002. Tal período foi determinado, uma vez que em Souza et al. (2014), já existia a informação da data de extinção do lixão, sendo a busca realizada até que a notícia de criação da Associação fosse encontrada. Assim, notícias veiculadas no município a respeito da fundação da Associação puderam ser examinadas.

Além da pesquisa documental, foram realizadas observações assistemáticas a fim de analisar os processos de trabalho desenvolvidos pelos (as) catadores (as) na Associação. Neste tipo de observação, o pesquisador tem a liberdade de recolher e registrar os fatos, sem a necessidade de um planejamento (MARCONI; LAKATOS, 2003).

As observações foram iniciadas no final do mês de outubro de 2018, e as entrevistas semiestruturadas ocorreram nos meses de novembro e dezembro desse mesmo ano. Durante o

início do processo de observação, buscamos estabelecer uma relação de confiança com os (as) catadores (as) de modo geral, esclarecendo dúvidas, pois muitos (as) demonstraram curiosidade em relação a nossa presença no ambiente da Associação.

Na entrevista semiestruturada, o entrevistador realiza questionamentos elaborados previamente e tem a liberdade de ir além, realizando novas perguntas a fim de esclarecer e completar as respostas (GIL, 2008). As entrevistas ocorreram conforme a ordem dos (as) catadores (as) no sorteio, sendo orientadas pelo roteiro constante no Apêndice A, e sua condução ocorreu de tal modo que as conversas foram amigáveis e flexíveis. As conversas aconteceram em momentos e local determinados pelos (as) entrevistados (as), a fim de garantir o sigilo das mesmas: alguns (umas) preferiram responder às perguntas enquanto o trabalho estava sendo executado; outros (as) foram entrevistados (as) no período de pausa para o almoço, e a coordenadora agendou um horário para os questionamentos. As entrevistas foram gravadas em áudio, com autorização dos (as) catadores (as) entrevistados (as) e, posteriormente, transcritas na íntegra. Cada uma delas foi identificada, conforme a sequência de realização. Os sujeitos entrevistados foram identificados com a nomenclatura formada pela letra C, inicial da palavra catador, seguida do número correspondente à posição do (a) entrevistado (a) conforme a sequência de realização de entrevistas.

Buscamos, através dos questionamentos, conhecer um pouco da história do (a) entrevistado (a), e sua relação com o território representado pela Associação e os riscos presentes nas atividades laborais ali desenvolvidas. Assim, foram coletadas informações a respeito dos (as) catadores (as), tais como: origem; tempo de atuação na Associação; se exercia outra atividade laboral anterior a atual e, no caso de uma resposta afirmativa, qual seria tal atividade; como chegou à Associação; como se dá o relacionamento entre os (as) catadores (as) da ASCANAVI; como percebe os riscos presentes em suas atividades e/ou no ambiente de trabalho; como percebe as doenças oriundas de tais riscos; dentre outras.

A análise dos dados colhidos ocorreu por meio da análise temática. O texto transcrito, depois de lido exaustivamente a fim de se encontrar o cerne de seu sentido, sofreu reduções, sendo que os parágrafos foram reduzidos a frases, e estas, por sua vez, a palavras-chave, conforme sugerem Bauer e Gaskell (2015).

Assim, o texto ocupou três colunas, de acordo com o que consideram Bauer e Gaskell (2015): a primeira contendo a transcrição, a segunda contendo a redução, e a terceira abrigando somente as palavras-chave. Dessa forma, desenvolvemos um sistema de categorias de análise, de modo que a percepção do risco à saúde e a identidade territorial foram categorizadas em nove palavras-chave, determinadas conforme os temas identificados nas

falas dos (as) entrevistados (as): caracterização social dos (as) catadores (as); percurso dos (as) catadores (as) na atividade de catação; a ASCANAVI e a organização do trabalho a partir dos (as) catadores (as); memórias oriundas do lixão e o sentimento de pertença ao grupo; a apropriação simbólica do espaço e a dinâmica da identidade; representações da saúde e da doença; representações do risco e da segurança; a prática da percepção de riscos; a doença como consequência do risco.

A pesquisa foi realizada após a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob parecer nº 2.976.466. De acordo com a Resolução nº 510, de sete de abril de 2016, para realização do estudo foram tomados os seguintes cuidados éticos: todos os (as) participantes foram orientados (as) quanto aos objetivos da pesquisa e, ainda, quanto à sua relevância social, justificativa, métodos e potenciais benefícios e riscos (BRASIL, 2016). Foram também informados (as) de que poderiam, a qualquer tempo, desistir de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo, conforme determina Brasil (2016). Participaram da pesquisa somente aqueles (as) trabalhadores (as) associados (as) que, livremente, manifestaram interesse e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Apêndice B, confirmando sua anuência após a prestação dos esclarecimentos citados. Os resultados desse estudo serão apresentados aos (às) associados (as).

3.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DOS (AS) CATADORES (AS)

Para compreender a identidade territorial da ASCANAVI e a percepção de riscos dos (as) catadores (as) de resíduos sólidos a ela associados (as), foi preciso traçar um perfil desses sujeitos. Para tanto, recorreremos a informações fornecidas pelos (as) mesmos (as) através das entrevistas semiestruturadas realizadas. As características dos sujeitos entrevistados podem ser descritas conforme segue.

Quadro 3 ó Caracterização dos sujeitos entrevistados (continua).

Catador (a)	Sexo	Idade (anos)	Nº de filhos	Escolaridade	Tempo de trabalho como catador (a) associado (a) (anos)	Trabalho como catador (a) anterior à associação
C1	Feminino	56	12	Analfabeto (a)	16,5	Nas ruas e no lixão do Bairro Turmalina

Fonte: Própria autora (2019).

Quadro3 ó Caracterização dos sujeitos entrevistados (continuação).

Catador (a)	Sexo	Idade (anos)	Nº de filhos	Escolaridade	Tempo de trabalho como catador (a) associado (a) (anos)	Trabalho como catador (a) anterior à associação
C2	Feminino	65	2	Ensino Fundamental Incompleto	16,5	No lixão do Bairro Turmalina
C3	Masculino	49	5	Ensino Fundamental Incompleto	14,0	No lixão do Bairro Turmalina
C4	Feminino	50	6	Ensino Fundamental Incompleto	11,0	No lixão do Bairro Turmalina
C5	Feminino	27	2	Ensino Médio Incompleto	3,0	Não há
C6	Masculino	21	-	Ensino Médio Incompleto	1,2	Não há
C7	Feminino	30	-	Ensino Fundamental Incompleto	13,0	Não há
C8	Feminino	26	4	Ensino Fundamental Completo	8,0	Nas ruas
C9	Feminino	43	-	Ensino Fundamental Incompleto	8,0	Não há
C10	Feminino	65	4	Analfabeto (a)	16,5	No lixão do Bairro Turmalina
C11	Feminino	59	5	Ensino Fundamental Incompleto	16,5	No lixão do Bairro Turmalina
C12	Feminino	32	4	Ensino Médio Incompleto	11,0	No lixão do Bairro Turmalina
C13	Masculino	51	4	Ensino Fundamental Incompleto	16,5	Não há
C14	Masculino	70	4	Analfabeto (a)	16,5	No lixão do Bairro Turmalina
C15	Feminino	42	10	Analfabeto (a)	2,0	Nas ruas e no lixão do Bairro Turmalina

Fonte: Própria autora (2019).

Quadro 3 ó Caracterização dos sujeitos entrevistados (continuação).

Catador (a)	Sexo	Idade (anos)	Nº de filhos	Escolaridade	Tempo de trabalho como catador (a) associado (a) (anos)	Trabalho como catador (a) anterior à associação
C16	Feminino	53	4	Ensino Fundamental Incompleto	16,0	No lixão do Bairro Turmalina
C17	Feminino	25	2	Ensino Fundamental Incompleto	3,0	Não há
C18	Feminino	44	1	Ensino Fundamental Incompleto	16,5	No lixão do Bairro Turmalina

Fonte: Própria autora (2019).

Dessa forma, foi possível estabelecer uma caracterização social dos (as) catadores (as) de resíduos sólidos associados (as) à ASCANAVI. Já de início, nos chamou a atenção, o perfil feminino na composição do grupo de catadores (as) da Associação. Catorze integrantes da amostra entrevistada eram mulheres.

Este dado é corroborado por outros estudos realizados com catadores (as) que atuam em associações e cooperativas (COELHO, 2018; FERREIRA et al., 2016; NOGUEIRA; SILVEIRA; FERNANDES, 2017; BRAZ et al., 2014; OLIVEIRA; CASAGRANDE JÚNIOR, 2013). Segundo estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), que mostram dados do período entre 2009 e 2012 do Sistema de Informações de Economia Solidária (SIES), envolvendo cooperativas e associações de reciclagem existentes no país já regularizadas, e os grupos informais em processo de regularização, 39% (trinta e nove por cento) dos trabalhadores são do sexo feminino (SILVA; GOES; ALVAREZ, 2013). O IPEA também registra dados da presença de maioria feminina, cerca de 59,9%, entre catadores associados em Empreendimentos de Economia Solidária (SILVA, 2017).

A média de idade dos (as) catadores (as) entrevistados (as) da ASCANAVI é de 44,9 anos, sendo que o mais jovem catador entrevistado possui 21 (vinte e um) anos e o mais velho, 70 (setenta) anos. Tal média se aproxima daquela encontrada por Nogueira et al. (2017), em seu estudo sobre percepção de qualidade de vida entre catadores (as) de uma associação de reciclagem localizada em Minas Gerais, que foi de 44,16 anos, e que teve entrevistados (as) com idade variando entre 20 (vinte) e 71 (setenta e um) anos. Também está próxima da média de idade encontrada por Coelho (2018), entre os (as) participantes de sua pesquisa desenvolvida com catadores (as) de duas associações localizadas no Sul do país, ou

seja, 43,7 anos. Contudo, nesse estudo, o (a) catador (a) mais jovem possuía 30 (trinta) anos; já o (a) mais velho (a), 62 (sessenta e dois) anos (COELHO, 2018).

Nove dos (as) catadores (as) entrevistados (as) encontram-se na faixa etária entre 39 (trinta e nove) e 59 (cinquenta e nove) anos. Dentre esses sujeitos, há aqueles que iniciaram a atividade de catação, ainda jovens, no lixão do Bairro Turmalina, e acompanharam o processo de criação da Associação. Alguns se mantiveram desempenhando a atividade por não vislumbrarem outra oportunidade de emprego, e outros já não se veem mais executando outra função.

A predominância da faixa etária da amostra diverge do estudo realizado por Braz et al. (2014) em duas cooperativas de material reciclável localizadas em Natal ó RN; segundo tal pesquisa, 50% (cinquenta por cento) dos (as) participantes possuíam entre 30 (trinta) e 45 (quarenta e cinco) anos, o que conforme os autores, demonstra uma inserção precoce dos (as) catadores (as) de materiais recicláveis na atividade de catação. Na pesquisa realizada por Oliveira e Casagrande Júnior (2013), cujos dados encontrados também não se aproximam daqueles do estudo de Braz et al. (2014), 50% (cinquenta por cento) dos (as) participantes possuíam mais de 50 (cinquenta) anos, e permaneciam desenvolvendo a atividade de catação em função do desemprego e da dificuldade de serem absorvidos (as) pelo mercado de trabalho em virtude da faixa etária que ocupavam (OLIVEIRA; CASAGRANDE JÚNIOR, 2013).

O fato de nove dos (as) catadores (as), que constituíram a amostra desta pesquisa, apresentarem faixa etária entre 39 (trinta e nove) e 59 (cinquenta e nove) anos pode ser justificado em função de muitos (as) terem iniciado a atividade de catação mais jovens, nas ruas e/ou no lixão do Bairro Turmalina; e participado do movimento que deu origem à ASCANAVI. Portanto, exerceram a catação por algum tempo em outros locais e, atualmente, já com mais idade, continuam a exercer a atividade na Associação.

Em uma revisão de escopo realizada por Galon e Marziale (2016), os trabalhos pesquisados indicam a presença de homens e mulheres mais jovens se dedicando ao trabalho de catação nas ruas, e de mulheres e homens idosos atuando em cooperativas e associações. No estudo realizado na ASCANAVI, os (as) catadores (as) idosos (as) representam 16,7% da amostra analisada.

O número de filhos (as), entre os (as) participantes, varia de nenhum a 12 (doze), com média de aproximadamente quatro filhos (as) por catador (a). Onze dos (as) entrevistados (as) possuem quatro filhos (as) ou mais. Coelho (2018) também encontrou em sua pesquisa uma média de quatro filhos por trabalhador (a), com variação, entretanto, de um a oito filhos.

Os estudos de Oliveira e Casagrande Júnior (2013) mostram que a maioria dos (as) participantes possui três ou mais filhos, aproximando-se da média encontrada. Já as pesquisas realizadas por Nogueira et al. (2017) e Ferreira et al. (2016) apontam que a maioria dos (as) catadores (as) entrevistados (as) possuem menos de três filhos. A média de filhos por catador encontrada por Ferreira et al. (2016, p. 156) foi de 2,7. Apesar de a diminuição do número de filhos nas famílias apresentar-se como uma tendência nos últimos tempos, em função de múltiplos fatores, que vão desde o acesso a meios contraceptivos até a uma opção devido a questões econômicas, culturais, dentre outras, os estudos mais recentes analisados, inclusive este, apresentam um maior número de filhos por catador (a) pesquisado (a). Assim, não é possível afirmar que os números acompanhem tal tendência. A divergência entre o número de filhos por catador (a), encontrada nas pesquisas analisadas, mostra que a região do estudo e o ano de realização do mesmo não determinam tal dado.

Em relação à organização familiar, 11 (onze) dos (as) participantes declararam não possuir um (a) companheiro (a). Tal dado diverge daqueles apresentados em estudos de Coelho (2018) e Nogueira et al. (2017), nos quais a maioria dos (as) entrevistados (as) declarou possuir um companheiro (a) ou cônjuge.

A composição familiar dos (as) entrevistados (as) é variada. Quatro catadores (as) fazem parte de famílias diversificadas, que incluem companheiro (a), filhos (as), neto (as), sobrinhos (as), primos (as), mãe, irmão (ã). Cinco entrevistados (as) afirmaram residir com o (a) companheiro (a) e os (as) filhos (as); dois relataram conviver apenas com o (a) companheiro (a); e sete apenas com os (as) filhos (as), apenas com o (a) irmão (ã), ou sozinho (a). Esses dados vão ao encontro da heterogeneidade da composição familiar de catadores (as) encontrada por Coelho (2018) em seu estudo.

Em relação ao estado civil, 12 (doze) catadores (as) entrevistados (as) são solteiros (as), e seis declararam ser casados (as), separados (as), divorciados (as), ou viúvos (as). Ressalta-se que, dentre os (as) solteiros (as), há catadores (as) que afirmaram possuir um companheiro (a). O dado relacionado à porcentagem de solteiros (as) encontrada vai ao encontro daquele presente nos estudos de Oliveira e Casagrande Júnior (2013), correspondente a 70% (setenta por cento) de catadores (as) associados (as) solteiros (as), e também ao constatado na pesquisa de Ferreira et al. (2016), equivalente a 62,66% de associados (as) solteiros(as).

Sobre o nível de escolaridade dos (as) associados (as) entrevistados (as), 10 (dez) afirmaram possuir ensino fundamental incompleto e quatro consideram-se analfabetos (as). Esses dados vão ao encontro daqueles apresentados nos estudos de Dagnino e Johansen

(2017), que apontam para um nível de escolaridade menor dos (as) catadores (as) de materiais recicláveis em relação à população ocupada, e por Galon e Marziale (2016), que analisaram estudos nacionais e internacionais que também apontam para o baixo nível de escolaridade dos (as) catadores (as). Contudo, os dados encontrados divergem daqueles presentes na pesquisa realizada por Nogueira et al. (2017), segundo a qual a maioria dos (as) catadores (as) participantes, ou seja 54,05%, possuíam ensino fundamental completo ou mais.

Em relação ao local de moradia, nove catadores (as) associados (as) afirmaram residir no Bairro Turmalina, onde também se localiza a Associação. Os (as) demais residem nos seguintes bairros: Mãe de Deus, Palmeiras, Planalto, Nova Vila Bretas, São Geraldo e Monte Carmelo. Os bairros Mãe de Deus, Palmeiras e Planalto encontram-se nas adjacências do bairro Turmalina, portanto, mais próximos da Associação. Já os bairros Nova Vila Bretas, São Geraldo e Monte Carmelo localizam-se mais distantes da ASCANAVI.

Sobre as condições de moradia, 11 (onze) catadores (as) entrevistados (as) relataram que residem em casa própria. Esse dado vai ao encontro daquele encontrado no estudo de Braz et al. (2014), que foi de 62,9% de catadores (as) residindo em moradias próprias.

No que diz respeito a benefícios sociais, 12 (doze) entrevistados (as) afirmaram não receber quaisquer deles. Esse dado diverge daquele presente no estudo de Braz et al. (2014), que mostram que 50% (cinquenta por cento) dos (as) participantes eram beneficiários (as) do Bolsa Família. Tal discordância pode ser justificada pela diminuição atual da abrangência de tal programa.

Tem-se, assim, que a amostra de catadores (as) de resíduos sólidos analisada é predominantemente feminina, com média de idade de 44,9 anos e média aproximada de quatro filhos (as) por catador (a). A composição familiar é diversa. A maior parte dos (as) entrevistados (as) possui baixo nível de escolaridade. Também a maioria reside se não no próprio bairro onde se localiza a Associação, próxima ao mesmo - em moradia própria - e declarou não receber benefícios sociais.

Diante do perfil traçado para os (as) catadores (as) de resíduos sólidos associados (as) à ASCANAVI, entende-se que tais sujeitos destoam da maior parcela da população brasileira, que não possui acesso à educação, ainda que dela façam parte devido a outras questões, como os problemas sociais que vivenciam; o que demonstra que a educação alcança as periferias do país. Tem-se ainda retratado, entre esses (as) catadores (as), o perfil dos lares brasileiros da população de baixa renda, chefiados na sua maioria por mulheres, viúvas ou abandonadas pelos companheiros, e que se veem diante da responsabilidade de criar os filhos e agregados. Para tanto, muitas vezes não veem outra opção, que não o desenvolvimento da atividade de

catação até uma idade mais avançada. Pode-se fazer uma analogia deste relato para o município de Governador Valadares, acrescentando-se o fato de que todos (as) os (as) catadores (as) da amostra, apesar de declararem possuir moradia própria e em boas condições, residem em bairros de baixa renda, localizados na sua maioria às margens da cidade. Assim, a população de catadores (as), representada pela amostra analisada, territorializa-se às margens da sociedade no município de Governador Valadares.

3.2 PERCURSO DOS (AS) CATADORES (AS) NA ATIVIDADE DE CATAÇÃO

A média de tempo trabalhada pelos (as) catadores (as) de resíduos sólidos entrevistados (as), associados (as) à ASCANAVI, é de 11,4 anos. O (a) catador (a) entrevistado (a) com menos tempo de trabalho na Associação possui 1,2 anos de serviço. Já o (a) catador (a) entrevistado (a) mais antigo (a) na Associação tem 16,5 anos de serviços prestados. Oito dos (as) associados (as) entrevistados (as) possuem mais de 15 (quinze) anos de atuação na ASCANAVI. Dentre esses (as) trabalhadores (as), 11 (onze) participaram da fundação da Associação, advindos (as) do trabalho de catção no lixão do Bairro Turmalina. Dois deles (as) iniciaram a atividade de catção nas ruas e traçaram um percurso profissional até a Associação, passando pela atuação no lixão do Bairro Turmalina, sem terem exercido outra atividade profissional, que não a catção de resíduos sólidos recicláveis. Uma dos (as) entrevistados (as) iniciou a atividade de catção nas ruas, passando mais tarde, a desenvolvê-la na ASCANAVI.

õ[...] eu trabalhava de catadeira também... na rua, né... Meus filhos... eu tenho dois filho home que foi criado catano na rua... na Vila Isa [...] aí eu arrumei... peguei e fui catá no lixão. Do lixão, aí a gente veio catá aqui [...].õ (C1)²⁴

õMas, você começou a trabalhar com que idade?õ (Entrevistadora)

õCom dez ano.õ (C15)

[...]

õTrabaiava catano material pra rua afora.õ (C15)

[...]

õCatava eu e meus irmão.õ (C15)

[...]

õAí, depois eu... comecei a trabaiá no lixão.õ (C15)

[...]

õAí, do lixão eu fui para a ASCANAVI.õ (C15)

²⁴Nas falas respeitou-se a oralidade e foram corrigidos, tanto na fala da pesquisadora, quanto na dos sujeitos õeõ, õõõ, e as repetições de palavras que não prejudicavam o entendimento.

Dentre os (as) entrevistados (as), nove tiveram o primeiro contato com material reciclável no lixão, e 12 (doze) já se dedicaram a outras atividades laborais, tais como: trabalho em casas de família (empregada doméstica, faxineira, lavadeira), cobrador de ônibus, atividades em lojas de comércio e lanchonete, vendedor autônomo, entregador, despachante de trem, trabalho rural, ajudante da construção civil. Tal fato vai ao encontro das informações de Souza et al. (2014), mencionadas anteriormente. Geralmente, esses (as) catadores (as) que exerceram outras atividades, começaram a executar a catação por encontrarem-se desempregados (as).

õ[...] Quando eu comecei a trabaiaá, eu tinha dezenove ano de idade. [...] eu trabaiaava em casa de família. [...] Aí chegou uma colega minha que trabaiaava nesse... material... eu comecei lá em cima...Lá no lixão...Aí, chegou minha colega, falou comigo: - [...] cê tá desempregada... cê num tá quereno trabaiaá em casa de família mais... Tem um trabalho assim, assim, assim. Falei assim: - Uai... Mexê com lixo... Eu num entendia... o lixo.[...] Daqui um pouco, eles... fez o galpão, eu vim pro galpão [...]ö (C2)

õPrimeiramente, eu trabalhei como cobradô [...] eu perdi o emprego, de cobradô, né... [...] fiquei uns quatro ano desempregado. [...] e conheci o lixão [...] a partir de dois mil e dois, nós criamos a ASCANAVI [...]ö (C3)

õE começou a trabalhar com o quê?ö (Entrevistadora)

õCasa de família. [...] Aí, depois saí... não continuei, né... Aí, fiquei em casa [...] a minha irmã fazia salgado, aí eu vendia.ö (C9)

õ[...] Cumecei trabalhá no lixão com... dez anos de idade. [...] trabalhava lá à tarde, e estudava de manhã, né... Que eu nunca larguei de estudá, não. Aí, eu ficava lá mais o meu pai e minha mãe... Aí, depois eu fui pra casa de família, trabalhei em casa de família também, como babá. Antes deu vim entrá pra ASCANAVI, eu trabalhei como diarista.ö (C12)

õEra vendedô de peixe. [...] Depois... que eu saí da pexaria [...] já trabaiei [...] Entregadô. Trabaiaava no caminhão da entrega. [...] Ajudante. [...] A estação ferroviária, eu trabalhei [...] Nós era despachante de... volumes... nos vagão passageiro. E abastecia o trem também, né. Areia e óleo. [...] E já trabaiei tamém em capina, na beira da linha. É... em várias [...] empreiteira. [...]ö (C13)

Há também duas catadoras da amostra cuja primeira atividade profissional foi a catação exercida na Associação.

õVocê começou a trabalhar com que idade?ö (Entrevistadora)

õDezesseis ano.ö (C7)

õ[...] E, com o quê... [...]?ö (Entrevistadora)

õAqui mesmo.ö (C7)

A média de permanência na Associação é superior à encontrada por Coelho (2018), que foi de 6,7 anos. O estudo desenvolvido por Ferreira et al. (2016), indicou que 32% (trinta e dois por cento) da amostra exercia a função de catador (a), na associação pesquisada, entre

11 (onze) e 15 (quinze) anos, dado também inferior ao tempo de serviço exercido pela maioria dos (as) catadores (as) na ASCANAVI.

Identificou-se, a partir dos relatos, que três catadoras dentre os (as) associados (as) entrevistados (as) desempenhavam a atividade de catação nas ruas, como ambulantes. Para Haesbaert (2016), o fato dos indivíduos vivenciar uma mobilidade espacial não significa que se encontrassem desterritorializados, uma vez que o território pode ser entendido como a repetição do movimento sobre o qual esses indivíduos mantêm o controle, como é o caso dos (as) catadores (as) mencionados (as).

Há ainda doze catadores (as), componentes da amostra, que começaram o desempenho da catação já no lixão do Bairro Turmalina; ali vivenciaram um processo de territorialização, ainda que não fosse organizado. Isso, pois o lixão representava para esses (as) catadores (as) uma fonte de alimento e, muitas vezes, de moradia. Deste modo, exerciam sobre o local uma apropriação simbólica, sem regras ou normas preestabelecidas. No lixão, se viam como iguais diante de uma sociedade que os (as) marginalizava. Tais indivíduos participavam de um processo de exclusão social, mas não compartilhavam uma luta, uma ideologia em função desse problema comum. A territorialização desses (as) catadores (as) no lixão possuía outro significado, ou seja, uma busca individual por alternativas de sustento, uma vez que muitos (as) se viam desempregados (as). A essa situação não se aplicaria, entretanto, a assertiva de Rogério Haesbaert, para quem pessoas em condição de exclusão podem se agrupar para defender ideais em comum e preservar sua identidade:

A exclusão social que tende a dissolver os laços territoriais acaba, em vários momentos, tendo o efeito contrário: as dificuldades cotidianas pela sobrevivência material levam muitos grupos a se aglutinarem em torno de ideologias e mesmo de espaços mais fechados, visando assegurar a manutenção de sua identidade cultural, último refúgio na luta por preservar um mínimo de dignidade (Haesbaert, 2016, p. 92).

Ao se organizarem, saírem do lixão e fundarem uma Associação, esses (as) catadores (as) vivenciaram um processo de desterritorialização²⁵, ou seja, deixaram de experienciar o território do lixão em suas diferentes facetas. Assim, os (as) catadores (as) com elevado tempo de serviço na ASCANAVI vivenciaram um novo processo de territorialização, ao iniciarem suas atividades em outro território, sob diferentes concepções.

²⁵õ[...] a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, õe a operação da linha de fugaõ [...]õ (DELEUZE E GUATTARI, 1997b, p. 224 apud HAESBAERT, 2016).

Dois dos (as) catadores (as) entrevistados (as) que exercem a atividade de catação na Associação há pouco tempo, ou seja, há menos de três anos, apresentam em seus relatos certa indiferença a esse ambiente. Tais indivíduos encontram-se desterritorializados, pois conforme Haesbaert (2016), mesmo que fixados espacialmente em determinado ambiente de trabalho, sem mobilidade espacial, vivenciam uma precarização de sua situação de vida, e aspiram por melhores condições de trabalho, aspecto que se aproxima do que Haesbaert (2016, p. 251) se refere como ãnegação de sua expressão simbólico culturalö, ou seja, não se reconhecem como catadores (as), pois possuem outras pretensões em relação ao aspecto profissional.

Assim, temos uma composição variada entre os (as) catadores (as) associados (as), que durante sua vida laboral passaram por diferentes processos. Há catadores (as) que iniciaram suas atividades nas ruas, rumaram para o lixão e, atualmente, encontram-se na Associação. Tais indivíduos se desterritorializaram das ruas, para se reterritorializarem no lixão e, posteriormente, o mesmo processo ocorreu entre o lixão e a Associação. Há aqueles (as) que iniciaram suas atividades no lixão, migrando mais tarde para a ASCANAVI, enfrentando também um processo de desterritorialização. E há, também, aqueles (as) que iniciaram a atividade de catação na Associação e enfrentam dificuldades para se territorializarem neste ambiente.

Finalmente, os dados expostos indicam uma relativa permanência dos (as) trabalhadores (as) na atividade de catação, o que conforme afirma Coelho (2018), pode acarretar em uma exposição prolongada desses sujeitos aos riscos oriundos desse trabalho.

3.3 A ASCANAVI E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO A PARTIR DOS (AS) CATADORES (AS)

A reterritorialização²⁶ experimentada pelos (as) catadores (as) na ASCANAVI envolve o território nos seguintes aspectos: físico, uma vez que se deslocaram do ambiente do lixão para o galpão, que abriga a Associação; em uma perspectiva jurídico-política, uma vez que os (as) catadores (as) precisaram se adaptar a um novo modelo produtivo, organizado e baseado em normas, ou seja, vivenciar um espaço onde existem relações de poder; cultural, a partir das novas relações subjetivas que passam a existir diante da apropriação simbólica do espaço vivido representado pela Associação; em suas questões econômicas, pois retiram o seu

²⁶ö[...] a reterritorialização é o movimento de construção do território [...]ö (DELEUZE E GUATTARI, 1997b, p. 224 apud HAESBAERT, 2016).

sustento do material reciclável que é separado na Associação; naturalista, uma vez que conferem um novo significado ao lixo produzido pela sociedade, minimizando os danos ambientais provocados pelo descarte inadequado de tais resíduos.

O processo de formação e configuração da Associação aparece na fala de alguns (umas) catadores (as), componentes da amostra entrevistada, que participaram de todo esse percurso, que se iniciou no lixão do bairro Turmalina.

õ[...] Aí, eu fiquei conheceno: a Marinalva. [...] Foi uma pessoa que... deu início a tudo. Ela junto com o Grupo Fermento. [...]ö (C16)

õAí, vocês foram se organizando lá com o grupo...ö (Entrevistadora)

õCom o grupo... O grupo ia lá uma vez por semana... Era difícil arreuni o povo [...]ö (C16)

õ[...] vocês se organizaram e foram para o galpão lá de baixo, na Avenida Veneza?ö (Entrevistadora)

õUhum. Isso, isso.ö (C16)

õA senhora foi junto?ö (Entrevistadora)

õFui junto. Participei das reuniões... Oh, minha fia, a gente num foi assim, não...ö (C16)

õComo foi?ö (Entrevistadora)

õA gente... reuniu ali... Foi muitas reuniões através desse Grupo Fermento. [...]ö (C16)

[...]

õ[...] Teve um dia que o Grupo Fermento falou assim: - Gente, hoje o prefeito vem aqui. [...] Aconteceu que ele veio... fez a poposta: - Gente, eu vou fechá... Mais as família vai se cadastrá e vai ganhá... Cada família vai ganhá cento e quarenta por mês.ö (C16)

[...]

õNaquela época, era muito dinheiro, né. Até a gente se organizá e vê o que é que a gente vai fazê. Aí, eis foi, quase um ano. [...] Aí, nesse... nesse negócio desse ano, aconteceu que... fizeram o galpão lá embaixo. [...]ö (C16)

O primeiro galpão que abrigou a Associação localizava-se no bairro Grã-Duquesa, e conforme relatado por Souza et al. (2014), foi demolido. Uma catadora entrevistada explica esse episódio.

õ[...] Por que vocês não permaneceram lá no galpão antigo ou por que o galpão antigo não ficou com vocês? [...]ö (Entrevistadora)

õ[...] Na época, o grupo que acompanhou nós, o grupo Fermento falou com nós que foi, é, que nós fomos, é, como é que fala... abandonamos o local, né. [...] Por eles, a gente não tinha... tinha permanecido lá e tal, devido a dificuldade [...]. Dificuldade, por que? Quando foi construído esse aqui, é, foi construído pelo, pelo João Domingos Fassarela. Mas, o de lá, entrou a administração do Mourão. [...] Pelo grupo Fermento a gente tinha ficado uma turma aqui e a outra turma lá. Porque, o certo seria isso também. Mas, quando a administração do Mourão tirou vigia, tirou luz, foi tirando as coisas, aí foi vindo também a depredação, à noite. À noite, nós não trabalhava à noite, nós trabalhava só de dia. [...] Aí, todos os catadores e o restinho que tinha lá veio tudo pra cá, né. Aqui é mais perto, né. Num mora, num precisava [...] de bicicleta, [...] vinha a pé mesmo daqui, mais,

maioria mora é aqui mesmo, né. E aí, abandonou lá. E o Mourão pegou, é, proveitou, desmanchou. E nós tinha ainda dois anos de uso, de permanência de uso que tava no documento que o Fassarela tinha dado pra nós, né. Mas, devido ao abandono, aí, o Mourão aproveitou, e mandou depredar tudo, [...] e vendeu [...].ö (C18)

O segundo galpão, que é o espaço atual onde as atividades da Associação são realizadas, localiza-se no bairro Turmalina. O processo de construção e manutenção dessa estrutura, assim como de obtenção do terreno pela Associação, também é descrito por uma catadora, que fez parte da amostra.

õE esse espaço aqui, do galpão novo, foi doado pela prefeitura?ö (Entrevistadora)

õFoi.ö (C18)

õQuando foi isso? Essa doação?ö (Entrevistadora)

õEssa construção desse galpão aqui foi feita em dois mil e quatro. Dois mil e quatro ou dois mil e cinco, mais ou menos, eu acho [...] construiu-se o galpão, né. A gente veio pra cá. Com [...] mandato de, de perma, como é que chama, de uso. Só de uso. Não era nosso, né. Nós só podia [...] utilizar o espaço, né.ö (C18)

[...]

õAí, depois, na administração da Elisa, a gente [...] fez reunião, e tal, pra poder ela passar isso aqui pra nós. [...] A gente não queria que acontecesse igual aconteceu com o de lá de baixo. Podia entrar outra administração e falar que nós não podia ficar aqui, e tirá nós daqui. Aí, ela pegou e passou um documento pra nós.ö (C18)

[...]

õ[...] Doou o terreno pra nós. [...]ö (C18)

[...]

õPagamos tudo, a escritura, tudo, e, aí é nosso, o terreno.ö (C18)

õE o recurso para construir o galpão?ö (Entrevistadora)

õ[...] foi a prefeitura que construiu. [...]ö (C18)

Uma catadora, que foi entrevistada, também esclarece como a ASCANAVI assumiu a coleta seletiva no município e como se dá a relação entre a Associação e a Prefeitura Municipal de Governador Valadares, no que diz respeito a tal atividade. É possível perceber o conhecimento da catadora a respeito da PNRS. Destaca-se a importância da implantação da coleta seletiva no processo de reterritorialização dos (as) catadores (as), pois faz parte do novo modelo produtivo adotado por tais sujeitos, como forma de obtenção do material reciclável.

õVocê disse que, hoje, a coleta seletiva está com vocês. [...]ö (Entrevistadora)

õ[...] Antes de nós ter a coleta seletiva, fazer a coleta, a gente só recebia o material aqui, né. Que a PAVOTEC fazia a coleta. Então ela, a PAVOTEC, fazia a coleta com os mesmos caminhão que nós faz hoje, só que com garis, né [...]. Os cinco caminhões. E, recebia, a prefeitura pagava ela pra poder fazer. [...] Mas existe uma lei, né, de resíduos sólidos, que a gente, catadores, pode fazer coleta seletiva sem precisar de passar por licitação, concorrer com outras empresas, pra fazer a coleta seletiva da cidade, né. A gente lutou [...] na administração da Elisa. No último mandato dela, [...] em dezembro, na saída dela, ela assinou o

contrato com a gente. É, passando a coleta seletiva pra gente.[...] A gente assinou o contrato por um ano. [...]ö (C18)

Ao longo do tempo, ocorreram conquistas envolvendo a ASCANAVI: o terreno onde a Associação está instalada passou a pertencer à mesma; e a coleta seletiva do município tornou-se responsabilidade da Associação, através da celebração de um contrato. Uma questão que merece ser comentada é o poder simbólico que a Associação passou a exercer no município, ao tornar-se responsável por efetuar a referida coleta.

Segundo um (a) dos (as) catadores (as) entrevistados (as), a coleta seletiva abrange atualmente em torno de sessenta e oito bairros de Governador Valadares, não atingindo ainda todo o município. A rota foi definida a partir do mapa de bairros da cidade, sendo a coleta nos bairros realizada por quatro caminhões, havendo outro caminhão para atender a algumas solicitações no centro da cidade. Os caminhões, que percorrem semanalmente as ruas do município, são fretados pela Associação, sendo os motoristas profissionais autônomos, pagos diretamente pela mesma.

õE você falou sobre a questão da rota da coleta seletiva. Como é que essa rota é definida?ö (Entrevistadora)

õ[...] foi definida pelo mapa, né. É... os quatro caminhões que faz os bairros, a gente fez uma, um mapa dos bairros que são feita a coleta, e dividiu [...] três, quatro bairros pra cada caminhão. E aí, toda semana ele faz esse processo. Vamos supor: é, um caminhão tem dez bairros, né, pra fazer. É, ele faz três na segunda, quatro [...] na terça, depois ele na [...] quarta ele volta lá de novo, naqueles bairros que ele já fez, né. [...] Cada caminhão tem, em média, quatro a cinco bairros pra ser feito. [...] Porque, me parece que nós estamos fazendo cinquenta e oito, sessenta e oito bairros.ö (C18)

[...]

õQuatro caminhões. No bairro, né.ö (C18)

õSim.ö (Entrevistadora)

õPorque tem o caminhão que faz o centro, que é o institucional que a gente fala. [...]ö (C18)

A organização da ASCANAVI se mantém na forma de comissões, sendo as decisões tomadas em assembleias e registradas em ata, o que pode ser confirmado através da fala de uma catadora, participante do estudo.

õDe acordo com o Estatuto, vocês têm comissões. [...] Essas comissões são atuantes?ö (Entrevistadora)

õÉ uma coordenação. [...] elas são atuantes, assim... porque tá dentro do [...] regimento interno que as reuniões, as assembleias; a gente faz primeiro com a coordenação, uma, alguma coisa que acontece aí, né.ö (C18)

õHum...ö (Entrevistadora)

õAh, é, vamos chamar a coordenação pra decidir. [...] A gente reúne, [...] que é um representante dessa comissão aí.ö (C18)

õDe cada comissão dessas?ö (Entrevistadora)

õÉ. A gente chama um de cada. Aí, a gente senta aqui. [...] Oh, tá acontecendo

isso, isso, isso. O que é que vai ser feito? Decidiu aqui, se tiver que resolver aqui, tá no Estatuto que, [...] a coordenação tem todo poder pra poder decidir, é resolver. Se não, se for uma coisa maior, a gente leva [...] pra comissão, pra coordenação lá dentro decidir. Que fala, que a gente fala de assembleia.ö (C18)

[...]

õÉ. A gente leva em assembleia. A gente reúne todo mundo e coloca a situação, e fala: a coordenação decidiu isso, mas vocês concordam que faz isso? Né. E aí, todo mundo dá sua opinião.ö (C18)

[...]

õE aí, tem que constar em ata. Porque [...] é uma assembleia. [...]ö (C18)

[...]

Tem-se, portanto, que a Associação, a partir do relato acima, pode ser vista como um território normado, permeado por relações internas de poder, ainda que o mesmo não esteja concentrado; isto é, mesmo que seja um poder consensuado, uma vez que as decisões são tomadas a partir da participação de todos (as) os (as) associados (as).

No território representado pela Associação, no qual prevalece a maioria feminina, há distinções, hierarquias, valorações diferenciadas sobre as atividades exercidas no espaço do trabalho e sobre quem as exerce, tensões e relações de poder entre os (as) catadores (as) demarcadas fortemente pelo gênero (SOUZA; FONSECA, 2013). Segundo o estudo destas autoras, neste ambiente, as mulheres destacam-se no engajamento em favor da coletividade, na defesa da associação e na gestão coletiva do trabalho (SOUZA; FONSECA, 2013). Tais questões também precisam ser exploradas na abordagem da identidade territorial e da percepção de riscos na Associação, contudo este não é o foco desse estudo.

Um (a) dos (as) catadores (as), componente da amostra, esclarece como se dá a relação de trabalho entre os (as) associados (as) e a ASCANAVI; e entre os (as) terceirizados (as), representados pelos motoristas, pela secretária, pelo vigia, e a mesma.

õE esses profissionais dos caminhões são autônomos?ö (Entrevistadora)

õSão autônomos. E são donos do caminhão. Motoristas, [...] donos do caminhão.ö (C18)

õ[...] Sobre a relação de trabalho do associado com a Associação, ele assina um contrato de trabalho? [...]ö (Entrevistadora)

õNão. Ele é associado.ö (C18)

õMas, não precisa assinar contrato de trabalho?ö (Entrevistadora)

õNão. É... os motoristas, sim. A [...], sim. [...] esse aí fiscal, que trabalha aqui de vigia [...], esse sim. Assinou um contrato de trabalho com nós, [...] que o contador fez, né, e eles assinaram porque eles são contratados. Não têm carteira assinada não, são contratados. Mas, nós não. Nós somos donos.ö (C18)

[...]

õ[...] o que a Associação faz é meu, é dela, é dela, tudo²⁷.ö (C18)

²⁷ A entrevistada aponta outros catadores.

[...]

õ[...] E se hoje nós quiser acabar com a Associação [...]. Eu procuro uma coisa pra mim fazer, o outro, e não fica ninguém aqui. A gente não pode vender os equipamentos, não. Vão vender, vão dividir o dinheiro. Não. A gente tem que passar pra outra Associação, que tem o mesmo fim de que nós. Ou cooperativa.õ (C18)

õEntendi.õ (Entrevistadora)

õ[...] pra tomar conta. Nada aqui dentro é nosso. [...]õ (C18)

O relato acima mostra a consciência da catadora entrevistada em relação ao coletivo: *õ[...] o que a Associação faz é meu, é dela, é dela, tudo (aponta outros catadores) [...]. Nada aqui dentro é nosso. [...]õ. Ou seja, existe o reconhecimento das questões comunitárias, que fazem parte da própria natureza de uma Associação, talvez construído pela experiência vivida no território da ASCANAVI.*

A organização do processo de trabalho foi modificada. Apesar de cada catador (a) possuir uma função específica, diariamente são definidas as atividades que ele (a) irá exercer. De acordo com o relato que segue, essa definição se dá de acordo com quantidade de resíduo acumulado. Em alguns setores específicos, essa rotatividade não ocorre. É o caso do vidro, do ferro e dos eletrônicos.

õ[...] nós fizemos uma reunião, porque ficava muito solto, né. Cada um chegava, fazia, o serviço só acumulando... E aí a gente pegou e pediu, é, pro [...] ser o coordenador de serviço. E aí, ele chega, tá precisando de fazer tal coisa, ele já põe um ali pra fazer. E, cada setor, igual o vidro, já tem uma pessoa que já tá ali, direto ali, naquele vidro. Às vezes troca, mas é muito difícil.õ (C18)

O trabalho na Associação ocorre de segunda a sexta-feira. Quando há acúmulo de resíduos sólidos, e ocorre consenso entre os (as) catadores (as), o horário de trabalho pode ser estendido; ou ainda, as atividades podem também se desenvolver no sábado.

õO horário é de oito às onze, onze horas vai almoçar, volta meio-dia e meio, é, meio-dia e meio vai até às cinco. É, de segunda a sexta. Mas, a necessidade de tá muito acumulado, aí a gente tá vindo no sábado também. Porque o horário quem faz é nós, né. Se nós quiser trabalhar até oito horas da noite, nós pode trabalhar. Porque quanto mais produzir, mais a gente ganha, né. [...] Mas, isso também vai do [...] consenso de todo mundo. [...]õ (C18)

Diante do relato anterior, percebe-se novamente a existência de relações internas de poder consensuais. O horário de trabalho pode ser estendido se houver a concordância de todos (as) os (as) catadores (as).

É necessário retificar a informação disponibilizada em Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis Natureza Viva (2003b), no que tange à forma como se dá o pagamento de cada associado (a). Atualmente, cada catador (a) recebe o quociente da produção conjunta, do grupo, no que diz respeito à comercialização dos materiais classificados, pelo número de

horas por ele (a) trabalhadas. O relato, a seguir, explica esse modo de percepção de valores pelos (as) catadores (as).

õ[...] Nós trabalhamos por produção, mas também trabalhamos por hora. Porque, a produção, ela é o coletivo. [...] Se a produção for de trinta e cinco, esses trinta e cinco vai ser dividido em horas trabalhadas.õ (C18)

õEntendi.õ (Entrevistadora)

õPorque, as meninas chegam de manhã, assinam o caderno. Aí, à tarde, assina de novo. A [...] lança no computador. O computador dá o resultado final, né. E... Se eu não trabalhei de manhã, eu não vou receber. Porque tem muitas pessoas [...] que faltam, né, sem motivo... Aí, a gente colocou isso.õ (C18)

Ainda conforme relato da catadora, participante da pesquisa, desde o ano de dois mil e dezessete, o pagamento do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) dos (as) associados (as) é realizado, assim como de um seguro de vida. Até então, os (as) catadores (as) e respectivas famílias não possuíam quaisquer garantias financeiras futuras.

õEntão, hoje, todo associado tem esse pagamento do INSS?õ (Entrevistadora)

õTem. Tem o pagamento do INSS e ainda tem o seguro de vida. [...]. Caso acontecer alguma coisa na família [...]... com ele, na verdade, e a família não tem nada. Aí, a gente pegou e resolveu fazer o seguro pra cada associado, né. Um seguro baratinho, mas, se a gente não tivesse o contrato da prefeitura, a gente não tinha como fazer, né. Porque a gente trabalhou [...], esses anos todos, sem.õ (C18)

[...]

Em relação ao número de associados (as) à ASCANAVI, um (a) dos (as) entrevistados (as) explica a dificuldade de que novos (as) catadores (as) se associem, pois o valor obtido com a comercialização do material seria dividido entre um número maior de indivíduos, o que contribuiria para a diminuição dos salários.

õE aqui, vocês trabalham com um número fixo de associados? Como uma pessoa entra aqui e torna-se associada?õ (Entrevistadora)

õNão, é, devido à demanda do trabalho. Igual, hoje nós [...] vê a necessidade de colocar mais pessoas. Né, por causa, olha pro cê vê como é que tá²⁸. Depois que a gente passou a fazer a coleta, nós mesmos, nós estamos passando em todas as ruas do bairro. [...] Então, a gente tá tentando manter [...] todas as ruas, e o material dobrou, né. [...] A gente tem a necessidade de colocar mais pessoas, mas se a gente colocar mais pessoas, com o material no preço que tá, sem a gente ter o recurso, [...] o respaldo disso, o salário da gente não aumenta, fica mais pessoas, mas o salário cai. Porque, o material, é, em si, é muito barato. Então, não adianta nada ter muita mão de obra de pessoas, mas a produção, é, aumenta, mas não aumenta o suficiente que dá pra pagar um salário de alguém.õ (C18)

[...]

O processo de trabalho na Associação constitui-se de algumas etapas principais: deposição do resíduo sólido coletado no município pelos caminhões, na rampa do galpão;

²⁸ O catador aponta para os resíduos que estão espalhados na rampa.

triagem do material na esteira; triagem refinada dos resíduos que já passaram pela esteira; prensagem e enfardamento do material reciclável separado; deposição dos fardos nos caminhões fretados; transporte dos fardos até o intermediário.

Ao longo do dia, os cinco caminhões que realizam a coleta seletiva nos bairros de Governador Valadares vão chegando à Associação, e depositando o material coletado na rampa, localizada na parte frontal do galpão. Ali, o material já passa por uma triagem grosseira, principalmente para a separação do papelão.

É importante destacar que os (as) catadores (as) lidam com diversos tipos de resíduos sólidos. A separação dos mesmos é realizada conforme a exigência dos intermediários e a valoração do material reciclável no mercado. Os (as) catadores (as) nomeiam os resíduos sólidos, conforme essa segregação que realizam, e utilizam para tanto, palavras que fazem referência a alguma característica do material. Assim, têm-se os seguintes materiais que são enfardados separadamente, e comercializados pela Associação: o papel, que pode ser denominado branco, papelão ou misto; as sacolas plásticas, chamadas delta, colorida, branquinha; as embalagens Polietileno Tereftalato (PET), chamadas somente PET (o óleo, o azul, o verde, o branquinho); a sacola que abriga o material hospitalar, e é denominada azul.

õ[...] Quais são os resíduos que vocês recebem hoje? Porque vocês classificam, né [...]. Me explique quais são, qual é a diferença.õ (Entrevistadora)

õÉ. Vamos supor... Esse papel aqui²⁹, a gente considera ele como branco, né. [...] esse aqui é o papelão. [...] a revista, é misto que a gente chama.õ (C18)

[...]

õLivro é o branco. [...] Então, a gente tira a capa dele, [...] e joga ele no branco. É, e aí, a gente faz tudo separado por causa do preço. Porque, esse aqui branco, ele é um preço. [...] ele parece que tá... noventa e cinco centavos. [...] O misto, já tá vinte e cinco. Então, se a gente mandar junto, o atravessador, ele vai pagar tudo como misto. Porque é mais viável pra ele, né. [...]õ (C18)

[...]

õA gente fazendo a separação, a gente já dá um, um valor maior no papel, igual os outros material também. Plástico, a mesma coisa, a sacolinha, a mesma coisa.õ (C18)

[...]

õ[...] a delta, aquela tipo supermercado, [...] a gente chama delta [...]. Ela é a mais baratinha que tem. [...] A colorida, é, de açúcar, de arroz, essa azul, né, a lona preta, tudo pode ir junto. É a colorida. Ela é um preço também. A branquinha, só branquinha, [...] igual essa aqui ó³⁰...õ (C18)

õTransparente.õ (Entrevistadora)

õTransparente. Ela também vai separada. [...] porque ela também é outro preço. [...] O pet, o pet de óleo tem que ser só óleo. E o azul, e o verde, só verde. E o branquinho, só branquinho. Pra dar mais valor ao material.õ (C18)

²⁹ O catador aponta para um papel branco comum.

³⁰ A catadora mostra uma sacola de plástico transparente.

O material recebido pela Associação, proveniente de hospitais, é caracterizado por uma catadora, componente da amostra.

õA própria sacola em si, eles fala de azul porque, é, todo material hospitalar, ele vem nesse saco azul, [...] fazer diferente do que é hospitalar, né.õ (C18)

[...]

õMas, ali dentro vem papel, vem o sorinho, vem plástico, vem de tudo, vem copinho, que no hospital colocou. [...] a gente pediu pra identificar na sacola azul [...] pra vim pra nós.õ (C18)

A partir da rampa, o resíduo é, então, conduzido para as duas esteiras, ao longo das quais os (as) catadores (as) permanecem posicionados (as), realizando uma segunda triagem; separando vidros, embalagens cartonadas, papéis, sacos plásticos, embalagens plásticas, dentre outros, que são depositados em sacos *big bags*. O vidro é conduzido a um local específico, assim como o ferro e os eletrônicos.

O material contido nos sacos passa por nova triagem, agora refinada, após a qual, o resíduo é conduzido para as prensas. Há quatro prensas no galpão da Associação. Uma vez prensados, eles são enfardados, e depositados com a utilização de uma máquina nos caminhões fretados. O transporte é, então, realizado semanalmente até o intermediário, que adquire o produto da Associação.

õVocês vendem pra atravessadores?õ (Entrevistadora)

õUm grande atravessador. Porque, se a gente fosse vender aqui, dentro de Valadares... Igual, no início, a gente começou vendendo aqui.õ (C18)

[...]

õAqui, eles pagam preço mínimo. Eles vendem pro mesmo que nós vendemos.õ (C18)

[...]

õEntão, o mais viável a gente fazer uma carga toda semana, né, pagando o frete, e mandando pra um grande atravessador, em BH. [...] de lá que ele vende pra indústria. [...]õ (C18)

Um (a) dos (as) catadores (as) entrevistados (as) relata a dificuldade de se comercializar diretamente com um cliente final.

õ[...] nós não consegue chegar na indústria, porque a indústria é muito burocrática, ela é muito, é... exigenteõ (C18)

[...]

õPra mandar pra indústria, tem que mandar, vamos supor, só uma carga só de... [...] porque ela quer uma carga toda semana de papel branco. Nós não temos, né.õ (C18)

[...]

õ[...] A gente manda uma carga toda semana, mas a gente manda mista, uma carga mista.õ (C18)

Existem alguns materiais que são comercializados com clientes específicos. É o caso do vidro, do ferro e dos eletrônicos. Uma entrevistada relata essas especificidades. Destaca-se

o risco de acidentes envolvendo o vidro, que precisa ser quebrado para que tenha maior valor agregado na comercialização.

õ[...] O plástico. A gente vende aqui pro, pro Distrito (não é possível entender) [...].ö (C18)

õE o vidro?ö (Entrevistadora)

õ[...] O vidro tem um monte de comprador, porque... [...] a gente vende pra um comprador em Belo Horizonte, que pega essa vidraça, mas ele não pega garrafa.ö (C18)

[...]

õ[...] O garrafa, a gente tem um comprado; se a gente for vender ela inteira, sem quebrar, a gente tem um comprador aqui [...] da Ilha. Ele pega, vem aqui e pega.[...] Mas, é muito barato. [...] tem um que compra quebrado, que ele é de Juiz de Fora. Ele compra o vidro quebrado [...]. Então, a gente, ultimamente, [...] tá vendendo pra esse. Pedi até os meninos pra colocar o container lá embaixo, aquele container que ficava ali, de ferro... Agora a gente tá pondo ferro no chão. Põe o container lá, e a menina tá quebrando dentro do container [...]. Ele já vem com, com o caminhão dele, já pega a caçamba, já atraca o caminhão dele e leva.ö (C18)

õE o ferro também é vendido?ö (Entrevistadora)

õ[...] Ferro, a latinha, é vendido. Conserva... tudo, tudo contém ferro, tudo que é lata é vendido. A gente joga ali.. É vendido aqui mesmo, em Valadares, o ferro. [...].ö (C18)

õE eletrônico?ö (Entrevistadora)

õEletrônico também a gente vende aqui. A menina faz o desmonte dele, e, a gente vende as placas, o cobre, os fio a gente queima, né, pra ser cobre. Tudo é vendido.ö (C18)

A catadora participante do estudo expõe que, apesar do trabalho de esclarecimento da população quanto à importância da separação dos resíduos sólidos para o seu descarte adequado, ainda recebem material que não é reciclável, ou seja, que para a Associação não possui valor comercial. Esse material, denominado rejeito, é enviado para o aterro sanitário de Santana do Paraíso - MG.

õ[...] Por mais que a gente faz mobilização, né, pra vim [...] só reciclado... Mas, vem misturado. Tem muita comida que o povo põe junto, muita fralda descartável, papel higiênico, vem muito ainda. É... Aí, isso aí, tudo vai pro rejeito. Fica naquelas bolsa lá, que a gente chama de rejeito, que a prefeitura recolhe e joga lá no aterro.ö (C18)

Se antes havia o problema social dos (as) catadores (as) concentrados (as) no lixão e daqueles (as) que percorriam as ruas do município a fim de obter renda, agora há uma invisibilidade concentrada na Associação, que representa o território do descarte. O município por sua vez, abriga uma sociedade que cada vez mais pratica o consumismo e, assim, pode ser caracterizado como o território do consumo. A sociedade preocupa-se em se livrar do resíduo gerado por seu consumo, mas conforme o relato acima, não há um cuidado efetivo na separação adequada desse material, que chega à Associação misturado; apesar do esforço dos

(as) catadores (as) na realização de um trabalho de conscientização. Vê-se, portanto, um distanciamento entre o território do consumo e o território do descarte, sendo que este último abriga os (as) catadores (as) de resíduos sólidos, que permanecem invisíveis.

3.4 MEMÓRIAS ORIUNDAS DO LIXÃO E O SENTIMENTO DE PERTENÇA AO GRUPO

A análise de uma possível identidade territorial produzida entre o grupo de catadores (as) participantes do estudo e a Associação passa pela compreensão da identidade social de tal grupo. Muitos dos (as) entrevistados (as) participaram do processo de organização dos (as) catadores (as) que atuavam no lixão do bairro Turmalina, e que culminou com a fundação da ASCANAVI. Nove destes (as) trabalhadores (as) estão entre os (as) mais velhos (as), com idade acima de 45 (quarenta e cinco) anos, e participaram da implantação do sistema de coleta seletiva no município de Governador Valadares, compartilhando vivências e experiências comuns.

Haesbaert (1999) menciona a recorrência ao imaginário, ao que está armazenado na memória dos sujeitos, como uma das principais características da identidade territorial, tendo o território como referência. A Associação é, portanto, um espaço simbólico, onde as lembranças do grupo de catadores (as) são reunidas. Esse território referência abriga todo o processo de organização desse grupo social. Dessa forma, produz-se ali uma identidade territorial.

Para Haesbaert (1999), nem toda identidade social é uma identidade territorial; contudo, quando o elemento que representa o ponto de referência central de uma identidade social se origina no território ou o permeia, tal identidade é também uma identidade territorial. Assim, a identidade social do grupo de catadores (as) caracteriza-se como uma identidade territorial.

A partir da perspectiva de Haesbaert (1999, p. 179) de que “[...] as identidades se situam frente a ou num espaço simbólico social/historicamente produzido [...]”, consideramos que na ASCANAVI, a memória representa forte ligação entre um grupo social, o território e as identidades ali estabelecidas. Portanto, atualmente, nove catadores (as) participantes da pesquisa preservam uma forte identidade associada ao passado. A memória do lixão permanece na composição da identidade desse grupo, como lugar no qual se iniciaram os elos existentes na Associação.

õ[...] Como começou o trabalho da senhora na ASCANAVI? [...]ö (Entrevistadora)

õVim junto com o pessoal... Eu não vim sozinha... vim junto. A... Marinalva foi, me cadastrou... lá no lixão... E do lixão, eu entrei no galpão. [...]ö (C2)

[...] Desde quando criou a Associação que eu tô aqui. Nós fez a coleta seletiva... [...] Andamo demais, minha fia, sofreu fazeno essas coleta, sabe... A gente foi na Ilha... Todo lugá nós fez essas coleta. [...] (C10)

õ[...] Fiquei no lixão até... Aí, graças a Deus veio a, construção da ASCANAVI, eu fiz parte da construção da ASCANAVI, né... Com [...] prefeitura, grupos de apoio [...] E eu fiz parte desse processo todo... [...] Implantamos a coleta seletiva, porta a porta, nós buscamos em carrinho... Na época não tinha caminhão, nós buscamos em carrinho... no Grã Duquesa, no Santa Helena, no Carapina, esses bairro mais próximo ali, do Centro...ö (C18)

Assim, uma vez que nove catadores (as), componentes da amostra, encontram-se na Associação desde a sua fundação, e possuem uma origem comum, representada pelo lixão do Bairro Turmalina, predomina naquele local uma memória viva, constituída da combinação do que viveram em comum no passado experienciado no lixão; daquilo que vivenciaram e vivenciam na Associação; e das perspectivas, nutridas por muitos, de permanecer nesse território, sobrevivendo da renda dele proveniente. Aproximando-se da reflexão de Haesbaert sobre a questão da memória, o geógrafo Paul Claval sugere que a identidade nasce a partir dessas memórias, que por sua vez contribuem para o sentimento de pertencimento a um grupo (CLAVAL, 2001). Portanto, essa memória viva comum permite o surgimento, nos (as) catadores (as) associados (as), de um sentimento de pertencimento a um grupo social.

Segundo Cruz (2007), dois elementos fundamentais são necessários para a construção de uma identidade territorial: o espaço de referência identitária e a consciência socioespacial de pertencimento. No caso em estudo, conforme já colocado, o espaço de referência identitária é representado pelo território da Associação. Em relação ao segundo elemento apontado por Cruz, os (as) catadores (as) apresentam aspirações comuns, associadas ao sentimento de pertença a um grupo, a um lugar, e aos laços estabelecidos, que perpassam o território da Associação. Ao desenvolverem suas atividades em um espaço de trabalho comum, o galpão, os sujeitos pertencentes ao grupo de catadores (as) compartilham de experiências, vivências, aspirações, afetos; estabelecem vínculos e desenvolvem relações permeadas por consenso e conflito.

Assim, seis dentre os (as) catadores (as) mais velhos, com maior tempo de permanência na Associação, apresentam relatos positivos e o desejo de permanência nesse local.

õA relação... minha... sobre o grupo é o seguinte... [...] Eu me preocupo muito com o grupo... tá [...]. Meu objetivo é crescê... é... dentro desse processo... né... da reciclagem [...]. É melhorá, não só a minha situação, mas a situação dos meus colegas catadores [...].ö (C3)

*õRepresenta pra mim o seguinte... [...] a gente trabalhano ao mesmo tempo, né, conversa com um, conversa com o ôtro... É... a vez quando a gente tá triste, o colega de serviço também não deixa a gente ficá triste [...].
[...] e eu quero assim... Cada vez mais, melhorá cada vez mais. [...] eu gostaria de continuá aqui mesmo. [...] Porque a gente já tem amizade, né... Já tem os companheiro de serviço... a gente já conhece todo mundo... [...] Aqui eles trata a gente bem também. [...]ö (C4)*

õ[...] Fora a família da minha casa, essa aqui é uma ôtra família que eu reconstruí. [...] A gente discute, a gente briga... Mas, a gente é sempre amigo, tá sempre unido. [...] São todos maravilhosos... Me dô com... identifico com todos eles. Entra um novato, eu tô sempre brincano, sempre rino. [...]ö (C11)

[...]

õ[...] já acostumei aqui.ö (C11)

õ[...] Eu cabô, eu vô cabá de xercê, de exercê meu tempo é aqui mesmo.ö (C14)

õAh, de aqui em diante eu penso em a ASCANAVI crescê, em a ASCANAVI virá... uma associação [...] Mais consciente. Que as pessoas que tão entrano aqui tivesse mais consciência, trabalhasse com mais amor, dedicasse mais... [...] Tem muita otras coisa que... pra movê a associação é preciso sê feita, entendeu? [...] Porque senão, você fica pra trás.ö (C16)

õ[...] E a ASCANAVI pra mim... é como se fosse a minha casa. [...]ö (C16)

[...]

õNão. Não me vejo fazeno otra coisa. Eu me vejo... parano aqui.ö (C16)

Contudo, há também, entre os (as) catadores (as) mais velhos (as) e com mais tempo de serviço, uma catadora, participante do estudo, que demonstra uma valoração negativa.

õNem sei explicá... o quê que a ASCANAVI representa. Só sei que... Ih... Tem muita coisas boas... Tem gente boa e tem gente ruim também. [...] Eu porque eu não tenho leitura [...]. Não é meu trabalho. Esse negócio de chegá limpa... limpinha... Saí cheia de poeira, suja [...]: Não é comigo. Sempre eu tô falano isso aqui. [...]ö (C2)

Há entre os (as) catadores (as), que estão há mais tempo desempenhando funções na ASCANAVI, duas catadoras componentes da amostra que manifestam o desejo de mudança em relação à atividade exercida. A catadora C18 demonstra uma possível insatisfação em relação à falta de consciência coletiva de alguns (umas), ao relatar *õ[...] Tem umas pessoas que... que assim, num entende que você tá fazendo um trabalho pra todo mundo. [...]ö*. De fato, essa consciência ou comprometimento não existe entre todos (as) da mesma forma, em grupos humanos.

õO que eu penso?ö (C10)

õÉ... da profissão... para o futuro.ö (Entrevistadora)

õ[...] Eu penso minha... meu futuro melhó, que melhorá mais, sabe. [...]ö (C10)

õMas, aqui dentro ou a senhora se vê fazendo outra coisa?ö (Entrevistadora)

õFazê ôtra coisa, um serviço, né... Melhorá mais...ö (C10)

õEntão, se a senhora tivesse a oportunidade de trabalhar com outra coisa...ö (Entrevistadora)

õEu queria... Se tivesse. Mais agora, boba, num tem jeito, por que... já tô cum sessenta ano, né... A casa de família num pega a gente mais... Ôto serviço num pega a gente mais... Entendeu?ö (C10)

[...]

õAh, boba, aqui a relação cum nossos colega, a gente veve, né... Que tem que fazê pa vivê... Tem dia que elas tá boa, tem dia que tá agitada. [...] Tem vez que umas tem [...] união, ôtas num tem... Ingnorança com ôtas. [...] A gente que trabaia junto tem que tê união... Mas, isso num repara não, que é agitação, com serviço, né... Uma responde a ôta, ôta responde, ôta fala... (risada) Entendeu?ö (C10)

õ[...] Da agora pra frente, então... a vontade tá vindo demais. Vontade de sair.ö (C18)

õSe você tivesse oportunidade de trabalhar com outra coisa, você trabalharia?ö (Entrevistadora)

õEu acho que sim. [...] Tem umas pessoas que... que assim, num entende que você tá fazendo um trabalho pra todo mundo. Cê entendeu? Num sei se você observou, que cê conversando com todo mundo aí... Amo a associação. [...] quando eu chego aqui, eu quero me sentir em casa, sabe? [...] mas se eu arrumasse um outro emprego assim... eu acho que eu largaria isso aqui pra mim poder viver mais tranquila, assim... [...]ö (C18)

O discurso de quatro catadores (as) entrevistados (as), entre os (as) mais jovens, tanto para os (as) que têm mais tempo de permanência na ASCANAVI quanto para aqueles (as) que ali iniciaram suas atividades há menos tempo, passa pelo desejo de permanência na Associação, mas é tangenciado por um desejo de mudança, mencionado como uma espécie de sonho impossível.

õÉ... Não... Assim, sonhá, a gente sonha, né... Agora se fô pra mim saí daqui pra ir trabalhá ni ôtro serviço... Eu [...] num quero não. Porque aqui eu... já acostumei aqui... memo brigano, discutino cum eis... Mas já convivi aqui... Entendeu?ö (C5)

õ[...] eu só trabalho aqui mesmo, num estudo, nem nada... Pra tê uma profissão melhor, eu teria que estudá, né... continuá os estudo. Mas, por enquanto ainda tá parado, ainda. É aqui mesmo. Enquanto tivé aqui, eu tô trabalhano aqui. [...] É... Já té costumei, né. Acho que eu nem consigo trabalhá nôtro sirviço, não. Já costumei. Muitos ano [...].

[...]

[...] representa é, assim... uma família, né... Todo mundo aqui.ö (C7)

Há entre os mais jovens, quatro catadores (as) com um tempo considerável de trabalho na Associação, ou seja, oito anos ou mais. No relato a seguir, é visível a vontade de comungar das mesmas melhorias que os outros (as) associados (as), e de continuar na Associação.

õ[...] o meu objetivo [...], que aqui melhore mais, pra todos nós, né... O benefício para todos, que eu desejo.õ (C9)

õVocê pretende continuar aqui?õ (Entrevistadora)

õPretendo... pretendo.õ (C9)

Entre os (as) mais jovens e com menor tempo de serviço, é grande o desejo de exercer outra atividade, evidenciado com a justificativa de melhor remuneração.

õ[...] Enquanto eu tive o serviço aqui, eu vô, continuá aqui, mais se surgiu algum ôtra coisa, entendeu? Que eu vô ga... recebê mais... que eu posso evoluí... aí... posso até mudá, entendeu?õ (C6)

õVocê vislumbra alguma coisa fora daqui?õ (Entrevistadora)

õNão. Seu eu tivé oportunidade, sim. Mais... Porque, geralmente, a gente num acha serviço aí fora. Num tá teno emprego.õ (C17)

[...]

õSe tivesse solução de oportunidade em otro lugar, sim.õ (C17)

Desse modo, para os (as) catadores (as), o território da Associação assume um valor simbólico, positivo ou negativo. Essa valoração se dá de acordo com a idade e o tempo de permanência nesse lugar. Dentre os sujeitos que vivenciam esse território e pertencem a esse grupo social, figuram diversos desejos: de permanência na atividade desenvolvida na Associação; de mudança de atividade, em busca de uma melhor remuneração; de mudança de atividade pela simples vontade de exercer uma profissão diferente. Essa diversidade de aspirações e diferença de valoração do território entre os indivíduos de um mesmo grupo remetem aos questionamentos de Claval (2007; 2001), sobre o fato de por que valorizam os lugares de modo diferente, vivenciando-os também de maneira diversa.

Para além de fonte de renda, a Associação assume outras representações para esses sujeitos, ou seja, aparece reconhecida por alguns, como território onde se desenvolve uma atividade que colabora com o ambiente, ao resignificar o resíduo que é desprezado pela sociedade. Assim, além das relações próximas ali existentes, por muitos (as) serem parentes, vizinhos, e por serem companheiros (as) de trabalho, há também o forte elo estabelecido por darem novo significado, um sentido útil, àquilo que para a sociedade já não mais possui serventia.

Nesse caso, pode-se dizer, conforme Claval (1999), da conformação de uma identidade como construção cultural. Tal identidade encontra-se apoiada em um território onde o grupo de catadores (as) desenvolve uma atividade reconhecida pelos (as) mesmos (as) como benéfica para o ambiente. Fazendo uma aproximação com a perspectiva de Haesbaert (2007), teríamos que, por estar centralizada em um território referência, a identidade cultural do grupo apresenta-se como identidade territorial. É importante ressaltar que o

reconhecimento dessa identidade aparece nas falas dos (as) catadores (as) com maior tempo de atividades desempenhadas na Associação.

õ[...] foi formando a minha consciência e [...]. eu percebi que... esse trabalho [...] não é só importante pra mim... mas pro meio ambiente... [...] de lá pra cá, eu passei a tê [...] o reconhecimento [...], tê mesmo esse [...] trabalho como [...] profissão. [...] No decorrer do tempo, eu aprendi muita coisa, né... no que se refere á reciclagem, à preservação ambiental... [...] isso me fez apaixonar [...]. pela profissão. [...]ö (C3)

õÉ importante, né, porque é o lugá onde que a gente tira o sustento e... também é... ajuda a limpá também o meio ambiente... [...].ö (C7)

õ[...] Representa muita coisa pra mim. É... Mas, o principal [...] representa [...] Aprendi muito a dar valor as coisas, né, por causa da ASCANAVI [...] Aprendi a dar valor também... [...] não assim... bens materiais, né, mais assim, meio ambiente, [...] porque eu num tenho estudo, né, então, num fiz cursinho nenhum... Tudo que eu sei hoje, eu aprendi na ASCANAVI [...].ö (C18)

Assim, a ressignificação do resíduo sólido, atividade comum desenvolvida pelos (as) catadores (as) na ASCANAVI, os (as) aproxima como categoria profissional e lhes confere valores sociais; pois além de representar uma fonte de renda digna, transforma esses indivíduos em protetores do ambiente. Tem-se, portanto, uma identidade cultural apoiada no território referência da Associação, permeada pelo sentimento de pertencimento dos (as) catadores (as) em relação a esse grupo social, apesar das diferenças existentes entre eles (as), que se traduz em uma identidade territorial.

3.5 A APROPRIAÇÃO SIMBÓLICA DO ESPAÇO E A DINÂMICA DA IDENTIDADE

É possível reconhecer na fala dos (as) catadores (as), que o processo de territorialização do/no espaço contribuiu para a formação de uma identidade territorial, a partir da apropriação simbólica do mesmo, conforme afirma Haesbaert (2016). A ASCANAVI é um território de ações cotidianas estabelecidas pelos (as) catadores (as), como as conversas travadas durante o período do almoço, quando muitos (as) deles (as) realizam suas refeições em grupos que se espalham pelo espaço da Associação, em meio aos resíduos sólidos. Treze catadores (as) relataram que as refeições ocorrem na Associação. Essa prática ocorre tanto entre os (as) catadores (as) jovens, quanto entre os (as) mais velhos (as).

õAlmoço aqui.ö (C1)

[...]

õTrago [...] a marmita... [...].ö (C1)

õÁgua gelada... Trago água gelada... [...] Aí eu só bebo água que eu trago da minha casa. [...].ö (C1)

õMas você almoça aqui...ö (Entrevistadora)

õSim. O almoço [...] a gente traz comida pra cá, né... Porque aqui a gente já num tem uma... primeiro que a gente num pode nem fazê uma cantina aqui [...] porque a área não permite, né... É uma área de aterro, que ainda recebe os resíduos da cidade, né... Então, [...] o pessoal da prefeitura lá, eles [...] num aceita... a gente fazê [...] um refeitório aqui [...]. É... [...] a área sanitária do município não permite, né... [...] Aí, a gente vai... a gente traiz a comida pra cá [...]. A gente aquece a comida e faz as refeições aqui mesmo. [...]ö (C3)

õFaço a janta... e de manhã eu esquento bem quente, né... e coloco na marmitta térmica e trago... E faço meu café e trago meu café também... Aí, eu almoço aqui. [...] Aí, eu como aqui, junto com o pessoal mesmo. Um cado vai em casa, ôtros não.ö (C4)

Ao se apropriarem simbolicamente do espaço vivido, representado pela ASCANAVI, por meio de suas práticas cotidianas, seja no bate-papo no almoço, seja na dinâmica do exercício da própria atividade de catação, empregando gestos e termos comuns entre eles (as) - como os movimentos realizados com os braços para solicitar o liga/desliga de um equipamento, e os termos específicos empregados para se referirem à variedade de materiais que separam - os (as) catadores (as) exercem a territorialização desse espaço, colaborando para o surgimento de uma identidade territorial.

Para Cruz (2007), a identidade é um processo histórico de construção de significados sociais e culturais, a partir do qual um indivíduo ou grupo se distingue ou se identifica. Assim, ela é dinâmica, apresenta-se em constante movimento, estando associada tanto às memórias quanto aos projetos futuros (HALL, 2004 apud CRUZ, 2007).

Identifica-se na fala de um catador o reconhecimento da mudança na forma de pensar o trabalho a partir do processo de criação da Associação. Naquele momento, os (as) catadores (as) passaram ssou a atuar de forma organizada, o que também contribuiu para a formação de sua identidade. Assim, há modificação no modo em que essa identidade se constitui, na medida em que os (as) catadores (as) vão se organizando na ASCANAVI.

õ[...] Eu e minha esposa conheceu o lixão. [...] resolvemos trabalhá no lixão. E foi lá que a gente comecô... [...] o trabalho de catação... [...] e... o processo de organização do catadô também, começou lá no lixão. Foi aonde eu ajudei também nesse processo... de lá pra cá. É... a partir de dois mil e dois, nós criamos a ASCANAVI [...].Essa organização, ela comecô com... com um grupo formado pela igreja católica, através [...] da Igreja Sagrada Família, né... através do Padre Antonio... Ele formô um grupo, pra podê tá conscientizando os catadores dentro do lixão... pra trabalhá de forma organizada, né... Trabalho [...] da forma que nós trabalha hoje [...] dentro de uma Associação, de forma organizada. [...] Trabalhou-se dois ano dendo lixão [...] no sentido de... [...] transformá a consciência do catadô e convencê-lo a trabalhar de forma organizada. De lá pra cá, em dois mil e dois, foi formada a Associação... foi criada a coleta seletiva, ao mesmo tempo... e aí... nós tamos aí, há dezesseis anos aí, trabalhando de forma organizada.ö (C3)

Além disso, na Associação os (as) catadores (as) estão submetidos (as) às mesmas regras, são vistos (as) como iguais. Atualmente, adota-se o sistema de rotatividade de atividades entre os (as) catadores (as), que são coordenados (as) por um dos (as) associados (as). Essa foi uma mudança no modo de organização do trabalho na Associação, que apresenta vantagens e desvantagens, segundo as falas de alguns (as) dos (as) associados (as) que, conforme citado anteriormente, possuem uma linguagem própria para se referirem ao material reciclável.

õ[...] Nós trabalha em otros lugar também... Hoje nós já tava... Ontem nós trabaiô no grosso. Hoje nós vão... Nós tava trabaiaando no branco, viemo pra cá... [...] (C1)

õEntão vai fazendo um rodízio?õ (Entrevistadora)

õÉ... Um dia trabaia em uma coisa, no otro dia trabaia ni outra...õ (C1)

õÉ... Tem hora que a gente tá num lugá, tem hora que a gente tá no... limpano o grosso, com a faca, né... Tem que limpá essas coisa assim... vidro... Tirá o rótulo com a faca. Tem hora que a gente tá no branco...õ (C4)

õE o que a senhora acha desse rodízio?õ (Entrevistadora)

õQuê que eu acho? Eu acho bom. [...] Porque aí cê num fica só num lugá só, entendeu? Aí é mais divertido... [...] A gente tá aqui é pra isso memo, né... pra trabalhá.õ (C4)

õÉ, rodízio. Aqui, a gente num tem lugar certo, não. É muito difícil quando a gente para num lugar.õ (C5)

õE o que você acha disso?õ (Entrevistadora)

[...] Eu fico nervosa, porque quando... [...] Vamo supô... Se eu tô aqui... Aí, vai lá e me coloca lá na prensa... Aí, eu já fico nervosa.õ (C5)

[...]

õMas, você fica nervosa por quê?õ (Entrevistadora)

õPorque fica me... trocane de lugar.[...] Mais, uma parte é bom, porque a gente aprende tudo. [...] Se me colocá no branco, eu sei... fazê... Inqual, aqui³¹... eu sei fazê alguma coisa. Na esteira, eu sei... Imprensá lixo, impresná papelão. [...] (C5)

õ[...] E... tudo que pede pra fazer, a gente vai fazer... Uma pessoa ajuda daqui, ôtra dali... Uma hora eu tô na esteira, ôtra hora eu tô lá fora, ôtra hora eu tô na rampa ensacano... Aonde... É... coloca a gente pra trabalhá... se fô pra enchê uma carreta, uma caçamba de vidro, eu vô lá... Se... pudé ajudá eu vô lá, entendeu? A gente vai ajudá. Se fô pa ajudá a jogá um lixo na caçamba, a gente vai. A gente num escolhe o trabalho aqui.[...] É bom. Você muda de lugar... Entendeu? [...]. É bom, porque a gente aprende todas atividade que tem aqui na Associação.õ (C11)

Três catadoras, dentre os (as) trabalhadores (as) mais jovens, enxergam a Associação como espaço de aprendizado.

³¹ O catador se referia ao trabalho na rampa do galpão, onde o material é depositado pelos caminhões que chegam carregados.

õ[...] através daqui eu aprendi muita coisa... até mexê com reciclage, coisa que eu nunca fiz. Num sabia nem o quê que era isso aqui pra te fala verdade. Pra mim era ingual na Pavotec, eis pegava, jogava tudo no lixão, né. Então... Aí, tudo que eu... aprendi foi aqui... Separá, é, limpá, impressá os material... foi tudo aqui.ö (C5)

õ[...] E... aprendizado tamém, [...] ingual eu te falei, já trabalhei no lixão, mas tem muitas coisas que eu nunca tinha feito. E aqui, eu aprendi a fazê. [...] Serviu como [...] aprendizado tamém, né.ö (C12)

Tem-se, então, uma identidade social do grupo de catadores (as) que traspassa o território da Associação, forjando uma identidade territorial. Tal identidade é marcada por uma referência, a própria Associação solidária, pelos sentimentos de pertencimento ali estabelecidos e pelos significados.

Há dentro desse grupo social, constituído pelos (as) catadores (as) de resíduos sólidos, experiências, memórias e expectativas compartilhadas, e também aquelas diversas, que forjam uma identidade territorial; isto é, a dinâmica da identidade. Conforme Claval (2007), o sentimento de identidade cria a homogeneidade cultural dos espaços, mas também permite que os sujeitos que fazem parte de um grupo preservem sua individualidade. Essa diferença entre os indivíduos que compõem o grupo não impede que o mesmo se aproprie simbolicamente do espaço representado pela ASCANAVI. Tal grupo partilha de experiências cotidianas comuns, vive conflitos, soluções e busca, através de decisões consensuais, exercer sua atividade de modo que todos os (as) catadores (as) associados (as) sejam beneficiados (as).

Ou seja, conforme afirma Claval (2007), há uma preservação da identidade do grupo, sem que haja o rompimento com aquele (a) que se coloca como diferente, havendo apenas a imposição de limites; que no caso da ASCANAVI podem ser representados pelo õsaber vivenciar conflitos e estabelecer soluções consensuaisö.

4 A PERCEPÇÃO DE RISCOS DOS (AS) CATADORES (AS)

4.1 REPRESENTAÇÕES DA SAÚDE E DA DOENÇA

Na ASCANAVI, para os (as) catadores (as) entrevistados (as), tanto a saúde como a doença assumem diferentes significados. Para compreender a percepção que os indivíduos assumem diante do risco à saúde, é necessário entender tais significados. Portanto, neste estudo, a percepção do risco guarda esse aspecto da significação da saúde e da doença.

Oito catadoras participantes do estudo percebem a saúde como algo importante, cuja ausência implica na doença e na incapacidade do indivíduo para a vida, para o trabalho, conforme alguns relatos que seguem. Citam incômodos à saúde, por eles (as) vivenciados (as), que atrapalham o trabalho. Portanto, para essas entrevistadas, a saúde representa o estar apto para algo, que pode ser o trabalho, as atividades do cotidiano, dentre outros.

õA saúde?... Representa muita coisa... [...] a gente sem saúde, a gente não pode vivê, né? [...] Sem saúde a pessoa num tem jeito de vivê não, uai... tem que tê saúde.õ (C1)

õO quê que a saúde representa?... Ah, eu acho que... é... assim... bom, né. A pessoa té saúde... [...] A gente tem que tê saúde... Porque sem saúde num tem como [...] a pessoa [...]. fazê nada... [...] A pessoa ficá doente... Quê que vai fazê? Vai tê que ficá é... no hospital... ou em casa, de cama... né. Então, a gente procura mero... ah... melhora, sim... [...] Porque, ficá pela mão dos ôtro lá, Deus me livre. Então, é melho e gente previni, né... hã... previni antes que aconteça.õ (C4)

õSaúde é muito importante, por que... se a gente num tivé saúde, num tem nada. Porque sem saúde, a gente num consegue fazê nada. Às vez, até uma dor de cabeça atrapalha a gente a trabalhá.õ (C7)

õA saúde? É, num ficá duente [...].õ (C17)

Para cinco catadoras entrevistadas, a saúde diz respeito à sua própria condição de bem-estar ou mal-estar, ou seja, associa-se às experiências relacionadas a esse fenômeno que vivenciam fisicamente. Portanto, lhe atribuem um significado particular, relacionado à sua própria condição física.

*õ[...] E o que a saúde representa para a senhora?õ (Entrevistadora)
[...]*

õMuita, graças a Deus!... (ênfase). Coisa que eu mais tenho na minha vida é saúde. [...] Num tenho pobrema de pressão, num tenho pobrema nenhum... Se eu falá que eu tenho pobrema... é mentira... Tenho não.õ (C2)

õAh... tem hora que eu sinto muito cansada... Eu fumo cigarro, né... Pego peso... Tem hora que num pego... Inqual aqui... aqui³² eu já num pego peso, que é só

³² A catadora se referia ao trabalho na rampa, que é o local onde atuava no momento da entrevista.

puxá saco e juntá, né... Má quando tá na prensa, impresano, a gente pega peso... Quando tá ali pa puxá... Aí, tem hora que eu tô boa, tem hora que eu num tô... Assim, com as perna cans... dueno, né.ö (C5)

õA minha saúde é muito boa, graças a Deus. O único problema que eu tenho, até hoje, é coluna. Eu já fiquei travada, de trabalhá aqui uma semana sem virá do rosto, né. [...] Aí, fui no médico, fiz vários exames, aí... foi coluna. Se eu pegá muito peso ou puxá muito peso nesse braço... [...] Assim, quanto mais peso eu pego, mais ruim eu vô ficando. [...]ö (C11)

õA saúde... Ah, sei lá, a gente... eu, graças a Deus, a única coisa que eu dei só, problema de hemorroida, né. [...] Aí, eu tava tomando o remédio... Aí, eu melhorei, né. [...]. Só isso memo que eu sinto, mais nada.ö (C15)

õSaúde representa tudo, né. Muita coisa, tudo. Apesar que, [...] eu assim, eu... num tô cuidando muito da saúde, né. [...] E eu tô com a glicose muito alta, tá quase virando diabete, né. [...].ö (C18)

Há quem, além de associar a saúde à sua condição física, ainda lhe confira significado relacionado às más condições de saúde pública enfrentadas, ou seja, à ausência de assistência médica. Assim, tem-se a saúde simbolicamente representada pela má qualidade de vida da catadora, que enfrenta problemas de insônia e não encontra assistência médica adequada, que deveria ser disponibilizada pelo poder público, de acordo com a fala que segue.

õAh, boba... A saúde... Pra mim a saúde, em Minas Gerais, tá muito ruim. [...] Eu sô do posto três. Agora mesmo fui... fui lá marcá uma consulta, cheguei lá, o médico tinha ido embora... E a saúde pra mim, eu acho... que a saúde pra mim num tá muito bom, que eu quase num durmo à noite... Eu tomo controle pa podê dormi [...], sabe? Num tô bem, assim, de saúde [...] Boa de dormi, num durmo muito não. [...]ö (C10)

[...]

õAh, tê saúde pra mim, eu acho muito importante. Eu acho muito importante a saúde. E vim mais médico nos posto... mais sistência, sabe. (breve silêncio) [...].ö (C10)

No que tange ao significado da doença para os (as) catadores (as) componentes da amostra, assim como a ausência de saúde, seis deles (as) a associam à inaptidão do indivíduo para o trabalho, para outras atividades, e até mesmo à própria morte, ou seja, ao fim de tudo.

*õE a doença? O que a doença representa para a senhora?ö (Entrevistadora)
õÉ muita coisa, porque eu num gosto de ficá quieta. Eu gosto de ficá quieta não³³.(C1)*

[...]

õ[...] Meu... meu objetivo é... trabalhá, né... pra tê um dinheiro, né?... Ficá [...] sem trabalhá, não dá não! [...]ö (C1)

õAh... a doença [...] representa pra mim o seguinte... representa a morte, né? A pessoa vai, fica muito ruim, às vez, né... [...] tem uns que tem cura, tem uns que já num tem... Então, é isso aí.ö (C4)

³³ A catadora brinca com uma colega de trabalho.

õA doença é ruim, né... (riso) Doença num é muito bom não... O cara tivé doente... pode, é... levá ele a... muitas coisas... que ele era... O que ele fazia quando ele tinha saúde, se ele tivé doente, ele num vai consegui fazê, no caso, né... (breve silêncio).õ (C6)

õAh, a doença é muito grave, né. Porque tem muita gente que às vez fica doente e num consegue trabalhá... Ôtros fica paralisado em cima duma cama... [...] A doença num é uma coisa boa pa entrá na vida da gente, não. [...].õ (C11)

Três catadores (as) entrevistados (as) relatam que a doença diz respeito à incapacidade para o trabalho, a partir da experiência vivida junto ao irmão.

õE o que a doença representa para a senhora?õ (Entrevistadora)

õAh... Coisa ruim, né?... É coisa ruim, porque a pió coisa do mundo... Igual meu irmão tá... Ele era uma pessoa trabaiadô. Com negócio de vê mãe, pai... irmão... saíro morto, né... aí, ele deu pobrema de... daquela doença na mente... alzra [...] Como é que fala?õ (C2)

Alzheimer. (Entrevistadora)

õÉ... alzheime. Aí, tá lá na cama... uma pessoa trabaiadô... Que quando meu pai faleceu, nós ficamo tudo novo... foi ele é que cuidô di nós... E hoje... tá na cama. [...] É a pió coisa do mundo é a doença... a pessoa num tê saúde pra trabalhá.õ (C2)

Segundo uma catadora, participante da pesquisa, a doença assume o significado de repulsa. Para a entrevistada, a doença nada significa, mas ao mesmo tempo ela a quer longe.

õAh... Num sei nem falá. Doença é... a pior coisa que tem... (breve silêncio) Pior coisa que tem. (breve silêncio) Num representa nada, [...] quero... doença longe de mim!õ (C7)

Valores e crenças individuais interferem no significado da doença para outra catadora. Assim, tem-se a contribuição da religião na construção de uma representação por um indivíduo, conforme sugere Claval (2007). A representação da doença, para esse indivíduo, é carregada de simbolismo, como algo proveniente do divino que nos é atribuído em função do que é sujo, o pecado.

õÉ... A doença, né... Ela vem na nossa vida... Todos nós sabemo que é por causa do pecado, né. Mais, em breve, Jeová Deus, ele permite acabá com todo o sofrimento, como toda maldade. A doença, ela vai deixá de existi. É o que todos nós almejamo esse dia chegá...õ (C9)

Uma das catadoras entrevistadas também encara a doença como algo que pode acometê-la, particularmente, causando transtornos. Para ela, a doença representa a ausência de estrutura em seu lar, uma vez que a renda domiciliar provém de seu trabalho, que não poderia ser exercido, caso estivesse doente. Estar doente significa estar incapaz para o trabalho e, conseqüentemente, perder sua base domiciliar.

õAssim... Se eu tivé doente (riso sem graça)... tem como fazê nada. Aí é que tá, eu num posso doecê (riso sem graça). Se eu doecê, pra mim...õ (C12)
[...]

õ[...] Inigual, meu marido não trabalha... fixo, né. Um hora tá trabalhano, hora num tá... Então, muitas vez eu tenho que fazê o papel dos dois... do homem e da mulhé. Então, se eu tivé doente... aí, desaba (riso sem graça). Num sei, eu sô... inves dele sê o alicece, é eu que sô o alicece... Se num tivé ele... desaba tudo.õ (C12)

Outro catador, componente da amostra, enxerga a doença como algo que pode ser evitado, prevenido. No entanto, para ele, algumas ações dos indivíduos, além de levar às doenças, possibilitam o agravamento das mesmas.

õNão... A doença pra gente, nunca ela é boa, né. [...] Mais também, nói num podemos procurá ela não. Mas, tá certo que a gente, né... sempre tem que evita. Tem muita coisa que... às vezes, não pode fazê... que a duença avança... Igual, uma gripe... né. Se a gente temá, assim... Mas... boa, a doença num é.õ (C13)

Também há catadoras que associam a representação da doença à sua própria condição física. Assim a doença assume representações, de acordo com as experiências vivenciadas, conforme os relatos que seguem. Pode significar falta de ar, dor, alterações na pressão sanguínea, dentre outros.

õA doença, doença... eu num sei te explicá não, porque... Ficá doente mesmo, assim... não. Eu tem hora que eu sinto muita falta de ar... Mas, eu acho que é causa do cigarro, né... Porque... vai fazê sete ano que eu aprendi fumá... Comecei a fumá brincano, fazeno gracinha, agora entrei no vício mesmo... (breve silêncio).õ (C5)

õAh, boba, a doença representa assim... dor nos osso, dor no corpo, dor de cabeça... Entendeu?õ (C10)

[...]

õ[...] Quando ela... a dô de cabeça vem forte, atrapaia. Tem que tomá remédio pra melhorá a dô de cabeça. Minha pressão é alta... Eu tenho pressão alta, colesterol alto... Agora tá mais baixo. Tô tomano remédio...õ (C10)

Portanto, tem-se que para os (as) catadores (as) participantes do estudo que atuam na ASCANAVI, tanto a saúde como a doença assumem representações diversas. A saúde representa: aptidão para o trabalho e para as atividades cotidianas; ausência de doenças; uma preocupação para esses sujeitos; uma condição física particular de bem-estar ou mal-estar; má qualidade de vida do (a) catador (a); assistência médica inadequada. Já a doença assume as representações: ausência de saúde; incapacidade para o trabalho e para outras atividades; a morte; um sentimento de repulsa; o pecado; desestabilização da renda domiciliar; diversas condições físicas inadequadas, particulares de cada indivíduo.

As representações indicadas pelas falas dos (as) entrevistados (as) ora se aproximam do conceito de saúde baseado no senso comum de que õsaúde é ausência de doençaõ (BATISTELLA, 2007, p. 51); ora se aproximam do conceito cunhado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1948, cujo documento de constituição apresenta a saúde como

ôm completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doença ou enfermidadeö (BATISTELLA, 2007, p. 57). Também identificamos nas falas elementos que se ligam às noções mais contemporâneas e críticas sobre os conceitos de saúde e de doença, que apontam para fatores que extrapolam patologias e aspectos puramente biológicos. A saúde como direito, e fatores determinantes de saúde³⁴, tangenciam menos fortemente (BATISTELLA, 2007) as representações dos (as) catadores (as) da ASCANAVI, participantes da pesquisa.

Não há representações relacionadas a faixas etárias específicas de catadores (as), o que significa que, tanto trabalhadores (as) jovens como aqueles (as) mais velhos (as) atribuem representações diversas à saúde e à doença. Destaca-se, ainda, que tais representações não aparecem associadas ao próprio resíduo sólido, que é carregado de impurezas que podem prejudicar a saúde desses (as) trabalhadores (as).

Finalmente, é importante entender os significados que os termos saúde e doença, assumem para esses sujeitos, a fim de compreender os (as) catadores (as) em seu ambiente de trabalho e, conseqüentemente, contribuir para a promoção de melhorias em suas condições de trabalho e saúde.

4.2 REPRESENTAÇÕES DO RISCO E DA SEGURANÇA

Ao serem questionados (as) a respeito das representações do risco, muitos (as) catadores (as) não associaram tal termo diretamente ao ambiente de trabalho, e demonstraram dúvidas em relação a como responder à pergunta apresentada. Entende-se que isso é comum, uma vez que conforme as definições dadas ao termo por diversos autores, o mesmo aparece empregado a várias áreas do conhecimento.

Como esse estudo se refere aos riscos presentes em um ambiente de trabalho, território representado pela Associação, o que nos interessa é o emprego do termo associado à área da Segurança do Trabalho, ou seja, o risco no sentido daquilo que é percebido no ambiente laboral e que pode causar dano à saúde ou à integridade física dos (as) catadores (as).

³⁴ òAs diferentes definições existentes na literatura de determinantes sociais da saúde abordam, de forma geral, as condições de vida e condições de trabalho dos indivíduos que de alguma forma condicionam sua saúdeö (CARRAPATO; CORREIA; GARCIA, 2017, p. 682). A Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), no Brasil, define os determinantes sociais da saúde como òos fatores sociais, econômicos, culturais, étnico-raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na populaçãoö (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007, p. 78).

Contudo, discutiremos nesse tópico as mais diversas representações assumidas pelo termo nas vozes desses sujeitos.

Ressaltamos que consideramos o risco conforme a abordagem fenomenológica. Nesse sentido, ele é um fenômeno experienciado pelos (as) catadores (as) a partir das relações estabelecidas com os diversos órgãos externos, governamentais e não governamentais, que prestam algum tipo de assistência à Associação, tais como: a Prefeitura Municipal de Governador Valadares, empresas e instituições de ensino, o MNCR, a igreja católica, dentre outros. Além disso, destacam-se também as relações com aqueles que estão inseridos no círculo de convivência social dos (as) catadores (as), como familiares, vizinhos, os próprios colegas de trabalho; e as relações com próprios riscos presentes no ambiente de trabalho, as crenças religiosas, as experiências de vida, dentre outras.

Em relação ao questionamento sobre a representação da segurança para os (as) catadores (as), aqueles (as) que relacionavam o risco ao ambiente de trabalho também o faziam com o termo segurança; e, em algumas ocasiões, a relação do risco com outras questões, diferentes daquelas associadas ao trabalho, era, analogamente, realizada para o termo segurança. Há catadores (as) que não souberam responder sobre o significado do termo segurança; mas não podemos afirmar que, de fato, o desconhecem, pois é possível que no momento da entrevista não tenham feito nenhuma associação relacionada ao mesmo.

A partir do relato dos (as) catadores (as), algumas considerações podem ser estabelecidas. Alguns (umas) trabalhadores (as), quando questionados (as) acerca do que representa o risco, logo associaram o termo aos riscos presentes no ambiente de trabalho. Portanto, esses sujeitos percebem o risco no ambiente laboral e o dotam de significado. Conforme os relatos que seguem, o risco assume o significado daquilo que possa causar algum tipo de lesão e, não necessariamente, do que possa ocasionar algum tipo de doença. Tanto a lesão quanto à doença representam danos à saúde do trabalhador.

Um dos catadores entrevistados associou o significado da saúde aos riscos presentes no ambiente de trabalho, conforme o relato a seguir. Contudo, há um entendimento por parte desse sujeito de que não existe a necessidade do uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPI), no caso, as luvas, para lidar com determinados tipos de resíduos, pois não oferecem riscos à saúde. Em sua fala, o catador assume que não havia uma percepção dos riscos e que os (as) catadores (as) desconheciam o fato de que a manipulação do resíduo, sem o uso de proteção, poderia ocasionar danos à saúde. De acordo com o relato, tal consciência surgiu com o tempo, na medida em que exerciam a atividade de catação. Ou seja, ele percebe a saúde através dos danos que possam ser ocasionados a ela pelos riscos, o que foi construído a partir

das experiências vividas, e que tem significado na preocupação que os (as) catadores (as) hoje mantêm em relação à mesma. Há uma atenção, demonstrada pelo catador, com a saúde dos (as) catadores (as) de forma coletiva.

õOlha, a saúde é muito importante... muito importante. [...] no início, a gente tava acostumado a mexê com o resíduo... [...] sem luva... No momento agora eu tô sem luva, porque esse material aqui... ele não tem pobrema algum... eu mexê sem luva... É até melhor... pra se trabalhá... Mas a sacolinha ali... outros materiais... eu tenho que mexê com luva... o vidro [...] a sucata... eu tenho que mexê com luva... Tô mexeno sem luva aqui agora, porque... [...] num há necessidade... [...] são plástico que [...] num tem contaminação nenhuma, então tô mexeno... sem luva... É até melhor pra mim... no tato com o material. Mas, te... a maioria dos materiais tem que mexê com luva. Antes, a gente não tinha essa percepção. Então, a gente não se preocupava muito com isso... [...] Porque, até então, a gente num sabia que... alguns materiais, se mexê sem os equipamentos... sem os EPI, [...]. digamos assim... ele poderia... [...] influenciar na nossa saúde, né. Então... [...] a gente mudô muito de lá pra cá... Hoje, você pode observar que a maioria dos catadores tem luva, tudo direitinho... uniformizado... Então... [...] hoje, o catadô se preocupa com a saúde dele, né... E eu também se preocupo com a minha.ö (C3)

O mesmo catador componente da amostra, que associou a representação da saúde aos riscos presentes no ambiente de trabalho, realiza uma relação análoga quando se refere à doença. Ele menciona, em sua fala, õproblemas de saúde ocasionados pelo trabalhoö. A partir de tais problemas por ele percebidos, vivenciados a partir do ambiente laboral, a doença representa a ausência de saúde e a incapacidade do indivíduo para a produção no trabalho.

õOlha, [...] a doença [...]. não só pra mim, mas qualquer pessoa, [...] que tem um pobrema de saúde... [...] ainda porque causado pela atividade do trabalho... é complicado. Num é? Representa muita coisa. Pessoa sem saúde num consegue trabalhá e num consegue [...] produzi, né. [...] Mas, graças a Deus, acho que é só... é Deus mesmo que toma conta da gente e num deixa que nada de mal aconteça. [...].ö (C3)

Para a catadora C1, participante do estudo, o risco representa o material reciclável perfurocortante, como a agulha advinda do material hospitalar que chega até a Associação, e o vidro. A fala dessa catadora demonstra uma concepção adequada do risco, como aquilo que pode causar dano à saúde do catador, que no caso, é representado pelo material reciclável.

õDaqui de... trabalhá?... Trabalho que cê fala?ö (C1)

[...]

õA gente pede a Deus, né, pra Deus livrá a gente, né... porque... é muita coisa, né... que a gente mexe. Muita das vez, cê pega uma... tá pegano uma sacola dessa aqui, cê pode tá pegano uma agulha, né... porque veio na hospitalar junta... essa sacola [...] hospitalar. Ela... ela pode tê... a gente pode as veiz pegá, tê uma agulha... Aí, é... a gente pede a Deus, né... pa Deus tá... cobrindo a gente, que num venha acontecê... a gente...[...] pegá as coisa que corta, né [...].ö (C1)

[...]

õAqui, o risco que corre a mais aqui... é negócio de vidro, essas coisas, né... Aqui tem muito vidro [...].õ (C1)

Há catadores (as), participantes da pesquisa, que também percebem a segurança no ambiente de trabalho e lhe conferem significados. Em relação a tal representação, ao utilizar as expressões õ[...] não pode é tá descuidano [...].õ e õ[...] eu presto atenção [...].õ, a catadora entrevistada demonstra que a segurança significa ter cuidado e atenção no desempenho das atividades laborais.

õAh... igual, eu conheço... É... A gente tem que tê... muito cuidado, né... [...] não pode é tá descuidano... [...] tem que sabê pegá nas coisa e vê, né... que que tá dentro primero, pra depois ele... batê a mão... Se batê a a mão em cima, fô uma agulha... ele fura. Eu nunca furei não, que eu sempre... eu presto atenção no que que eu tô pegando primeiro... [...].õ (C1)

Segundo outro catador entrevistado, o risco traz como significado a própria atividade exercida que oferece uma grande possibilidade de contaminação, e que pode ocasionar danos à saúde dos indivíduos expostos à mesma. Contudo, segundo esse indivíduo, õo organismoõ do ser humano se acostuma à exposição ao risco, de modo a criar uma resistência do (a) catador (a) ao dano. Ele reforça que, mesmo que tal resistência seja desenvolvida pelos sujeitos, eles fazem uso de proteção no desenvolvimento de suas atividades. Talvez esse argumento do catador seja devido ao fato de o mesmo não ter vivenciado ou presenciado a contaminação de colegas de trabalho, apesar de considerar tal risco grande.

õ[...] Pela nossa atividade, o risco de contaminação aqui é muito grande, né... É muito grande. Então, é... por isso que a gente toma [...] esse cuidado. Entendeu? Mais, o catadô... [...] o ser humano é o seguinte... [...] A gente vai mexeno [...] com certas atividades, com certas coisas, e acaba que o corpo, o organismo acostuma com aquilo. Cria-se uma certa resistência, né. [...] Então, a gente acaba que [...] num sofreno muito com aquilo... Entendeu? Porque a gente já tá acostumado com aquilo... [...] Mas, mesmo assim, a gente ainda usa... [...] de proteção... pra podê não tá... [...] sofreno nenhum dano na saúde... Porque... o nosso trabalho, a nossa atividade... ela constantemente... ela nos oferece um risco muito grande pra saúde... né. Mas a gente vai daqui, vai dali... acaba se... dano tudo bem, né. Com Deus na frente dá tudo bem.õ (C3)

Ainda conforme o mesmo catador, a segurança õ[...] representa qualidade no trabalho [...].õ. Além disso, esse sujeito atribui à segurança outras representações, tais como: tranquilidade para o trabalho; melhoria na produção; prevenção de acidentes. Ressalta-se que as doenças decorrentes da contaminação acidental do (a) trabalhador (a) no desempenho de

suas atividades, as doenças profissionais³⁵ e doenças do trabalho³⁶, são consideradas como acidente do trabalho, conforme a legislação (BRASIL, 1991).

õUai, a segurança representa qualidade no trabalho, né. Quando a gente trabalha com segurança, a gente trabalha mais tranquilo, produz melhor, porque a gente sabe que... [...] a gente tá prevenindo um possível acidente, né, com a gente, que pode deixar a gente bem impossibilitado de trabalhar [...].õ (C3)

Conforme já mencionado, há aqueles (as) catadores (as) participantes do estudo que, quando questionados, não relacionam o risco de imediato ao ambiente de trabalho. Nos relatos que seguem, após breve dúvida diante do questionamento, duas catadoras entrevistadas assumem a existência do risco no ambiente laboral da Associação. De acordo com as narrativas, o risco representa a desatenção dos (as) catadores (as). Para C16, o risco representa a ausência de atenção, a distração, e está, portanto, relacionado ao comportamento dos (as) catadores (as) no ambiente de trabalho. Essa catadora chama a atenção para o uso de fones de ouvido e de celulares no desempenho de atividades de trabalho.

E o risco?... (Entrevistadora)

õHã?õ (C4)

[...]

õOh... Pra mim sê sincera... A gente... corre risco aqui? Corre. Mais só que a pessoa tem que tê... [...] Como é que fala, gente? [...] Atenção... né... A gente tem que tê atenção... pra... num vim acontecê no ambiente de trabalho, né [...].õ (C4)

[...]

õSei. O que o risco representa para a senhora?õ (Entrevistadora)

õDe trabalho?õ (C16)

[...]

õRisco? O quê que o risco representa pra mim? Ah, representa o risco, igual hoje eu tava comentano. A menina tava lá com um trem no ouvido, a de cá gritano. Eu falei: - Olha... isso num pode. Eu num vejo isso em lugar nenhum. Porque, se a sua mão enfiá aí debaixo? Ela tá lá com o trem ligado, a máquina ligada, aqui ligado, o rádio, ligado, tudo ligado. Isso é o risco. Eu falei pra ela. Falei: -Olha, eu num vejo isso em Associação nenhuma. Só aqui que isso acontece. Da pessoa tá ali trabalhano com foninho, e a outra ali gritano... pra pará, pará pará e a pessoa num escuta. Cê tem que gritá várias vezes. Esse negócio de você distraí com o celular no ouvido, isso atrapalha demais. Isso é um risco. Um risco muito grande. Entendeu? E você não tê atenção com seu colega tamém é um risco, porque ali, olha ali. O espaço é muito pequeno. [...] Se você não tivé atenção ali, cê machuca seu colega. Cê pode até amputá um braço dele sem, sem querê. Entendeu? Então é muito arriscado, tem que tê muita atenção... E risco pra mim é isso: é falta de atenção e tê atenção. Ou é a falta de atenção o risco, ou então

³⁵ A produzida ou desencadeada pelo exercício do trabalho peculiar a determinada atividade e constante da respectiva relação elaborada pelo Ministério do Trabalho e da Previdência Social (BRASIL, 1991).

³⁶ A adquirida ou desencadeada em função de condições especiais em que o trabalho é realizado e com ele se relacione diretamente, constante da relação elaborada pelo Ministério do Trabalho e da Previdência Social (BRASIL, 1991).

você tem que ter atenção pra não ter risco.ö (C16)

Dois (uas) catadores (as) consideram que o risco representa antecipação, prevenção, e está associado aos acidentes. A catadora C8 observa o fato de o grupo trabalhar utilizando os EPI, o que segundo esse indivíduo, evita alguns acidentes. Observa-se que tais equipamentos não impedem a ocorrência de tais eventos, mas sim, minimizam ou neutralizam os danos potenciais associados aos mesmos. Além disso, o fato dos termos antecipação e prevenção aparecerem relacionados como significação do risco demonstra certa confusão desses sujeitos quanto a tal representação, pois antecipação e prevenção são termos correlatos à segurança no ambiente de trabalho; são medidas adotadas para neutralizar o risco ou minimizar seus efeitos.

õAh... (silêncio) O risco representa tipooo... [...] um pé atrás, né... [...] Procê num corrê risco, cê tem que ter sempre um pé atrás... pá num acontecê de cê ter um risco de... acontecê um acidente ou qualquer ôtra coisa, no caso, né... (breve silêncio).ö (C6)

*õO que o risco representa para você?ö (Entrevistadora)
õNossa, muita coisa (riso)... [...] Mais, [...] assim... questão do serviço aqui? Questão do serviço aqui, nós tem bastante risco, só que também nós também trabalha com bota, com luva... Nós tem nosso EPI aqui também, no serviço... Aí, é... dá pra evitá, assim, alguns... alguns acidentes né. [...]ö (C8)*

Já em relação à segurança, C6 a compreende como aquilo que pode impedir que algo ruim aconteça ao indivíduo. Cinco dos catadores (as) entrevistados (as) entendem que a segurança representa a proteção do (a) catador (a), especificamente através do uso do EPI, conforme relatado por C8 e C16.

õSegurança, tem que ter segurança no ambiente de trabalho porque... se num tiver segurança, pode levá você a contecê alguma coisa de ruim com você, né... no caso.ö (C6)

[...]

õA segurança?... Do trabalho?... É o EPI, né. Significa também bastante coisa, também... Segurança com nós aqui, é o EPI.ö (C8)

õA segurança representa tudo. A segurança representa tudo, né. Igual, por exemplo, agora a gente trabalha só de sapato, com luva... Cê já pode enfiá a mão num material, quando a luva tá novinha, igual a minha, com [...] mais frequência... Que ocê num corre o risco de... [...] cortá a mão rápido [...].ö (C16)

Para a catadora C11, integrante da amostra, o risco representa a possibilidade de ocorrência de acidente que gere lesão, representada em sua fala pelo corte com o vidro. Já o catador C14, também participante do estudo, refere-se à representação do risco como o próprio dano, ou seja, o ferimento, a lesão. Destaca-se que a lesão é o dano proveniente da exposição ao risco, que no caso, é o vidro, material perfurocortante.

[...]

õÉ... O risco que a gente corre... eu corro, aqui dentro, que a gente tem mai medo é de se cortá com caco de vidro. [...].ö (C11)

õAh, [...] o risco representa muita coisa, né. É machucano, tem que pará né. E é ruim [...] machucá. [...].ö (C14)

A catadora C11 demonstra, em sua narrativa, que encontra segurança no ambiente de trabalho da Associação em função da intervenção de outras pessoas, empresas e comunidade. Ela também relaciona a segurança ao uso dos EPI. Já o catador C14, além de associar a segurança à prevenção, também a relaciona ao uso de tais equipamentos. O fornecimento de EPI é uma medida de segurança, adotada no ambiente de trabalho, que visa minimizar a exposição dos trabalhadores ao risco.

õO que a segurança representa para a senhora?ö (Entrevistadora)

õComo assim?ö (C11)

õEstar seguro... a segurança... representa o quê para a senhora?ö (Entrevistadora)

õCoisa boa, né... Aqui ficô um lugar bom pra gente trabalhá... Ficô gente que ajuda a gente, muitas pessoas, muitas comunidade... [...]. Muitos lugares têm ajudado a gente, né. Então, vem, conversa com a gente... fala pra gente usá os equipamento, né. [...].ö (C11)

õA segurança representa muito. Representa muito e evita da gente machucá, muita coisa, né. Segurança evita dimais. Muita coisa, evita.ö (C14)

õDe que forma evita?ö (Entrevistadora)

õUai, evita, né, que, a gente tano usano as coisa de [...] segurança é bão. [...].ö (C14)

No relato a seguir, o risco é assumido como um imprevisto, ao qual todos estão sujeitos. Já a segurança significa algo que vai além do ambiente de trabalho, que não pode ser controlado pelo ser humano, pois é algo que compete ao divino. Mais uma vez, na fala dessa catadora, integrante da pesquisa, é possível perceber a influência de suas relações culturais, religiosas, de seus valores e de suas experiências, na composição de suas significações, conforme sugere Claval (2007). De acordo com Rangel (1994), tais relações, dentre outras, podem ressignificar ou significar os riscos, produzindo diferentes representações em um mesmo grupo social.

Mais que influência religiosa, a fala da catadora C9 demonstra certa descrença na segurança que os indivíduos ou a sociedade possam garantir, atualmente, pensando em termos mais amplos. Isso é demonstrado através da referência feita à violência contra a mulher; o que remete a outra dimensão, para além do trabalho na ASCANAVI.

[...]

õÉ... *O imprevisto vem a nós a todo momento, né. Ninguém sabe... o dia nem a hora, né. Todos nós corremo risco... Cá, den do local de trabalho... lá fora [...].*õ (C9)

õE... *E a segurança... representa o quê para você?*õ (Entrevistadora)

õA segurança, hoje, é só de Deus. *Que, infelizmente aqui na Terra, ninguém tá seguro com nada, né. O ser humano, eles até tentam... Mas eles são imperfeito, eles não conseguem... Como você pode observá, né... tanta violência que tá acontecendo com as mulheres, hoje em dia, né... Eles tentam, põem lei... Mais, num conseguem, são falha. Então, eu [...]* credito que a segurança, ela é só divina... *Aqui, na Terra, num tem não.*õ (C9)

Na fala da catadora C7 componente da amostra, aparecem os termos risco e õcoisa perigosaõ. Esse último termo é a referência feita pela catadora à prensa, equipamento utilizado para prensar o material reciclável, formando fardos. Aquilo que a catadora denomina de õcoisa perigosaõ, ou seja, o equipamento denominado prensa é tecnicamente considerado como o risco, conforme os conceitos de Rangel (1994). O perigo será maior ou menor, segundo o modo com que os (as) catadores (as) se expõem a tal risco. De acordo com a fala da catadora, o perigo é maior caso não haja atenção por parte do sujeito que manipula a prensa, o que pode resultar no dano à saúde, ou seja, o õmachucáõ. Assim, para essa catadora, o risco assume como significados um equipamento utilizado nas atividades laborais e uma condição do (a) trabalhador (a), que é a ausência de atenção no trabalho. A entrevistada somente qualifica a segurança, que para ela significa algo importante.

õAqui, do serviço? *Risco... A gente tem ni todo lugar, né. [...]* Aqui, principalmente, aqui tem muito risco, porque... a gente mexe com muito... é... coisa pirigosa, que nem a prensa, ali mesmo... *Tem que tê muita atenção, que senão cê pode machucá... [...]* Então, é isso. *O negócio é tê atenção.*õ (C7)

[...]

õSegurança... *A segurança é importante também, né. Todo mundo precisa de segurança... O que representa pra mim, é isso... É importante.*õ (C7)

Na fala do catador entrevistado C13, risco aparece como sinônimo de perigo. Como já visto e conforme Wiedermann (1993), entre os leigos é comum a utilização desses dois termos como sinônimos. Destaca-se, no relato desse catador, a associação do risco à prevenção, ao mencionar o uso de EPI, e também à segurança, além do fato dessas questões terem sido trabalhadas junto aos (às) catadores (as) por uma empresa da comunidade externa. Ele, assim como o catador C3, relaciona segurança à prevenção.

õAh, o risco... *Isso aí é uma coisa é... que eu já tive reunião. Em palestra assim... porque tem o risco... Igual, a [...], [...]* ela é da [...], mas só que ela faiz a palestra pra gente... *Em parte de EPI... É muita segurança, né. O risco é... você tem que tê segurança sobre ele. Inda mais se cê tivé [...]* numa área de serviço. *Porque, conforme fô a área de serviço que cê tivé, é muito bom a segurança, né. Por causa de quê é o risco, né. É o perigo.*õ (C13)

*õE o que a segurança representa para você?õ (Entrevistadora)
õÉ uma coisa muito boa. Porque é uma coisa que nós temos que previni, né... a segurança.õ (C13)*

Há relatos que indicam a associação do risco com a saúde, independente da atividade de catação que é exercida. Para a catadora C5, participante do estudo, o risco representa a possibilidade de que sejam acometidos (as) por um mal súbito, devido a maus hábitos, como o tabagismo, que vivenciam inclusive no ambiente de trabalho. Para a catadora entrevistada C10, o risco significa a possibilidade de doença, não necessariamente ligada ao ambiente de trabalho.

õAh... [...] eu... tenho medo, assim, né... numa hora pa ôtra, dá um infarto... por causa de... cigarro, esses trem, mais... num adianta, a gente... num para assim, não. Então... pra mim é muito medo o risco... de morrê... qualquer hora... por causa de cigarro.õ (C5)

õAh, boba, o risco representa anssim... Dá um derrame, né... Um derrame cerebral... Isso tudo, a gente pensa, né. Um derrame... [...].õ (C10)

A catadora entrevistada C15 também associa o risco à possibilidade de contrair doenças que, segundo ela, não existem, pois a realização de exames periódicos por parte dela e do marido representa uma forma de prevenção. Para essa catadora, o único risco ao qual ela encontra-se exposta é o risco de desenvolver infecções, que podem ser, inclusive, oriundas do ambiente de trabalho.

*õE o que o risco representa para você?õ (Entrevistadora)
[...]*

õAh, o risco sei lá, porque eu... eu faço exame... seis em seis mês... Porque eu visito meu marido no presídio. Aí, eu... eu faço exame de HIV, preventivo, hepatite, sífis no sangue... Então, essas doença aí, graças a Deus, eu num tenho. Né. E também eu num corro risco, porque meu marido também faiz exame. Do memo jeito que eu faço, ele também faiz. Então... O único risco que a gente corre é de pegá uma infecção, né. [...].õ (C15)

[...]

õ[...] pó pegá em qualquer lugá, né. Ô no sirviço, ô em casa... [...].õ (C15).

Conforme os relatos que seguem, para C10 a segurança representa algo bom, que está associado à vida. Já segundo C15, a segurança significa algo bom, mas que está ligado ao divino, assim como considera C9. Novamente, ocorre a influência de um valor cultural, a religião, na construção de uma representação por um sujeito, conforme estabelece Claval (2007).

õ[...] A segurança da gente, a vida da gente... Entendeu? A segurança é muito bom. (breve silêncio) Trabaio seguro, segurança... É bom demais.õ (C10)

õVocê se sentir segura. O que isso é para você?õ (Entrevistadora)

õAh... quem segura a gente é... sei lá... quem segura a gente é só Deus. Mais ninguém.õ (C15)

Apesar de associar o risco à saúde, a catadora entrevistada, cuja fala está expressa a seguir, não menciona o ambiente de trabalho em sua explanação. De acordo com esse indivíduo, o risco pode representar tanto algo ruim, como algo bom. Isso, de fato, remete à origem do conceito de risco, quando associado às várias áreas do conhecimento. A entrevistada, assim como a catadora C7, se refere à segurança de modo geral, e não, especificamente, à segurança no ambiente de trabalho.

õRisco de...? Risco de que? Risco de saúde, de doença?õ (C18)

[...]

õAh, não sei... Bom, eu acho que tudo o que a gente vai fazer, a gente corre um risco, né. [...] Pode ser um risco e [...] pela coisa boa, mas também [...] pode ser que não aconteça aquilo como a gente espera. Eu acho que, eu penso assim.õ (C18)

õE o que a segurança representa pra você?õ (Entrevistadora)

õSegurança... Bom, dependendo de qual lado que você vê a segurança também, né. Eu acho que... é... hoje em dia a gente num tá tendo muita segurança. [...] Do jeito que hoje tá vivendo o mundo hoje, a gente vai ali comprar alguma coisa, não sabe se vai voltar, porque tanta bandidagem, tiro, é... esses trem aí... [...].õ (C18)

Dessa forma, tanto o termo risco, quanto o termo segurança, assumem diversos significados para os (as) catadores (as). O primeiro aparece nos relatos: como aquilo que pode ser bom ou ruim, nos remetendo à origem do conceito do termo; associado ao ambiente de trabalho e às questões relacionadas à prevenção e à desatenção; como o próprio material reciclável, ou seja, aquilo que pode ocasionar o dano, isto é, a doença; como o acidente, a lesão. Também é empregado: como conceito de perigo; como algo que não podemos prever; como a doença, o mal súbito não necessariamente relacionados ao ambiente de trabalho; como a própria atividade exercida pelos (as) catadores (as); como os equipamentos utilizados no desempenho das atividades laborais.

Já ao termo segurança são atribuídas representações como: ter cuidado e atenção ao realizar as atividades; qualidade e tranquilidade no trabalho; melhoria na produção; prevenção de acidentes; proteção por meio do uso de EPI; aquilo que pode impedir que algo ruim aconteça ao indivíduo; prevenção de forma geral; algo que compete ao divino; algo importante; algo bom.

Uma catadora entrevistada não soube responder à pergunta sobre a representação do risco; assim como outra catadora participante da pesquisa não soube responder à questão a respeito da representação da segurança. Quando questionadas a respeito da representação do risco, oito catadoras, participantes do estudo, associaram o termo a algo diferente do ambiente de trabalho. O mesmo número de catadoras também relacionou o termo segurança a outras questões, que não aquelas relacionadas ao ambiente de trabalho. Identificam-se também

confusões ao conferir ao risco significados que, sob a perspectiva tecnicista, deveriam ser associadas ao dano, ou seja, à consequência da exposição ao risco; além dos equívocos relacionados, também sob uma perspectiva tecnicista, à diferença dos conceitos de risco e perigo, uma vez que na fala de alguns (umas), o risco aparece como perigo. Tais imprecisões apareceram em falas de trabalhadores (as) jovens.

O entendimento da variedade de representações que o risco e a segurança assumem para os (as) catadores (as) participantes do estudo auxilia na compreensão de como tais sujeitos percebem o risco em seu ambiente de trabalho, pois as significações representam aquilo que foi percebido.

4.3 A PRÁTICA DA PERCEPÇÃO DE RISCOS

Os (as) entrevistados (as) foram questionados (as) a respeito do modo como o local de trabalho e/ou o trabalho exercido poderia proporcionar algum risco para a saúde. Pretende-se estabelecer um paralelo entre as percepções dos (as) catadores (as) a respeito dos riscos presentes no ambiente de trabalho e os significados atribuídos aos mesmos em suas falas, colocadas anteriormente.

Para Tuan (1980), as pessoas apresentam percepções diferentes em relação ao ambiente em que se inserem. Contudo, podem experimentar percepções comuns por fazerem parte de um mesmo grupo social. Os sujeitos entrevistados compõem o grupo de catadores (as) de resíduos sólidos associados (as) à ASCANAVI e podem, segundo a afirmação de Tuan, partilhar percepções, ainda que de diferentes formas.

Assim, em relação aos riscos para a saúde, provenientes do local de trabalho e/ou das atividades ali exercidas, há uma catadora, participante do estudo, que afirma que não há riscos, apesar de percebê-los. Tal catadora, que não soube responder quando questionada sobre a representação do risco, percebe o mesmo por meio da poeira presente no ambiente, que segundo ela, é uma coisa ruim que fica impregnada na garganta e tem a coloração preta. O risco químico, aqui representado pela poeira, é então percebido no ambiente por meio dos órgãos dos sentidos do indivíduo. É curiosa a fala dessa catadora, que se refere ao hábito de ingerir leite diariamente, deixando a entender que essa seria uma forma de minimizar os efeitos desse risco, mas ao mesmo tempo afirma que tal costume não produz resultados.

õAhhh... aqui num tem risco não. Aqui, oh... [...] a gente pega esse puerão... gente chega lá, vai tomá banho... raspa a garganta, aquela puera pretinha... [...]õ (C2)
õE além da poeira [...]?õ (Entrevistadora)
õNoh... Todo dia eu não fico sem leite, mais pelo jeito que eu vejo meus irmão, leite não vale nada pa purmão, essas coisa... poque esses [...] de terra, vai direto po pulmão da pessoa. É... vai direto [...] Toma leite, mai num... Deus me livre... [...].õ (C2)

Outro catador componente da amostra percebe o risco através da condição do material que é coletado e chega até a Associação, ou seja, por meio de sua experiência com a catação e o resíduo. Ele explica sobre o trabalho de conscientização que é realizado junto à comunidade, a fim de esclarecê-la sobre a separação adequada dos resíduos, de forma que somente aquele material que possa ser reciclado chegue à ASCANAVI. Contudo, apesar desse trabalho, o resíduo reciclável destinado à Associação, algumas vezes está misturado ao material úmido, ou seja, está contaminado, o que segundo o catador, oferece risco à saúde.

O mesmo catador, assim como a catadora entrevistada C1, percebe ainda o risco proveniente de produtos químicos. Eles se referem às embalagens fechadas que podem conter tais produtos e, ao serem abertas e manipuladas, oferecer risco de contaminação. De acordo com a fala da catadora C1, quando um dos membros do grupo percebe o produto, avisa aos demais sobre os cuidados a serem tomados que, no caso, consistem, dentre outros, na não inalação. Há, portanto, uma percepção associada à experiência do grupo. É possível que um (a) catador (a) tenha inalado gases tóxicos provenientes de um produto desconhecido, o que pode ter ocasionado algum dano à sua saúde e, por isso, haja esse cuidado entre os (as) colegas.

õ[...] O nosso risco aqui... [...] ele é provindo da coleta seletiva... e a coleta seletiva é feita na comunidade, na cidade...õ (C3)
[...]
õ[...] A gente faz a conscientização da população pra que mande o material bem separadinho. Quanto mais separado... o material... quanto mais [...] a comunidade tiver consciência de que o reciclável é [...] que deve vir pra cá... [...] não o úmido [...]. É o úmido é que causa a contaminação... né. [...]. E o seco, não... o reciclável, não. O reciclável, talvez pode vim uma embalagem com química... Cê abre ela, aí cê pode se contaminar, né. Uma química pesada, tal... aí cê pode se contaminar. Mas isso aí é raro. O que contamina mesmo é o úmido. Então, [...] nós trabalha a conscientização da comunidade, pra que ela separe adequadamente o resíduo... [...]. Quanto mais separado, bem separado, mais a gente vai trabalhá com qualidade aqui, sem corrê risco de saúde, né. [...]õ (C3)
õE de que forma que o local de trabalho da senhora pode trazer risco para a saúde?õ (Entrevistadora)
õAh, eu não sei... [...] Eles fala assim... [...] talvez a gente mexe com muita coisa assim, é... [...] de plástico, né... pode tê algum... pra gente que é tóxico, né... tem vez que acontece, às vez tê. Mas aí, a pessoa não cheira... Só destampa e põe [...]

na saca... Só num pode deixá lá... Sempre a gente fala com todo mundo: - Cês num cheira, não... Porque pode tê algum produto tóxico nele. Aí, eles num cheira, não... Já sabe também... Se pode corrê risco, né?... Quem vai cheirá? [...]ö (C1)

Outros (as)³⁷ catadores (as), oriundos (as) do lixão do bairro Turmalina, relataram sobre os riscos percebidos naquele local, e chegaram, em alguns casos, a compará-los com aqueles percebidos na ASCANAVI. O catador entrevistado C3 insiste que o material proveniente da coleta seletiva é um material limpo, isto é, descontaminado, e que, portanto, sua manipulação não ocasiona riscos à saúde. Segundo ele, as pessoas que atuam no lixão sofrem ãconstantemente a contaminaçãoö. Isso, pois esse catador percebe, por meio de suas vivências, que o material que chega ao lixão, ao contrário daquele destinado à ASCANAVI, é misturado, ou seja, constitui-se de resíduo contaminado.

õ[...] Agora, num é o caso do pessoal que trabalha dentro dos aterro, no lixão, né. [...] em todo Brasil, tem catadô trabalhando no lixão... Esse aí sofre constantemente a contaminação. Alguns tá contaminado e já nem sabe... né. Graças a Deus que [...] há dezesseis anos atraís a gente saiu dessa condição... né... Mas, [...] eu tô aqui trabalhano, na condição de organizado e com a consciência de que devemos trabalhá com material proveniente da coleta seletiva... [...] um material limpo, pra que nós não tenha pobrema de saúde.[...] mas a gente se preocupa muito também com o pessoal que trabalha [...] nos aterros, nos lixões do Brasil, né. [...] O Brasil inteiro tá [...] com esse pobrema. Né...ö (C3)

Onze catadores (as) entrevistados (as) percebem os riscos nos materiais que são manipulados na Associação. A catadora C4 percebe o risco no vidro, na agulha, e nos equipamentos utilizados durante os processos de trabalho, no caso, a prensa, que é operada em dupla. Ressalte-se que esse indivíduo não estabelece uma associação do risco diretamente àquilo que possa causar doenças, mas àquilo que possa ocasionar lesões, o que conforme já mencionado, constitui-se de um dano à saúde. Portanto, a entrevistada percebe o risco mecânico. Quando questionada sobre a representação do risco, essa catadora associou o termo à atenção. No relato a seguir, ao explicar sobre os riscos, a trabalhadora também se remete à necessidade de atenção no exercício das atividades.

*[...]
õOh... O risco que pode trazê pra gente é o seguinte... que... a pessoa mexe aí com muito vidro, né... quebrado... Às veze vem agulha também, a pessoa né... tem que ficá atento... [...] Tem as prensa também, que ela é muito perigosa, a pessoa tem que tê cuidado... né... pra... trabalhá.ö (C4)*

*[...]
õÉ... o perigo dela é que pode [...] impresá a mão... Entendeu? Aí, quebra... [...]*

³⁷ Essa questão não foi realizada desde o início das entrevistas, portanto não há a quantificação dos (as) catadores (as) que trataram dos riscos percebidos no lixão do Bairro Turmalina.

Com parceria, em dois... em grupo, com duas pessoa na prensa, né... Então, a pessoa vai, [...] levanta as mãos pra jogá na prensa, vai abaxá ela... Então, a pessoa tem que... prestá atenção pra gente e pro ôtro companheiro, que tá ao lado da gente, também na prensa... Pra num tá imprensano a mão do ôtro lá. Porque às vez, muitas vez eles pega o material, joga lá dentro, cê tá abaxano a prensa, cê num tá veno a pessoa jogano... Entendeu? Aí, pegá aí, já era.ö (C4)
[...]

Assim como C4, o catador C6, para quem o risco significa prevenção, também percebe aqueles riscos que podem ocasionar lesão, como o risco de acidente, associados aos materiais manipulados, como vidro e arame, e aos equipamentos utilizados, como a prensa. O catador também cita a necessidade de atenção no desempenho das atividades. Contudo, ressaltamos que a atenção não elimina o risco, mas minimiza a exposição ao mesmo e suas consequências. Como esse sujeito havia comentado que também atua nos caminhões, fazendo a coleta do material quando necessário, lhe foi perguntado sobre os riscos dessa atividade. Baseado em sua vivência, ele percebe mais riscos na atividade de coleta do que nas atividades desempenhadas no ambiente de trabalho da Associação, uma vez que segundo esse indivíduo, na primeira há o risco de atropelamento.

õSe ocê tivé descuido, né... num prestá atenção no serviço que cê tá fazeno, pode chegá você a... acontecê algum... acidente com você no serviço, né...ö (C6)
[...]

õ[...] Num momento de descuido ali, cê pode... sofrê alguma coisa com cê, com sua mão, com sua perna, alguma coisa... Entendeu? Por isso que tem que tê atenção sempre³⁸.ö (C6)
[...]

õ[...] E você vê alguma diferença entre o risco no caminhão e o risco aqui?ö (Entrevistadora)

õHum... No caminhão pode tê... mais risco do que aqui, ainda. [...] No caminhão, toda hora cê tem que pulá do caminhão pa ir pegá o lixo. [...] Pega um pouquinho aqui, um pouquinho ali... Aí, vão pô... de mil veiz, se uma dessas veiz cê esquecê de olhá pa trás, vê se tem... vino um carro, alguma coisa, cê pó sofrê um acidente. Entendeu?ö (C6)
[...]

õHum... No caso... Pra mim, só se cê... tivé passano aí... tivé um caco de vidro, ô um arame, alguma coisa... cê pisá, né... pode trazê algum risco procê. Procê se machucá... cortano... Entendeu? Se fô virá um fardo aí, cê cortá, alguma coisa assim... Mas, aí tem que tê atenção pa num... chegá a tê esse risco.ö (C6)

A catadora C8, para quem o risco também se associa à prevenção, através do uso de EPI, o percebe no resíduo hospitalar que chega até a Associação e nos materiais perfurocortantes, como vidros, ali manipulados. Em sua fala, esse indivíduo afirma que os (as) catadores (as) fazem uso de EPI, além de sabão e álcool para higienização das mãos após o

³⁸ O catador se refere ao trabalho na prensa.

término do manuseio do material. A catadora relata outras atividades que oferecem risco, como o que denomina de *õcaminhãoõ*, afirmando que já desempenhou a coleta em tal veículo. Contudo, ao contrário de C6, essa catadora não percebe riscos na atividade de coleta executada dessa forma, afirmando que no ambiente da Associação há mais riscos, em função do material perfurocortante, que é manipulado.

õPode trazê risco aqui, que eu acho é o... [...] o lixo.. o hospitalar, né. Mas aí, no caso, nós trabalha com as luva, nós tem o álcool tamém... Nós tem vários... equipamento ali, depois que nós termina aqui, cada uma vai lavá... Tem o álcool, tem o sabão...õ (C8)

[...]

õO risco nosso aqui é pisá, [...] ni caco de vidro... alguma coisa cortante, mas nós tamém tem a botina, tem o sapato... Garrafa também, mais... Maioria das pessoa trabalha de botina, de sapato, boba.õ (C8)

[...]

õAh, você já trabalhou no caminhão?õ (Entrevistadora)

õJá...õ (C8)

õE como era o risco no caminhão? Você vê diferença?õ (Entrevistadora)

õTem risco nenhum não.õ (C8)

[...]

õAqui tem mais... Mais em questão, assim... do caco de vidro, né. Garrafa também. (C8)

No relato que segue, identifica-se que apesar de o risco ser percebido, o indivíduo assume o mesmo, pois há a necessidade de trabalhar. Essa fala vai ao encontro do que Douglas e Wildavsky (2012) colocam a respeito da teoria cultural do risco, segundo a qual aspectos sociais têm influência na decisão do indivíduo em se expor ao risco, sendo que alguns preferem tal exposição a estarem desempregados. Essa catadora também percebe o risco no material perfurocortante, que é recebido pela Associação.

õ[...] Aqui, nós sabemos que vem coisa de todos lugar, né. Corremos risco, sim... Mas, a gente confia muito em Deus, pedimos a proteção de Jeová e vamos em frente, porque [...] nós precisa de trabalhá. Nós num pode pará...õ (C9)

õMas, você sabe me contar sobre os riscos? Esses riscos aqui, que você está falando...õ (Entrevistadora)

õ[...] pode cortá... A gente pode cortá no vidro... Nós mexemos com vidro... Né. Vem um material hospitalar, que nós recebemos aqui...õ (C9)

[...]

Oito catadoras, quando perguntadas sobre a representação do risco, não pensaram, a princípio, nos riscos presentes no ambiente de trabalho e/ou no trabalho, o que não é incomum, já que o termo risco, conforme já mencionado, está associado a diversos fatores e áreas do conhecimento. Contudo, ao serem questionadas a respeito dos riscos ligados ao local de trabalho e/ou ao desenvolvimento das atividades laborais, conseguem percebê-los, conforme relato que segue.

Novamente, os riscos aparecem ligados aos equipamentos e atividades que possam ocasionar lesões, como a prensa e a atividade de amarração dos fardos de material prensado, que é feita manualmente, com uso de arame e alicate. A catadora C5 menciona, ainda, a necessidade de atenção ao realizar tais atividades e o fato de, no caso dos (as) catadores (as) iniciantes, as mesmas serem acompanhadas por algum (a) colega que já possua experiência.

[...]

õOh... O único risco que... [...] eu fico meio assim... Quando... eu vô pa prensa... né. Porque na prensa, a gente tem que tê muito cuidado!ö (C5)

[...]

õPorque tem hora que a gente esquece, vai abaxá... a lá³⁹... [...] aí, se a gente esquece a mão, pode ir, entendeu? [...] na hora que vai abri a porta, pode batê duma vez, acertá na gente... [...]ö (C5)

õA porta?ö (Entrevistadora)

õÉ... Mas a gente tem que tê muito cuidado. Aí, [...] na hora de marrá um fardo... Inguál eu... Antes de eu aprendê marrá, eu ranhava muito...ö (C5)

õPor que amarra com o quê?ö (Entrevistadora)

õCom arame... E amarra... né... Aperta na mão. Tem a chave de fenda, mai memo assim tudo é na mão. Aí, a gente tem que tê muito cuidado... Prestá muita atenção pra gente não machucá. Mais sempre vem um... [...] ela aqui⁴⁰, que já sabe, tem muitos anos... Quando a gente entra aqui da primeira vez, que a gente vai fazê... ele⁴¹ sempre coloca uma pessoa junto com nós pa ensiná... Entendeu? [...] amarra pra gente, explica direitinho. [...]ö (C5)

Ao responder ao questionamento sobre a representação do risco, a catadora C7, para quem o risco é uma õcoisa perigosaö, já demonstra sua percepção. A catadora percebe o risco oferecido pela prensa, em virtude da experiência, ao afirmar que õ[...] teve gente que já perdeu o braço ali, já... machucô a mão...ö; ela observa que tudo oferece risco, pois causa algum dano à saúde, o que demonstra que, para esse indivíduo há uma relação clara entre os riscos percebidos no ambiente de trabalho e/ou na atividade exercida e tais danos.

Ainda conforme tal catadora, além de causarem lesões, as atividades desenvolvidas na prensa e na esteira, e a manipulação manual dos sacos *big bags*, pesados, contendo material, ocasionam doenças que se manifestam com a dor, como aquela sentida na região da coluna. Quando questionada sobre os riscos presentes no local de trabalho e/ou no trabalho, além dos riscos citados, a catadora menciona outros, como o risco de manipular material perfurocortante, como agulhas e vidro, o que pode gerar lesão e contaminação. De acordo com a catadora, ela própria já vivenciou lesões provocadas por tais materiais.

³⁹ O catador aponta para a prensa.

⁴⁰ O catador aponta para um colega de trabalho.

⁴¹ O catador se refere ao colega que coordena as atividades.

[...]

õTem... Tudo [...] tem risco... porque tudo causa algum problema na saúde...ö (C7)

[...]

õTem que ficou na prensa... causa problema às vezes na coluna, a gente sente muita dor de coluna... Ficou em pé, ali na esteira também... dá muita dor na coluna... É... abaixano, levanta, e se puxa essa saca pesada... Tudo dá... é risco. Mais, infelizmente, a gente tem que correr, né... É onde que a gente tem que trabalhar, num tem outro serviço.ö (C7)

[...]

õ[...] de que forma você acha que o seu local de trabalho ou a atividade que você exerce aqui, podem trazer algum risco...?ö (Entrevistadora)

õAh... Porque no meio do material que vem, vem muito... às vezes, que nem nesses que nós também prensamos nesse fardo aqui, às vezes vem... seringa... vem agulha... Aí, se num presta muita atenção... Tive ali no meio, a gente... fura... Eu já furei a mão, já, na agulha... É... o caco de vidro também que vem às vezes... A gente vai prensar... pode correr o risco de cortar a mão... Tudo tem risco. [...].ö (C7)

A catadora C10, para quem o risco representa a possibilidade de ser acometida por um mal à saúde, não necessariamente em decorrência do trabalho ou do ambiente laboral, assim como outros (as) catadores (as), percebe o risco no material perfurocortante manipulado, que segundo ela é proveniente de lugares variados. Ela cita que o material hospitalar que chega até a Associação pode ocasionar doenças graves como a tuberculose, e contém bactérias. A entrevistada acredita que o uso de EPI, especialmente as luvas, minimiza a exposição ao risco. Como ela havia relatado sobre outras atividades profissionais já realizadas, foi questionada sobre os riscos presentes nas mesmas. Ressalta-se que a catadora não percebe riscos nos serviços por ela executados em casas de família, pois era tudo limpinho. Depreende-se que, para a catadora, o risco está associado à sujeira.

[...]

õAh tá, do risco de trabalho eu vejo assim, oh... a vez, assim, vem um vidro... no meio dum material, né... Uma agulha, de vez em quando a gente acha... [...] O material vem de todos lugares, né... [...] É risco pra gente, né... Cortar a mão... Né...ö (C10)

[...]

õE a senhora falou dos riscos aqui. Quando a senhora trabalhava em casa de família, a senhora acha que lá havia riscos?ö (Entrevistadora)

õ[...] Não. Num tem risco, não, que era tudo limpinho, né. [...].ö (C10)

[...]

õEu penso assim, minha fia... [...] o risco da saúde e a gente pega material... [...] hospitalar... vim praqui. É o risco que eu penso, é isso.ö (C10)

õO que a senhora acha que pode acontecer?ö (Entrevistadora)

õDá doença... Dá doença grave... Uma tuberculose, uma tosse... Entendeu?... Isso eu penso. Mais, a gente trabalha de luva, né, evita.ö (C10)

õA senhora acha que a luva evita?ö (Entrevistadora)

õAcho que evita um pouco... a sujeira... Num pega trem sujo, né.ö (C10)

[...]

As catadoras C10, C11 e C12 também desempenharam atividades no lixão. Sobre possíveis diferenças entre os riscos presentes naquele lugar e aqueles provenientes do ambiente laboral representado pela Associação e do trabalho ali realizado, as catadoras percebem mais riscos no primeiro local, para onde, segundo as mesmas, são destinados materiais como a agulha, em maior quantidade do que para a Associação, e onde se transita livremente, em contato com todo o tipo de material. Assim como o catador C3, essas catadoras destacam o fato de o material reciclável já chegar limpo até a Associação, diferente do que ocorre no lixão, onde os resíduos chegam misturados.

A catadora C11 percebe o trabalho na Associação mais seguro do que aquele executado no lixão, uma vez que oferece melhores condições de higiene, além de ser quase todo executado em um galpão que os (as) protege das intempéries. A catadora C12 considera que o ôlixoö que chega até a Associação tem como destino um local determinado, ou seja, a rampa. Segundo esse indivíduo, na ASCANAVI os (as) catadores (as) não ficam transitando em meio ao ôlixoö como ocorre no lixão. Depois de passar pela rampa, o material enfrenta um processo de triagem, após o qual, de acordo com essa catadora, vai sendo separado e destinado a locais específicos, o que minimiza o risco.

[...]

õ[...] lá no lixão era mais o risco...ö (C10)

[...]

õPorque lá, minha fia, tinha muito lixo. [...] Ia agulha pra lá, ia tudo... Nossos material já tem coleta seletiva e já vem, né... o material inteiro limpo pra cá. Mas, assim mesmo, a gente ainda acha muita coisa aqui, nesse material que vem.ö (C10)

õÉ... O que a senhora já achou aí?ö (Entrevistadora)

õ[...] agulha... Num vem é muito, mais de vez em quando a gente acha... uma, duas, três... Papel higiênico no meio do material... Entendeu? Sangue...ö (C10)

[...]

õA senhora vê diferença entre os riscos presentes aqui e aqueles presentes no lixão?ö (Entrevistadora)

õLá era mais arriscado, porque às vez a caçamba dos caminhão tava batendo, e a gente ia perto, caía garrafa (riso), caía madeira, caía lata... Lá, a gente então, tinha mais risco do que aqui.ö (C11)

[...]

õ[...] a gente já acostumô a mexê lá no lixão, então aqui, são às vez até mais limpo do que lá... Entendeu? São menos risco do que lá. Eu... pra mim, aqui é um lugá bom.ö (C11)

[...]

õPorque aqui, a gente trabalha num lugar seguro, lugar fechado... Aqui tem um banheiro, né... Lá num tinha nada disso, agora aqui... Se chovê, a gente pode entrá aqui debaixo, esperá a chuva passá... Agora, lá não, a gente trabalhava no sol, na chuva... né. Tem [...] muita coisa boa, aqui, pra nós... Melhorou muito.ö (C11)

õ[...] Lá no lixão é mais arriscado.õ (C12)

[...]

õ[...] Aqui, pelo menos tem... Inigual vem o lixo seco vem tudo... Lá não, lá vem de tudo. Vem [...] lixo contaminado... Vem... Inigual, costuma a pessoa trabalha à noite, costuma... perigoso cá e machucá... Entendeu? [...] quase tudo que... [...] lá... tem, aqui também tem... Mais só que lá, o trem já é mais ao ar livre... Negócio cê fica... transitano no meio, entendeu? Aqui, não. Aqui tem um lugá específico. Inigual aqui... Ali, o lixo só fica ali na rampa. E [...] tem muitos é [...] moradô que pega... os vidro, pega, embala bonitinho, direitinho... Ali, no lixão, se eis falá que é o lixo úmido, eis sai jogano qualquer coisa. [...]õ (C12)

õQuando você fala que o lixo, aqui, está somente na rampa, você diz isso por conta da triagem pela qual ele passa?õ (Entrevistadora)

õÉ... passa pra cá⁴².õ (C12)

[...]

õÉ. Aqui já vai [...] ficando. [...]. tudo separado. [...].õ (C12)

Segundo a catadora C11, o risco representa a possibilidade de ocorrência de lesões. Essa catadora também percebe o risco através do material perfurocortante manipulado. Ela cita os EPI utilizados, mas percebe que os mesmos não são suficientes para protegê-los (as). Ela reforça a percepção do vidro e do peso das cargas manuseadas como riscos à saúde.

[...]

õNum é suficiente, que a gente, mesmo com a luva, a gente corta... né... Então, num tem como tê uma coisa suficiente, aqui, pra gente trabalhá. É muito caco de vidro mesmo. Às vez até a gente joga... passa, cê passa o braço, passa a mão... Num tem como... evitá. É muito difícil cortá, mas... às vez a pessoa corta.õ (C11)

[...]

õMas a senhora acha que pode trazer risco... a senhora citou o vidro...õ (Entrevistadora)

õÉ, só o vidro.õ (C11)

[...]

õO peso e o vidro, só. Mais não.õ (C11)

A catadora C12 percebe o risco à saúde através daquilo que vivencia, que no caso, é um problema na coluna. Portanto, esse indivíduo percebe o movimento repetitivo das atividades como um risco à saúde. Assim como outros (as) catadores (as), essa entrevistada também percebe o risco no material perfurocortante. Em seu relato, aparece a percepção do risco físico ruído, produzido pela prensa, que não está presente na fala de outros (as) catadores (as). Tem-se, portanto, que tal risco é percebido no ambiente por um órgão do sentido, a audição, conforme salienta Tuan (1980). Destaca-se nessa fala, que a catadora afirma fazer uso do fone de ouvido para minimizar o desconforto produzido pelo ruído excessivo, sendo que o modo correto de proteção seria o uso de um protetor auricular, adequado aos níveis de ruído produzidos pelo equipamento. O risco de abertura da porta da prensa, durante sua

⁴² O catador se refere ao espaço do galpão.

operação, também é percebido pela entrevistada, em virtude de experiências anteriores, já que segundo ela, há algum tempo esse fato não ocorre, devido à manutenção realizada no equipamento.

[...]

Porque fazeno aquele... movimento repetitivo, quando dá de noite, a coluna tá... um caco. Dói muito. E eu já tenho... [...] eu já tenho um desvio na coluna. Então... O risco é isso, da coluna piorá, né. Cortá também... A gente previne muito, mais nem sempre [...] a gente previne o tanto que tem que previni, né. Costuma pode caí um vidro, cortá... pode caí... agulha que custuma vim... Não vem sempre, mais costuma vim agulha... Vidro quebrado, costuma vim se... fora da embalagem... [...].ö (C12)

[...]

õIngal na prensa. Na prensa tem que tê muita atenção. Por causa do barulho... O barulho também [...] pode... afetá o ovido, né. [...] Eu mesmo, ingual cê vê, quase sempre eu tô [...] com o foninho no ovido. É mais por causa dos barulho mesmo, que eu não aguento... [...] e essa... porta abri, costuma... pegá e abri, né... batê na gente. Que se bate... se uma porta dessa abre, com uma... vão supô, com branco, cheia... Se bate na gente, dependeno do lugá, manda a gente longe. [...].ö (C12)

[...]

õ[...] Mais, tem muito tempo que num faiz isso porque... tá fazeno manutenção sempre, né. Mais, costuma esquecê o óleo... muito óleo no... no negócio.ö (C12)

[...]

Para o catador C13, o risco representa perigo. Apesar de perceber riscos no ambiente de trabalho, como aquele oriundo do material perfurocortante e da prensa, que segundo esse sujeito, pode provocar lesão nas mãos, ele não considera o risco no ambiente da Associação significativo, uma vez que nunca se sentiu mal. Ou seja, ele não vivenciou experiências que lhe tenham permitido perceber outros riscos na ASCANAVI e/ou nas atividades ali desempenhadas.

õNão, aqui em parte... Tê risco pa saúde aqui... [...] Não tem como eu reclamá, porque o que a gente faz aqui dentro... nunca me senti assim, mal, não.ö (C13)

[...]

õ[...] Igual, aqueles caco de vidro ali, a gente tem sempre que prestá a atenção, na hora que fô trabalhá...ö (C13)

[...]

õA prensa... A prensa ali, que se cochila, tamém é um risco...ö (C13)

[...]

õ[...] Poder perdê as mão ali. [...]. É aonde tem quem eu tô falando, tem que trabalhá com atenção. Com atenção, segurança.ö (C13)

[...]

O catador C14 inicia sua fala afirmando que o ambiente não influencia na saúde das pessoas, pois as mesmas adoecem quando têm que adoecer, independente de onde estejam. Segundo esse indivíduo, o local de trabalho da Associação e as atividades ali desenvolvidas

não oferecem riscos, tornando-se perigosos quando as pessoas já possuem algum tipo de problema de saúde. Contudo, logo o catador argumenta que há riscos que precisam ser evitados com uso de proteção, ou seja, EPI, iniciando o relato de suas percepções de risco, que passam pelo material perfurocortante, pelo arame utilizado para amarrar os fardos de materiais prensados, e pela prensa; ou seja, daquilo que pode ocasionar lesão.

õ[...] A pessoa quando [...] tem que doecê, doece mesmo. Num tem jeito não. Qualqué coisinha. Pode tá em casa que adoce, pode tá onde tivé. Mas o [...] risco... num é tanto arriscado isso aqui não.ö (C14)

õNão?ö (Entrevistadora)

õ[...] Cê teno saúde, Deus abençoano... aqui num tem risco não. Eu, pra mim num tem risco não... quase nenhum, não. Tem [...] mas a pessoa tem que evitá, né. Tem que evitá otras coisa. [...]ö (C14)

[...]

õEvitá [...] alguma coisa... Tem que tê proteção... pra fazê o trem.ö (C14)

õQual proteção?ö (Entrevistadora)

õSe pudé, [...] até usá a máscara, era bom usá. Mais, [...] aqui, ninguém usa. Uma máscara, uma luva...ö (C14)

õQual proteção o senhor usa?ö (Entrevistadora)

õAh... [...] eu só que eu uso... Eu entrei pra trabaiaí aqui de luva... Com luva, calça... [...] eu trabaiva só calçado... Que aqui [...] é perigoso trabaiaí descalço. Causa de caco de vidro, é perigoso. [...]ö(C14)

[...]

õ[...] No fardo... De pegá uma fardo, a gente pode machucá nele. [...] Pra botá um fardo dentro dum carro aí, que esquecê daqueles arame, é pirigoso cortá a gente, naqueles arame. Essas prensa daí, é um perigo [...], é perigoso impresá o braço nessa prensa, quebrá braço aí.ö (C14)

[...]

A catadora C15, para quem o risco representa a possibilidade de dano à saúde de modo geral, percebe no ambiente de trabalho riscos que podem ocasionar tal dano. Ela percebe como riscos: a presença de roedores em tal ambiente, que são vetores de doenças; o contato com material perfurocortante, que possibilita a contaminação e conseqüente adoecimento; e a presença de poeira, que é um risco químico.

õ[...] Que pode trazê risco é a poeira, né... É... rato, que tem, né. E...[...] a agulha, né. Às veiz costuma vim, mais a gente... tá costumado lidá já, né... Pega, coloca den do lito...ö (C15)

õO que a poeira pode ocasionar?ö (Entrevistadora)

õAh, a poeira pode... prejudicá a gente, porque eu tenho sinusite tamém, né. Pode, tipo assim... a gente gripá e dá uma pneumonia, né. E só. Mais, tirano isso, Deus guarda a gente, boba.ö (C15)

õE os ratos?ö (Entrevistadora)

õÉ, os rato pode trazê doença, né.ö (C15)

õÉ? E a agulha?ö (Entrevistadora)

õA agulha tamém.ö (C15)

õVocê sabe que tipo de doença?ö (Entrevistadora)

õÉ... HIV, né.ö (C15)

[...]

A catadora cujo relato está descrito a seguir, ao falar sobre a representação do risco, mencionou um significado geral, não relacionado diretamente ao ambiente de trabalho. Contudo, quando perguntada a respeito dos riscos percebidos no ambiente de trabalho e/ou na atividade desempenhada, mencionou o risco dos materiais hospitalares, o risco da prensa e do material perfurocortante, e citou acidentes já ocorridos. A catadora considera que a experiência na profissão os (as) auxilia na proteção em relação aos riscos.

õ[...] A gente corre risco sim, porque a gente pega material nos hospitais, né. Por mais que a gente saiba que a gente tem que usar o EPI, tem que usar luva direitinho, a gente nunca que tá com ela pra poder se proteger. [...] Apesar que, graças a Deus, a gente num [...] tem muito acidente aqui. Quase, é muito difícil ter um acidente. Quando tem também, alguém corta um [...] pedacinho lá ou fura um pé, qualquer coisinha, mas é coisa pouca, né. Mas, a gente corre risco, né. É muita coisa... é prensa, muita máquina, né, é vidro pra todo lado. Então, tudo aqui dentro [...] corre risco de acidente, né. [...] Devido os anos que a gente tá trabalhando [...] com essa profissão, a gente, né, a gente [...] já tá tentando se proteger, já tá aprendendo como se proteger, né, dessas [...] coisas de cortar, machucar, tudo isso.ö (C18)

A mesma catadora cita, ainda, importantes riscos percebidos no lixão, como a exposição ao sol, o chorume, a inalação do gás liberado pela decomposição dos resíduos. E considera que o ambiente de trabalho da Associação é mais salubre, por oferecer maiores condições de conforto e higiene para os (as) catadores (as).

õ[...] lá no lixão você tá sujeito a muita coisa, né... Lá é sol, é o chorume, né, do cheiro do gás.[...] porque a gente vai respirando aquele gás e vai passando mal, né. Aí, depois, o organismo acostuma. Cê vê [...] que tem pessoas que tá trabalhando ali já, oh... anos [...]. Aquele sol, a gente trabalhando debaixo daquele sol, sentindo aquele cheiro. É... Aqueles animais, né, tudo junto ali, que vinha. Não tinha um banheiro adequado pra você usar, né. Não tinha uma água gelada, ali, pra gente beber. Por mais que a gente levava, igual eu levava uma garrafa de água, você ia lá tomar aquela água com a mão suja, né. Porque não lavava, não tinha [...] um ambiente pra você poder lavar a mão, pra você tomar uma água, né. Eu almoçava em casa, né. Lá em casa. Eu lavava minha mão e tudo pra almoçar, mas tinha gente que comia ali, fazia comida ali mesmo e comia. Então, eu acho que... Agora aqui na Associação, não. A Associação [...] trabalha na sombra, né, tem um banheiro, tem uma água gelada, tem onde você lavar uma mão, fazer uma higiene, né. [...] a qualidade de vida aqui na Associação é muito melhor.ö (C18)

Aparecem nas falas dos sujeitos que compõem a amostra entrevistada os seguintes riscos: poeira proveniente do material manipulado, além de gases e vapores liberados por produtos químicos, que são classificados como riscos químicos; ruído, considerado um risco físico; risco de contaminação pelo material úmido misturado ao reciclável, risco de contaminação pelo resíduo hospitalar, risco de aquisição de doenças transmitidas por

roedores, todos considerados riscos biológicos; movimento repetitivo, e o manuseio de cargas excessivas, que são riscos ergonômicos; e os riscos mecânicos ou de acidentes, na forma da possibilidade de lesões envolvendo agulhas e objetos perfurocortantes, a manipulação da prensa e do arame utilizado para amarrar os fardos de materiais, o trabalho na esteira e nos caminhões de coleta.

Os (as) catadores (as), participantes da pesquisa, percebem na ASCANAVI e nas atividades ali desenvolvidas, principalmente riscos mecânicos ou de acidentes, ou seja, aqueles que geram algum tipo de lesão. Destaca-se o risco de acidentes com agulhas e objetos perfurocortantes, em especial, o vidro, além do risco de acidentes com a prensa, equipamento utilizado no processo produtivo.

Não é possível afirmar que existem diferenças de percepção entre trabalhadores (as) mais velhos (as) e mais jovens. Contudo, por terem vivenciado experiências no lixão do bairro Turmalina, quatro dos (as) catadores (as) mais velhos (as) afirmam que as condições de trabalho naquele local e o próprio lugar ofereciam mais riscos do que a ASCANAVI e as atividades ali desenvolvidas. Esses sujeitos reconhecem uma melhoria das condições de trabalho, ao compararem o lixão e a Associação.

É importante considerar a experiência dos sujeitos no local de trabalho, pois este é um fator que amplia as possibilidades de contato com as situações de risco, o que por sua vez produz influências sobre a percepção. Assim, correlacionar as variáveis tempo de serviço na Associação e percepção de riscos nos permite compreender melhor os resultados. Os comentários tecidos por Tuan (1980), a respeito da diferença entre o comportamento do nativo e do visitante em relação ao meio, podem ser associados ao entendimento dos (as) catadores (as) mais antigos (as) e daqueles (as) que atuam há menos tempo na Associação, respectivamente.

Quando fiz minha primeira visita à Associação, já relatada neste estudo, observei o ambiente de trabalho e as atividades ali desenvolvidas. Analisando o ir e vir dos (as) catadores (as), percebi riscos ambientais que poderiam causar acidentes do trabalho e doenças ocupacionais. Espantei-me ao me deparar com catadores (as) aparentando possuir idade avançada, manipulando cargas excessivas naquele ambiente de trabalho. O trabalho em posições inadequadas, a ausência de um posto de trabalho adaptado, e as posturas incorretas, também despertaram a minha atenção: havia trabalhadores (as) que executavam suas atividades de pé, assim como havia catadores (as) que trabalhavam, ocupando assentos improvisados com o próprio material reciclável. Logo pensei na prevalência de doenças musculoesqueléticas entre esses sujeitos.

Também percebi a não utilização de EPI adequado ao risco, assim como a manipulação de materiais hospitalares, o que poderia ocasionar a contaminação dos (as) catadores (as). Dessa forma, no meu primeiro contato com a Associação, como visitante, vislumbrei possibilidades de risco de adoecimento entre esses sujeitos.

A percepção do nativo acerca dos fenômenos difere daquela apresentada pelo visitante, pois o primeiro encontra-se totalmente vinculado ao ambiente que ocupa, e carrega consigo aspectos culturais, sociais e econômicos, subjetivos (TUAN, 1980). O visitante consegue perceber aquilo que o nativo não mais é capaz, o novo, o que para este é invisível, por encontrar-se imerso no ambiente, acostumado ao que este último apresenta (TUAN, 1980).

O fato de componentes da amostra, que atuam há mais tempo na Associação, não perceberem os riscos ou manifestarem pouca percepção, pode ser justificado. Segundo a perspectiva de Tuan (1980), aqueles que vivem há muito tempo em determinado lugar, desenvolvem tamanha afeição, que não percebem aquilo que está envolvido nesse cotidiano de relações. Segundo essa perspectiva, os (as) catadores (as) que atuam há algum tempo na Associação e/ou na atividade de catação estão de tal modo envolvidos (as) no cotidiano laboral, que não consideram significativamente o risco.

Assim, riscos relacionados às atividades que envolvem a prensa e tarefas correlatas, como a amarração dos fardos prensados com arame, são percebidos por três trabalhadores (as) entrevistados (as) com menor tempo de serviço, enquanto somente um (a) catador (a) entrevistado (a) com maior tempo de serviço demonstra percebê-los. Isso pode ser justificado pelo fato dos catadores (as) que estão há mais tempo na Associação, geralmente, não mais estarem envolvidos na operação desse equipamento e já estarem habituados (as) aos riscos oferecidos pelo mesmo. Por outro lado, as vivências, os fenômenos experienciados pelos (as) catadores (as) que atuam há mais tempo na Associação possibilitam a percepção de riscos associados a fatos vividos e/ou presenciados pelos (as) mesmos (as), que não foram relatados pelos (as) catadores (as) com menor tempo de serviço, como o risco oriundo de produtos químicos, de resíduos hospitalares, o manuseio de cargas excessivas, o movimento repetitivo, dentre outros.

Já identificamos uma identidade territorial que perpassa o grupo de catadores (as) da ASCANAVI, participantes do estudo. Contudo, dentro desse grupo ocorre uma diversidade de percepções em relação ao risco à saúde desses sujeitos. Claval chama a atenção para o fato de os indivíduos não perceberem os lugares da mesma maneira, e não identificarem ali os mesmos riscos (CLAVAL, 2001). Assim, o fato de existir uma identidade territorial na

Associação não significa que o grupo de associados (as), componentes da amostra, possui percepções idênticas. As diferenças presentes na composição social desses indivíduos, em suas crenças, seus valores, sua cultura, suas experiências e vivências, dentre outros, causa influência na percepção que possuem em relação aos riscos à saúde presentes em seu território laboral e nas atividades que ali desempenham.

Conforme já mencionado, os riscos presentes no ambiente de trabalho e nas atividades relacionadas possibilitam a ocorrência do dano, que pode se configurar em lesão e/ou doença. Portanto, existe uma relação direta entre o risco e o dano. A partir da compreensão da percepção dos (as) catadores (as) a respeito dos riscos à sua saúde vinculados à Associação, torna-se interessante entender também a percepção dos (as) mesmos (as) a respeito das doenças que podem estar relacionadas a tais riscos.

4.4 A DOENÇA COMO CONSEQUÊNCIA DO RISCO

Quando questionados (as) sobre o conhecimento a respeito de doenças que podem ser ocasionadas pelo trabalho ou local de trabalho, os (as) catadores (as) demonstram compreender as consequências da exposição ao risco.

Uma entrevistada diz sofrer consequências do esforço físico realizado nas atividades desenvolvidas na esteira, particularmente do ato de arrastar os sacos *big bags* carregados de materiais. Ela cita, ainda, a possibilidade de adoecimento em virtude da presença de *övermesö* na sujeira, demonstrando perceber o risco de contaminação, apesar de não tê-lo mencionado anteriormente.

õEis fala muito é no verme, né? Que pode pegá verme...õ (C1)

õPor quê?õ (Entrevistadora)

õPor conta que [...] verme vem... [...] dirigido sob sujeira, né?...õ(C1)

õHã...õ (Entrevistadora)

õQue a pessoa pega... Então, num tá nossa mão aqui?õ (C1)

õHã...õ (Entrevistadora)

õNão pode comê com a mão assim. Tem que sê bem lavada com sabão... Pra pegá na marmita de comida tem que sê bem lavado. Porque pode tê uma [...] contaminação dum verme, né... pode pegá na comida... Então, assim, antes de comê, eles pede: lava a mão... seca... pa pegá na comida... [...] Não pode bebê água com a mão suja, assim... tem que lavá... lavá com sabão. Então, cê... mais é evitado é sob disso, né... Num pode pô na boca...õ (C1)

[...]

õ[...] Eu tive um pobrema no braço assim... fica doendo... Aí, num guenta suspendê assim... a bolsa... porque essa bolsa são muito pesada. Aí eu num trabaio na prensa. Mais... assim... a gente trabaia muita coisa... A prensa eu num trabalho mais não... Eu num tenho força pa levantá ela... Que a bolsa são pesada, né... [...]õ (C1)

[...]

Outro catador apontou a possibilidade de contaminação por vírus e bactérias presentes no resíduo sólido, mas não apresentou doenças relacionadas a tais riscos em sua fala. Ainda segundo esse sujeito, o trabalho de forma organizada possibilita a minimização da exposição ao risco. Os riscos mencionados pelos catadores C1 e C3, quais sejam germes, vírus e bactérias são caracterizados como riscos biológicos.

õAssim... a contaminação aqui, ela pode ser biológica... [...] uma contaminação de vírus... [...]ö (C3)

[...]

õ[...] a contaminação por vírus, né. Por bactérias e vírus. [...] O lixo, ele traiz muito esse tipo de contaminação. Né.. Mas por ele sê da coleta seletiva, [...] a gente corre menos risco, [...] o risco é menor... digamos assim. [...]. Porque eu trabalho de forma organizada, eu se... eu tenho a consciência de que... [...] é um material da coleta seletiva, que já vem pré selecionado... Então, eu corro menos risco... Que não é o caso do pessoal lá do aterro.ö (C3)

Uma das catadoras citou uma dermatite que atingiu seus pés e suas mãos e que, segundo a mesma, é proveniente do contato com o resíduo sólido. Assim, uma experiência da entrevistada permite que a mesma perceba uma doença associada a riscos presentes em seu trabalho na Associação.

õNão. A única coisa que eu peguei aqui, que eu não tinha... [...] É legia... legia, oh, oh⁴³.ö (C2)

õAh... nas mãos...ö (Entrevistadora)

õEu não se dô... Nas mãos? Deixa eu te mostrá meus pé, procê vê como é que é o meu pé, minha fia⁴⁴. Num é só nas mão, não. Oh...⁴⁵. [...] essa alegia pegada aqui, oh. [...]o médico falô... que... eu não se dô... com esse tra... com mexê com... [...] lixo. Eu não posso mexê com lixo. [...] Tô esperano quando eu saí daqui, essa... [...] legia vai cabá, porque o médico falô que eu tenho que largá o lixo.ö (C2)

[...]

Apesar de não relatarem doenças, quatro dos (as) entrevistados (as) mencionaram um fato vivenciado na Associação, que foi um acidente do trabalho ocorrido com uma catadora, que se feriu gravemente com material perfurocortante.

õAdoecer, nunca vi não... Mas que tem uma mulé... aqui [...] ela cortô assim, oh... nesse nervo aqui do pé. Ela tava de botina, igual eu tô aqui... cortô assim, oh... nela... Cortô assim, a... a garrafa garrô nela aqui⁴⁶...ö (C1)

[...]

õNunca machuquei. Não... nunca dei um gorpinho... Tem gente aí que quase já saiu com o pé... quai já rancô o pé do lugá e eu nunca cortei. Aí, o caco de vidro

⁴³ A catadora mostra as mãos.

⁴⁴ A catadora tira os calçados e meias para mostrar os pés.

⁴⁵ A catadora mostra a alergia nos pés.

⁴⁶ O catador entrevistado aponta para o local do ferimento.

passô por cima da minha bota, aí... Cortô a bota... [...] Mas num cortô meu pé.ö (C2)
 [...]

O catador C3 considera que os acidentes do trabalho e as doenças são eventos raros na Associação. Para esse indivíduo, apesar de os (as) catadores (as) trabalharem expostos ao risco de contaminação e ao contato com materiais perfurocortantes, o grupo é constantemente capacitado para evitar a exposição ao acidente do trabalho, o que desenvolve neles (as) uma consciência da exposição ao risco, de forma que medidas de proteção possam ser adotadas.

õAh sim... Acidente de trabalho é raro aqui... [...] Você vê assim, trabalhando assim com resíduo... Um trabalha [...] com perfurocortante, né... Trabalha com resíduo reciclável, que ainda tem uma certa quantidade de contaminante, né... porque ele num vem totalmente, num vem cem por cento separadinho, da forma como deveria ser. Ainda vem fralda descartável, papel higiênico... Então tudo isso, né... [...] pode ocorrê contaminação. [...] Cê vê aí, nós trabalhano dessa forma aí... [...] e raro, raro, raro, o catadô adocece... [...] Qué dizê... raramente a gente se machuca, porque a gente tem uma capacitação... né... que é feita... constantemente vem pessoas e fala sobre o risco de acidente no trabalho... o quê que a gente deve fazê pra evitá... [...]. Então, é onde a gente... a gente trabalha [...] em risco, mais protegido ao mesmo tempo, né. Porque a gente tem essa consciência de que... aquilo ali pode ocasionar acidente.ö (C3)

A catadora C5 acredita que não há doenças relacionadas às atividades desenvolvidas e/ou ao local de trabalho, uma vez que muitos (as) catadores (as) desempenham a atividade há algum tempo, desde a época em que atuavam no lixão, e segundo a entrevistada, ela desconhece o adoecimento de algum desses indivíduos. De fato, os riscos percebidos pela entrevistada relacionam-se somente às lesões.

õ[...] Aqui não. Porque tem gente aqui que ajudô a fundá a ASCANAVI... E tá aqui até hoje. Eu nunca ouvi falá negó de doença (ênfase na palavra), da pessoa... não.ö (C5)

Contudo, C5 afirma que os acidentes do trabalho ocorrem no ambiente da ASCANAVI.

õNão... Machucá aqui... tem hora que é fato. Isso aí... machuca memo. Entendeu?ö (C5)

[...]

õNão... Tem hora que vai passá o arame... aí, sem querê... esbarra, machuca...ö (C5)

[...]

õ[...] Agora, machucá prá... assim, chegá num ponto de ficá em casa, esses trem... é muito difícil. Num... contece, não. [...]ö (C5)

A pergunta sobre doenças desperta a atenção de alguns (umas) catadores (as) para riscos que não haviam mencionado anteriormente. No relato que segue, a entrevistada cita a poeira como um risco presente em suas atividades. Acredita que a ingestão de leite funciona

como uma medida de proteção em relação às consequências da exposição a tal risco, mas não cita doenças que possam associar-se ao mesmo.

õ[...] A única coisa que dá aqui memo [...] é poeira, né... Aí, a gente sempre tem que tomá... ficá tomano o leite, né... que o leite ajuda a limpá também... É só isso aí.õ (C4)

Outra doença mencionada, associada ao material manipulado, é o tétano. O mesmo catador que citou tal doença, afirmou que existe a possibilidade de ocorrência de acidentes envolvendo animais peçonhentos, e que já vivenciou um acidente do trabalho, quando cortou a mão.

õNo caso, só se cê fô... cortá [...] num ferro enferrujado aí... Pode dá um tétano, alguma coisa assim, né... Que saiba, é só essa.õ (C6)

[...]

õ[...] Se tivé um escorpião, alguma coisa assim, num sei.õ (C6)

õAqui, costuma aparecer?õ (Entrevistadora)

õEu nunca vi não, mais... Vai que aparece (riso). Aí, eu num sei né.õ (C6)

[...]

õAssim... já aconteceu de eu... cortá a mão asssim... ficá a parte da tarde em casa, mais...õ (C6)

õCortou com o quê?õ (Entrevistadora)

õArame.õ (C6)

[...]

õFurô.õ (C6)

No relato da catadora C7, percebe-se que a mesma só considera as doenças que já tenham sido experienciadas pelos (as) catadores (as). Ela menciona sintomas como dor nas pernas e coluna, além de uma situação vivenciada, que foi a intoxicação de uma colega por um produto químico. Essa catadora também já vivenciou um acidente do trabalho envolvendo material perfurocortante. Apesar de, a princípio, não citar doenças relacionadas ao trabalho e/ou ao ambiente laboral, a catadora C15 reconhece o adoecimento dos (as) colegas, que apresentam como sintoma a dor nas costas, mas afirma que não há qualquer relação entre o sintoma apresentado pelos (as) catadores (as) e o trabalho.

õAcho que, a maioria das vez memo, é isso: dor nas perna, dor na coluna... [...] Nesse trabalho, o que mais causa na pessoa é isso. Num tem outra doença, que eu saiba, não... Nem infectá... Ninguém nunca infectô com nada aqui... Que eu saiba... Já assim, conteceu de vim o material tóxico... Aí, a pessoa passô mal mermo, que nem a [...] uma vez passô mal, que ela tava trabalha... Tem um caminhão, [...] que traiz de [...] uma fábrica de iogute. Aí, junta muito material lá muito tempo, aí traiz. E no meio daquele trem, vei um negócio... Veio um material químico, que ela passô mal com aquilo, teve que ir po hospital... sê medicada. (C7)

[...]

õNão. É só... Já cortei só uma vez, uma perna, só... no caco de vidro mermo... que eu tava carregano o saco de vidro... [...] Cortô minha perna... Deu uns... cinco

ponto, só.ö (C7)

õE você conhece algum colega que tenha adoecido por conta de alguma situação do trabalho?ö (Entrevistadora)

õJá... adoeceu sim...ö (C15)

õQue tipo de doença?ö (Entrevistadora)

õAh... dor nas costa... [...].ö (C15)

[...]

õAh, eu acho que... sei lá... acho que é porque elas já tem memo, né.ö (C15)

õÉ? Você acha que não tem relação com o trabalho?ö (Entrevistadora)

õEu acho que não, né.ö (C15)

Para C15, não é comum o ferimento dos (as) catadores (as) durante a execução das atividades na Associação. Tal fala difere daquelas apresentadas por 14 (catorze) dos (as) catadores (as), nas quais aparece, principalmente, o relato de lesões com materiais perfurocortantes.

õÉ... Conhece alguém que já se feriu?ö (Entrevistadora)

õNão. Aqui nunca... muito difícil a pessoa se ferir aqui.ö (C15)

Outra catadora, integrante da amostra, não identifica doenças associadas ao trabalho na ASCANAVI, pois segundo a mesma, a possibilidade de adoecimento que poderia existir através do contato com ratos, que são vetores de doenças, é uma situação que, atualmente, está controlada. Essa trabalhadora também já sofreu acidente do trabalho envolvendo material perfurocortante.

õDoença?... Não, tem nenhuma não. Tem é... do rato, né. Mas, agora, graças a Deus, [...] esse negó de zoonoses da dengue vem cá, bate o remédio [...].ö (C8)

[...]

õNão. Já se machuquei, cortei... que eu tava de chinelo. Foi lá em cima, na rampa [...] foi grave, eu cortei numa garrafa de vinho... Fui po hospital, levei mais o meno uns deiz ponto... Mais, parti [...] daquele momento ali também, nunca mais eu vim [...] sem sapato, sem botinha, não.ö (C8)

[...]

Há seis trabalhadores (as) que desconhecem doenças que possam ser ocasionadas pela atividade de catação e/ou pelo local de trabalho, como as catadoras C9 e C17. No relato apresentado por C9, a mesma diz que quando adoece, não pode afirmar se esse fato tem relação com o local de trabalho. Tais entrevistadas não demonstraram perceber riscos de adoecimento.

õConta pra mim sobre doenças que você conhece, que podem ser ocasionadas, ou aqui, pelo local de trabalho, ou pelo trabalho em si. Você conhece alguma doença?ö (Entrevistadora)

õNão conheço.ö (C9)

õMe conta de doenças que você conhece que podem ser ocasionadas pelo seu local de trabalho ou pelas atividades que você executa aqui.ö (Entrevistadora)

õDoença?ö (C17)

õVocê conhece doenças?õ (Entrevistadora)

õNenhuma, não.õ (C17)

Tanto a catadora C9, quanto a catadora C15, afirmam que já se acidentaram com material perfurocortante, sendo que C9 considera isso um acontecimento corriqueiro.

õÉ... Você já se machucou, trabalhando...? Ou já adoeceu...?õ (Entrevistadora)

õJá cortei [...] É normal. Cortá é normal, né. [...]õ (C9)

[...]

õE adoecer...?õ (Entrevistadora)

õÉ... Doecê, a gente... todos nós adoece, né. Mas aí, eu num posso falá que é daqui ou não...õ (C9)

[...]

õJá, uma vez eu já cortei. [...]õ (C15)

õHum... Cortou com o que?õ (Entrevistadora)

õ[...] Caco de vrido... quando era monte, entendeu. Quando a gente tinha que entrá no monte.õ (C15)

A catadora C10, que quando questionada a respeito dos riscos ocasionados pelo trabalho e/ou local de trabalho, citou a tuberculose como doença, mantém sua convicção, voltando a afirmar que tal doença pode ser ocasionada em função da manipulação de material contendo poeira contaminada.

õAh, boba, tem a... Tem a tuberculose... Tem essa ôta doença, que num pode nem falá... O tal de cãnçe, né [...]õ (C10)

õA senhora acha que o trabalho da senhora pode provocar o cãncer?õ (Entrevistadora)

õNão. Esse trabalho num provoca isso, não, porque... a gente tem veiz que já doece com isso, né. Agora, a tuberculose é perigoso a gente pegá [...] nesses papel afetado, né... Poeira... Entendeu? [...]õ (C10)

[...]

Quando questionada sobre ferimentos já sofridos, a catadora relata que nunca se cortou. Percebemos, em sua fala, que há uma associação direta entre as palavras ferimento e corte o que é recorrente na fala dos (as) entrevistados (as), inclusive com um relato da entrevistada sobre um acidente do trabalho envolvendo material perfurocortante. Essa relação talvez aconteça, pois cinco catadores (as), componentes da amostra, já sofreram acidentes desse tipo, conforme identificado em várias narrativas.

õNão, graças a Deus, não. Aqui, minha fia, nunca cortei... Por enquanto, eu nunca cortei.õ (C10)

[...]

õE a senhora conhece algum colega que já se feriu?õ (Entrevistadora)

õJá.õ (C10)

õComo foi?õ (Entrevistadora)

õAh, minha fia, ele cortô, sabe... [...]. Cortô a perna no vidro... [...] fez um corte mais profundo, que ele ficô... um mês sem trabalhá. Já, aqui já teve acidente.õ (C10)

[...]

A catadora narra ainda, um fato ocorrido em que uma colega se envolveu em um acidente com a prensa. Em sua descrição, a entrevistada demonstra compreender que o conceito prevencionista⁴⁷ de acidente do trabalho vai além do conceito legal, no qual acidente do trabalho é aquele que gera morte ou lesão. Isso, pois ela considera, em seu relato, um acidente que não gerou lesão, ou seja, um incidente. Para os profissionais que atuam na área de segurança do trabalho, os relatos de incidentes são importantes, uma vez que é necessário eliminar a causa dessas ocorrências que aconteceram e não ocasionaram lesões, mas que podem voltar a suceder, resultando, então, em ferimentos.

[...]

õJá. Já machucô na prensa... uma colega minha que trabaiava na prensa já machucô... [...].õ (C10)

õComo foi?õ (Entrevistadora)

õEla foi impresá [...] A prensa abriu duma vez, bateu... no istambo dela... Mais, Deus abençoô que num teve ferimento nenhum.õ (C10)

õA tampa da prensa?õ (Entrevistadora)

õÉ a tampa, minha fia, da prensa... A tampa num fechô direito, num bateu direito, sabe [...]. Na hora que abriu, ela correu assim, de uma vez, minha fia... Acidente que teve aqui foi isso.õ (C10)

Sobre doenças adquiridas, apesar de realizar um trabalho que demanda esforço físico, a catadora não considera que as dores que sente tenham qualquer relação com sua tarefa. Contudo, reconhece que colegas já adoeceram em função desse esforço necessário no desenvolvimento das atividades, apesar de, anteriormente, não ter demonstrado perceber o risco do manuseio de cargas excessivas. Na fala dessa catadora também se identifica a palavra *õinfecçãoõ*, o que demonstra que há um entendimento sobre os riscos biológicos que envolvem a atividade laboral exercida e/ou o local de trabalho, que também não haviam sido relatados.

õNão... Eu já adoeci, assim... com dor de cabeça, febre, dor no corpo... Isso aí já sofri. Muita dor... nos osso...õ (C10)

õ[...] A senhora acha que isso tem relação com o trabalho?õ (Entrevistadora)

õÔ, boba, eu acho da dô nos osso [...]. Eu acho que num é do serviço, não [...]. A idade vai chegano, vai dá dô nos osso, dô nas perna...né. E tenho medo de pegá uma infecção, mais graças a Deus [...] Já tive infecção, não.õ (C10)

[...]

õTeve gente que adoeceu aqui, cansamento, né fia, porque é um sirviço muito cansativa... Rastá bolsa... Carregá bolsa, né... Colega minha já doeceu aqui.õ (C10)

⁴⁷õDo ponto de vista prevencionista, acidente do trabalho é a ocorrência imprevista e indesejável, instantânea ou não, relacionada ao exercício do trabalho, de que resulte ou possa resultar lesão pessoal [...]. Sendo assim, mesmo os acidentes que não acarretam lesões são considerados para fins de prevençãoõ (SALIBA, 2016, p. 35).

Seis catadores (as) mencionam, a partir de experiências vivenciadas, problemas de coluna como doenças que podem advir do trabalho e/ou do local de trabalho, conforme relatos que seguem. A catadora C11 afirma que o esforço físico realizado para manejar cargas é causador de doenças, mas não cita de fato quais são elas. A catadora C12, por sua vez, relata problemas na coluna como doenças relacionadas ao trabalho exercido. Novamente, os ferimentos citados aparecem vinculados aos materiais perfurocortantes.

õEu acho que mais é o peso mesmo... e cortá ni vidro, que eu acho que é a coisa mais perigosa. Num acho ôtra coisa mais... assim, apropriado pa machucá, não.õ (C11)

[...]

õHum... A única que eu acho que... pra mim é uma doença, é a coluna, né...õ (C12)

[...]

õ[...] num é só eu, [...] tem um... pouco, bastante gente aqui que... tem esse problema. Porque com o tempo, a coluna num aguenta, né... desgasta, né. Aqui é muito peso... [...]õ (C12)

[...]

õE ferimento? Você falou que não se feriu? Você nunca se feriu?õ (Entrevistadora)

õEu, a não ser um cortezinho que passa na luva... não.õ (C12)

[...]

õAh, os menino do caminhão costuma machucá...õ (C12)

[...]

õPorque... costuma vim garrafa de vidro pra cima, eis passá [...] eis usam luva, mas costuma cortá a luva. [...] E... e aqui tamém, costuma as menina machucá. [...] quando passa ali [...] na esteira, né... a pessoa tá naquele movimento [...]õ (C12)

õCom o quê?õ (Entrevistadora)

õCom vidro.õ (C12)

Um dos catadores relacionou a gripe à poeira a qual fica exposto no local de trabalho. A gripe é ocasionada por um vírus, mas é possível que o relato se refira a alguma doença do trato respiratório que possa ser ocasionada pelas poeiras presentes no ambiente da Associação. Para esse catador, assim como para C9, os acidentes envolvendo material perfurocortante são fatos corriqueiros, para os quais não se destina a devida importância.

õVocê já adoeceu por conta do trabalho?õ (Entrevistadora)

õJá... gripá...õ (C13)

õVocê acha que a gripe tinha relação com o trabalho?õ (Entrevistadora)

õA poeira.õ (C13)

õAlém da gripe, alguma outra doença?õ (Entrevistadora)

[...]

õ[...] Veiz em quando um ainda vai lá, dá uma cortadinha num caco de vidro... uma biliscadinha num caco de vidro, mai num... num é corte grave, não. É só isso.õ (C13)

Outro catador acredita que as doenças não têm qualquer relação com as atividades laborais executadas e/ou com o local de trabalho. Segundo esse sujeito, a pessoa adoece independente do local em que esteja; há pessoas que nascem doentes e outras que nascem saudáveis. Ele também relaciona a doença à lesão, ao afirmar que nunca se machucou na Associação. Esse sujeito, assim como seus (uas) colegas C9 e C13, considera corriqueiros os acidentes envolvendo materiais perfurocortantes.

õAh, menina, tem muita doença, né. [...] tem febre, né, que dá na pessoa, tem esse negócio, que eis fala... [...] gripe. [...]ö (C14)

õMas, o senhor acha que o local de trabalho ocasiona essas doenças?ö (Entrevistadora)

õNum, acho que não. Primero... se as doença [...] tivé que pegá na pessoa, qualqué lugá pega. Pó tá em casa, que se tivé de doecê, doece [...]. Num tem jeito não. [...] A pessoa [...] já nasce doente. Tem não. Tem outros que já nasce com saúde... [...] e... continua a saúde dele. [...] Aqui, graças a Deus, [...] num machuquei aqui não.ö (C14)

[...]

õAh... machucadinho, coisa que machuca aí... Num importo com isso tamém, não.ö (C14)

õCom o quê?ö (Entrevistadora)

õ[...] corta o dedo com o caco de vidro... [...] o arame, corta no arame. [...] eu num importo com isso... [...].ö (C14)

[...]

Apesar de, a princípio, tal indivíduo não reconhecer qualquer relação entre doenças e a Associação, ele afirma já ter adoecido em função da execução de esforço excessivo ao manipular cargas, apesar de na ter mencionado tal risco anteriormente.

õNão. Só, só me deu, uma vez [...] eu puxano saca sozinho aí, ó... que eu sei que eu num posso com esse sirviço... E me deu aquele [...] torcicolo, aqui no pescoço [...]ö (C14)

Outra doença associada a um risco biológico aparece na fala de uma catadora, como vivência da mesma, que cita o fungo como agente causador.

õ[...] o que eu adquiri aqui antes, que eu não usava, [...] é um fungo na unha. No pisá nessa água podre aí... Entendeu? Aí, dá aquele fungo na unha. Até hoje eu sofro com isso. Memo calçano sapato. Entendeu?ö (C16)

Essa catadora acredita, ainda, que o trabalho com resíduos sólidos não gera riscos para pessoas mais novas. Ela toma como exemplo seu esposo, que trabalhou durante toda a vida com materiais recicláveis e faleceu saudável. Segundo a entrevistada, pode ser que haja algum risco para as pessoas idosas. Novamente, aparece na fala de uma catadora a ideia de que o leite poderia minimizar os efeitos da exposição ao risco.

*õE a senhora conhece alguma doença que outro colega tenha adquirido?ö
(Entrevistadora)*

õAqui, não. Por essa razão aqui, não. Entendeu? Eu te falano que meu marido começô trabalhá de criança, ele morreu com cinquenta e tantos anos, saudável, com toda saúde. Entendeu? Então, assim... Aqui num... num tem nada que... A não ser pessoas idosas, né. Que é mais sensível. Pode ser que tenha algum risco pra elas. Agora, a pessoa mais nova, acho que não. Mais eu sempre falo com as menina. Aqui tinha que tê uma tornera de leite. Quando passasse muita poeira? Por que uma tornera de leite? Controlado! Passou um monte de poeira, a pessoa vai lá, toma um copo de leite. Abre a torneirinha, toma um copo de leite.ö (C16)

A catadora C18 associa a doença relacionada à coluna ao esforço físico excessivo e à postura inadequada, que representam riscos ergonômicos presentes na atividade de manipulação de carga.

õBom, aqui, doença assim que ocasiona, eu acho que é a coluna. Por causa [...] da forma de trabalhar, sabe. A gente trabalha, faz muitos movimentos, trabalha muito abaixado, pega um trem, pega outro trem. Então, a gente não tem [...] aquela postura correta de fazer as coisas. A gente quer fazer na pressa, a gente puxa [...] uma saca pesada, [...] pega um fardo pra colocá no trator pra levar no caminhão. [...] Então, eu acho que aqui, dá mais problema, [...] tem umas dez ou quinze pessoas aqui que têm problema de coluna. E conseguiu aqui. Acho que é isso.ö (C18)

Podemos afirmar que as lesões associadas aos riscos aos quais estão expostos são mais lembradas pelos (as) catadores (as) participantes do estudo do que as doenças. A percepção dos riscos também pode ser identificada a partir das respostas ao questionamento sobre doenças ocasionadas pelas atividades desenvolvidas na ASCANAVI e/ou pelo próprio local de trabalho. Seis catadores (as) afirmaram desconhecer quaisquer doenças, talvez em virtude da inexperiência dos (as) mesmos (as), pois quatro desses (as) trabalhadores (as) são mais jovens, com menor tempo de serviço na Associação. Os (as) catadores (as) com maior tempo de atuação na ASCANAVI mencionaram uma variedade maior de doenças, o que pode ser justificado pelas situações experienciadas por esses sujeitos. Aqui, não se aplica a ideia de uma percepção diferente por parte do visitante em relação ao nativo, propagada por Tuan.

Contudo, há catadores (as) que percebem a possibilidade de adoecimento, apesar de não citarem doenças específicas, como aqueles (as) que indicam o adoecimento em função da manipulação de cargas excessivas, e em virtude de germes, bactérias, vírus e fungos. Dentre as doenças citadas pelos (as) catadores (as), algumas em função de experiências vivenciadas pelos (as) mesmos (as), constam: tétano; dermatite; doenças musculoesqueléticas; intoxicação; tuberculose; infecção; doenças do trato respiratório. Cinco catadores (as) relataram já terem sofrido acidente do trabalho, sendo que três deles (as) são trabalhadores

(as) mais jovens, com menor tempo de atuação na ASCANAVI, o que também pode ser explicado pela inexperiência dos (as) mesmos (as).

Três dos (as) catadores (as) que citaram as doenças musculoesqueléticas são trabalhadores (as) jovens e com mais tempo de serviço na Associação. Isso pode ser justificado pelo fato desses sujeitos atuarem, há algum tempo, em atividades que exigem esforço físico excessivo.

5 CONCLUSÕES

Em Governador Valadares, município situado no estado de Minas Gerais, a ASCANAVI e os (as) catadores (as) e ela associados contribuem para a separação e descarte adequado dos resíduos sólidos gerados pela população. Essa atividade expõe os (as) trabalhadores (as) a determinados riscos à saúde, o que permite que os (as) mesmos (as) estejam sujeitos (as) ao desenvolvimento de doenças.

Tem-se que a identidade territorial associada aos (às) catadores (as) de resíduos sólidos que atuam na ASCANAVI é caracterizada por uma memória relacionada ao lixão do Bairro Turmalina, pelo espaço de referência identitária, qual seja a própria Associação, e pelo sentimento da maior parte dos (as) catadores (as) de pertencimento a um grupo social. O reconhecimento de uma identidade territorial na Associação não implica na existência de percepções idênticas, entre os (as) catadores (as), a respeito dos riscos ali presentes.

Sobre a percepção de riscos à saúde dos (as) catadores (as) em relação às atividades desempenhadas na ASCANAVI e ao ambiente de trabalho, prevalece a percepção daqueles riscos que ocasionam lesão, principalmente, aquela proveniente do contato com material perfurocortante e com os equipamentos utilizados nos processos de trabalho, em especial a prensa. Ou seja, sobressai-se a percepção baseada na experiência do grupo.

A percepção dos riscos associados às doenças aparece em casos isolados. Dentre as doenças mencionadas pelos (as) catadores (as), como relacionadas ao trabalho e ao ambiente em que o mesmo é desenvolvido, destacam-se: tétano; dermatite; doenças musculoesqueléticas; intoxicação; tuberculose; infecção; doenças do trato respiratório.

Assim como indica Calderoni (1999) apud Siqueira e Moraes (2009), esse estudo aponta para a caracterização do grupo de catadores (as) que compõem a ASCANAVI como uma comunidade de risco, pois executam uma atividade relacionada aos resíduos sólidos que representa sua fonte de sustento, mas que também os (as) expõe a variados riscos associados a danos, ou seja, a doenças; além de serem colocados (as) à margem, social e econômica, do município de Governador Valadares - MG. Mesmo porque, esses sujeitos formam um grupo social que possui identidade peculiar, caracterizado dentre outros aspectos pela baixa renda.

Esse estudo teve como propósito considerar somente os (as) catadores (as) de resíduos sólidos que desempenham a atividade de catação, ou seja, não foram levados em consideração aqueles (as) que executam a atividade de coleta, trabalhando nos caminhões, e a percepção dos riscos associados a tal atividade. Além disso, a análise da percepção foi realizada de forma qualitativa. Ressalta-se a importância de tal análise, pois a mesma possibilita a

priorização daqueles riscos que serão objeto de análise quantitativa ou ação adicional. Ou seja, a partir da identificação daqueles riscos que possuem maior probabilidade de gerar consequências, como acidentes e/ou doenças, determinam-se aqueles que necessitam de uma análise quantitativa para que, posteriormente, seja elaborado um plano de ações. Já aqueles riscos que possuem menor probabilidade de geração de impactos são acompanhados, através de medidas de monitoramento.

Soma-se a isso, o fato de que a pesquisa qualitativa tenha sido aplicada, no caso deste estudo, para análise de algo que não pode ser mensurável, ou seja, a percepção de riscos dos (as) catadores (as). Esta se mostrou influenciada por fatores culturais e sociais, pela complexidade histórica ligada à constituição da Associação, pelo contexto da ASCANAVI e pela experiência vivida por esses sujeitos no ambiente de trabalho relacionado à atividade de catação. Tais variáveis não poderiam ser traduzidas em números quantificáveis, o que reforça a importância de tal análise.

Destaca-se, também, que a presente pesquisa não esgota a temática abordada, sendo necessária a realização de outros estudos, que possibilitem o estabelecimento de ações preventivas e protetivas precisas, conforme a priorização dos riscos analisados. Assim, como sugestão, recomenda-se a adoção de uma abordagem psicométrica em novas pesquisas, o que permitiria uma análise quantitativa da percepção de riscos dos (as) catadores (as). Além disso, aspectos como a representação social dos (as) catadores (as), a inclusão social dos (as) mesmos (as), o processo do associativismo, a questão do gênero e da presença de mulheres na atividade de catação, dentre outros, apresentam-se como propostas a serem abordadas em novas pesquisas.

Sugere-se, ainda, a realização de estudos que identifiquem e analisem, tecnicamente, os riscos presentes na atividade de catação na ASCANAVI, assim como o estudo de medidas preventivas e protetivas relacionadas a tais riscos, e maneiras de implantar tais medidas, de modo que seja disseminada na Associação uma cultura de segurança pertinente às atividades desenvolvidas. Tais pesquisas poderiam abordar também a relação entre a percepção de riscos e as territorialidades desenvolvidas pelos (as) catadores (as). Finalmente, ressaltamos que o grupo de catadores (as) representa uma comunidade de risco que cultiva relações internas e externas, que interferem em sua identidade territorial.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, E. J. F.; CARVALHO, O. M. S. de; FORTES NETO, P. A coleta seletiva como estratégia de territorialização dos catadores de materiais recicláveis nas cidades: a experiência de Bragança/PA. **Terceira Margem: Amazônia**, Manaus, v. 1, n. 2, p. 165-188, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaterceiramargem.com/index.php/terceiramargem/article/viewFile/29/32>>. Acesso em 26 fev. 2018.
- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução RDC nº 306, de sete de dezembro de 2004. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para o gerenciamento de resíduos de serviços de saúde. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 10 dez. 2004. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/images/documentos/res_306.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.
- ALMEIDA, J. R. **Condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis**. 2007. 74 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Meio Ambiente e Sustentabilidade) ó Centro Universitário de Caratinga, Caratinga/MG, 2007. Disponível em: <http://bibliotecadigital.unec.edu.br/bdtunec/tde_arquivos/22/TDE-2008-05-21T053134Z-70/Publico/Dissertacao%20Jane%20Rabelo.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2018.
- ALVARENGA, L. Lixão será fechado hoje. **Diário do Rio Doce**, Governador Valadares, 06, setembro, 2001. Ano XLIII, n. 14.244, Cidade & Esporte, p. 01C.
- ALVARENGA, L. Lixão dá lugar ao aterro sanitário. **Diário do Rio Doce**, Governador Valadares, 05, janeiro, 2002. Ano XLIII, n. 14.342, Cidade & Esporte, p. 03C.
- AMARAL, A. P. **Os riscos do lugar e os lugares do risco**. Curitiba-PR: Appris, 2015. 171 p.
- ANDRADE, W. Fassarela promete fechar o lixão. **Diário do Rio Doce**, Governador Valadares, 25, agosto, 2001a. Ano XLIII, n. 14.234, Cidade & Esporte, p. 03A.
- ANDRADE, W. Fassarela diz por que não fechou lixão. **Diário do Rio Doce**, Governador Valadares, 1º, setembro, 2001b. Ano XLIII, n. 14.240, Cidade & Esporte, p. 03A.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS. Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2016. São Paulo: ABRELPE, 2016. 60 p. Disponível em: <<http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2016.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10004**: Resíduos sólidos ó Classificação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. 71 p.
- _____. **NBR ISO 31000**: Gestão de riscos ó Princípios e diretrizes. Rio de Janeiro: ABNT, 2009. 24 p.
- ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NATUREZA VIVA. ASCANA VI. Galpão dos Catadores. **Ata da reunião realizada no dia 26 de janeiro de 2002**. Governador Valadares: 2002a, Livro 1, p. 1-4.

_____. **Estatuto Social da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis Natureza Viva**. Governador Valadares: 2002b, 5p.

_____. Galpão dos Catadores. **Ata da reunião realizada no dia 09 de julho de 2003**. Governador Valadares, 2003a, Livro 1, p. 14-16.

_____. **Regimento Interno da Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis Natureza Viva**. Governador Valadares: 2003b, 6 p.

BATISTELLA, C. Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. In: Fonseca A. F., Corbo A. D. (Org.). **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV, Fiocruz; 2007. p. 51-86.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 516 p.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Norma Regulamentadora 9: Programa de prevenção de riscos ambientais. Aprovada pela Portaria nº 3.214, de oito de junho de 1978. Aprova as Normas Regulamentadoras ó NR ó do Capítulo V, Título II, da Consolidação das Leis do Trabalho, relativas a Segurança e Medicina do Trabalho. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 06 jul. 1978a. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR-09.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. Norma Regulamentadora 15: Atividades e operações insalubres. Aprovada pela Portaria nº 3.214, de oito de junho de 1978. Aprova as Normas Regulamentadoras ó NR ó do Capítulo V, Título II, da Consolidação das Leis do Trabalho, relativas a Segurança e Medicina do Trabalho. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 06 jul. 1978b. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/images/Documentos/SST/NR/NR15/nr-15-atualizada-2018.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

_____. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 jul. 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8213cons.htm>. Acesso em: 22 jan. 2019.

_____. Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406.htm>. Acesso em: 17 jan. 2018.

_____. Lei nº 11.445, de 05 de janeiro de 2007. Estabelece as diretrizes nacionais para o saneamento básico, cria o Comitê Interministerial de Saneamento Básico, altera a Lei nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979, a Lei nº 8.036, de 11 de maio de 1990, a Lei nº 8.666, de 21 de junho de 1993, e a Lei nº 8.987, de 13 de fevereiro de 1995, e revoga a Lei nº 6.528, de 11 de maio de 1978. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 11 jan. 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11445.htm>. Acesso em: 07 jan. 2019.

_____. Lei nº 12.305, de dois de agosto de 2010. Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 3 ago. 2010a. Disponível em:

<<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=3&data=03/08/2010>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações:** códigos, títulos e descrições. 3. ed. Brasília: MTE, 2010b. v. 1. p. 805. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/downloads.jsf>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo 2010.** Brasília: Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão, 2010c.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 24 mai. 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

_____. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Saneamento Ambiental ó SNSA. **Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento:** Diagnóstico do Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos ó 2016. Brasília: MCIDADES. SNSA, 2018. 188p. Disponível em: <<http://www.snis.gov.br/diagnostico-residuos-solidos/diagnostico-rs-2016>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BRAZ, R. de F. dos S.; BISPO, C. de S.; COLOMBO, C. R.; MEDEIROS, M. F. S.; SILVA, J. C. S. da; TEIXEIRA, M. T. da C.; SARTHOUR, S. A.; SOUZA, M. de F. de. Estudos sobre os aspectos socioeconômicos dos catadores de resíduos recicláveis organizados em cooperativas na cidade de Natal-RN. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande/ RS, v. 3, Edição especial impressa, Dossiê: educação ambiental, p. 147-159, jan./jun. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/remea/article/view/3572/2918>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

BUSS, P. M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro/RJ, v. 17, n. 1, 77-93, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

CARRAPATO, P.; CORREIA, P.; GARCIA, B. Determinante da saúde no Brasil: a procura da equidade na saúde. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo/SP, v. 26, n. 3, 676-689, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v26n3/0104-1290-sausoc-26-03-00676.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

CATÃO, M. do O. A sociedade moderna e as políticas de saúde. In: _____. **Genealogia do direito à saúde:** uma reconstrução de saberes e práticas na modernidade. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 139-168. Disponível em: <<https://goo.gl/XdbJjM>>. Acesso em: 13 mar. 2018.

CAVALCANTE, S.; FRANCO, M. F. A. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 211-231, 2007. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1581/3564>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

CHELOTTI, M. C. Reterritorialização e identidade territorial. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia/MG, v. 22, n. 1, p. 165-180, 2010. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/9637/5789>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

CHELOTTI, M. C.; PESSÔA, V. L. S. Reterritorialização e identidade territorial: os camponeses construindo novas territorialidades na fronteira Brasil/Uruguai. In: Encontro de Geógrafos de América Latina, 12., 2009, Montivideo, Uruguai. **Anais...** Montivideo: 12º EGAL, 2009. Disponível em: <<http://www.lagea.ig.ufu.br/biblioteca/artigos/egal2009.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1999. Disponível em <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13349/8549>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

_____. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2001. p. 35-86. 146 p.

_____. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007. 453 p.

COELHO, A. P. F. **Autocuidado de catadores de material reciclável**: estudo convergente-assistencial. 2018. 223 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) ó Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14614/TES_PPGENFERMAGEM_2018_COELHO_ALEXA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 nov. 2018.

COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. **Cemprereview 2013**. São Paulo: Cempre, 2013. Disponível em: <<http://cempre.org.br/artigo-publicacao/artigos>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

_____. Ciclossoft 2016. São Paulo: Cempre, 2016. Disponível em: <<http://cempre.org.br/ciclossoft/id/8>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

_____. **Lixo Municipal**: manual de gerenciamento integrado. 4. ed. São Paulo: Cempre, 2018. 316 p. Disponível em: <http://cempre.org.br/upload/Lixo_Municipal_2018.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2018.

CRUZ, V. do C. Territórios, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAUJO, F. G. B. de; HAESBERT, R. (Org.). **Identidades e Territórios**: Questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007. Cap. V. p. 93-122. 136p.

DANI, F. Catadores sentem-se inseguros. **Diário do Rio Doce**, Governador Valadares, 07, setembro, 2001. Ano XLIII, n. 14.245, Cidade & Esporte, p. 03C.

DAGNINO, R. de S.; JOHANSEN, I. C. Os catadores no Brasil: características demográficas e socioeconômicas dos coletores de material reciclável, classificadores de resíduo e varredores a partir do censo demográfico de 2010. In: _____ **Mercado de trabalho**: conjuntura e análise. Brasília: Ipea, n. 62, 2017. p. 115-125. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/170505_bmt_62.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.

DOUGLAS, M. **Risk and Blame**: essays in cultural theory. London: Routledge, 1996.

_____. **Pureza e Perigo**. 2. ed. Tradução Mônica Siqueira Leite de Barros, Zilda Zakia Pinto. São Paulo: Perspectiva, 2014. 228 p.

DOUGLAS, M.; WILDAVSKY, A. **Risco e Cultura**: Um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais. Tradução Cristiana de Assis Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 205 p.

FAGUNDES, D. da C. Gerenciamento de resíduos sólidos urbanos em Tarumã e Teodoro Sampaio ó SP. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia ó MG, v. 21, n. 2, p. 159-199, ago. 2009. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/viewFile/9526/5768>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

FERREIRA, J. A.; ANJOS, L. A. dos. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Cad. de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 689-696, maio/jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v17n3/4651.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

FERREIRA, R. G. P. S.; SILVA, T. C. da; RAMALHO, W. M.; ARAÚJO, W. N.; CRUVINEL, V. R. N. Condições de saúde e estilo de vida dos catadores de resíduos sólidos de uma cooperativa da Ceilândia, no Distrito Federal: um olhar acerca dos determinantes sociais e ambientais de saúde. In: PEREIRA, B. C. J.; GOES, F. L. (Org.). **Catadores de materiais recicláveis**: um encontro nacional. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 151-168.

Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160331_livro_catadores.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

FISCHER, D.; GUIMARÃES, L. B. de M. Percepção de risco e perigo: um estudo qualitativo. In: Congresso Latino-Americano de Ergonomia, 7., Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral, 1., Congresso Brasileiro de Ergonomia, 12., 2002, Recife. **Anais...** Rio de Janeiro: Abergó, 2002. Disponível em: <<http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/arquivos/045.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

FRANÇA, R. G.; RUARO, E. C. R. Diagnóstico da disposição final dos resíduos sólidos urbanos na região da Associação dos Municípios do Alto Irani (AMAI), Santa Catarina. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2191-2197, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n6/26.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

GALON, T.; MARZIALE, M. H. P. Condições de trabalho e saúde de catadores de materiais recicláveis na América Latina: uma revisão de escopo. In: PEREIRA, B. C. J.; GOES, F. L. (Org.). **Catadores de materiais recicláveis**: um encontro nacional. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 169-199. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160331_livro_catadores.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008. 216 p.

GIULIO, G. M. DI; VASCONCELLOS, M. da P.; GÜNTHER, W. M. R.; RIBEIRO, H.; ASSUNÇÃO, J. V. de. Percepção de risco: um campo de interesse para a interface ambiente, saúde e sustentabilidade. **Saúde e sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 1217-1231, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000401217&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 19 jan. 2018.

GONÇALVES, M. A. Cooperativas e associações de catadores: formação e organização do trabalho na raia divisória SPó PRó MS. **Revista Pegada**, São Paulo, v. 10, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1704/1635>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

GOVERNADOR VALADARES. **Lei nº 5.576, de nove de junho de 2006**. Reconhece entidade como de utilidade pública municipal. Governador Valadares: Câmara Municipal, 2006. Disponível em: <http://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Lei_Ordinaria_5576_2006?cdLocal=5&arquivo=%7BD4A06F4C-2BA2-42CD-AC20-3579E94D0865%7D.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2018.

_____. Prefeitura Municipal. **Plano Municipal de Saneamento Básico ó PMSB**. Governador Valadares: PMGV, 2015. Disponível em: <http://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Diagnostico_residuos_solidos?cdLocal=2&arquivo=%7B2EC2EBB6-152A-A3DD-CA01-D75BB71C3B4E%7D.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2018.

_____. **Lei nº 6.798, de um de agosto de 2017**. Institui a Política de proteção ao animal de grande porte, no âmbito do Município de Governador Valadares/MG, e da outras providências. Governador Valadares: PMGV, 2017. Disponível em: <http://www.valadares.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/Lei_Ordinaria_6798_2017?cdLocal=5&arquivo={674DC02E-AAC8-0DEE-1BA4-EBD4D5A188EC}.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2019.

HAESBERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999. p. 169-190. 248 p.

_____. Identidades Territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). In: ARAUJO, F. G. B. de; HAESBERT, R.(Org.). **Identidades e Territórios**: Questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007. Cap. II. p. 33-56. 136p.

_____. Por uma constelação geográfica de conceitos. In: HAESBAERT, R. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. Cap. 1. p. 19-51. 320p.

_____. **O mito da Desterritorialização**: do òfim dos territóriosõ a multiterritorialidade. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 396 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saneamento básico 2008**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv45351.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

LEALDINI, M. L. C.; ZAINÉ, J. E. Critérios geoambientais aplicados à seleção de áreas para a disposição de resíduos sólidos urbanos no município de Estiva Gerbi (SP). **HOLOS Environment**, Rio Claro - SP, v. 8. n. 1, p. 29-44, 2008. Disponível em: <<https://www.ce-unesp.org.br/holos/article/view/2537/2234>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

LIEBER, R. R.; ROMANO-LIEBER; N. S. O conceito de risco: Janus reinventando. In: MINAYO, M. C. Z.; MIRANDA, A. C. (Org.). **Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 69-111.

LIMA, A. B. M. Apresentação ó O que é fenomenologia? In: LIMA, A. B. M. (Org.). **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus, BA: Editus, 2014. p. 9-14. 126 p.

MARANDOLA JR., E. J. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 2008. 278 p. Tese (Doutorado) ó Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/287288>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

MARANDOLA JR., E. J.; HOGAN, D. J. O risco em perspectiva: tendências e abordagens. **Geosul**, Florianópolis - SC, v. 19, n. 38, p. 25-58, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13431/12328>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARTINS, H. H. T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/KTqhbX>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

MARTINS, I. G.; MOTA, L. L. R.; SEGALA, N. B.; SANTOS, T. N. da S.; CABRAL, L. R. Reciclando as relações de gênero: a divisão sexual do trabalho em cooperativas de catadoras e catadores, e o papel de lideranças femininas na política pública de resíduos sólidos no Distrito Federal. In: PEREIRA, B. C. J.; GOES, F. L. (Org.). **Catadores de materiais recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 75-97. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160331_livro_catadores.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

MEDEIROS, L. F. R. de; MACEDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Psicologia & Sociedade**, v. 18, p. 62-71, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n2/08.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2017.

MENDES, J. M. **Sociologia do risco: uma breve introdução e algumas lições**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/nicif/riscos/pub/src/SRCII/Sociologia_do_risco.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2018.

MONTEIRO, T. C.; SILVA; M. B. O. da; DIFANTE, J. A lei da nova política nacional de resíduos sólidos face ao sistema de coleta seletiva do município de Santa Maria. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, Santa Maria, v. 8, p. 208-220, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/8263/4982>>. Acesso em: 18 fev. 2018.

MORAIS, C. R. N. **Compacto dicionário de saúde e segurança no trabalho e meio ambiente**. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2011. 350 p.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.

Caminhar é resistir... São Paulo: Mnrc, 2009. Disponível em:

<<http://www.mnrc.org.br/biblioteca/formacao-e-conjuntura/cartilha-de-formacao-do-mnrc-nova-1?searchterm=caminhar+%C3%A9+resistir>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

NEVES-SILVA, P.; MARTINS, G. I.; HELLER, L. ãA gente tem acesso de favores, né?ö. A percepção de pessoas em situação de rua sobre os direitos humanos à água e ao esgotamento sanitário. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n3/1678-4464-csp-34-03-e00024017.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

NOGUEIRA, L. M.; SILVEIRA, C. A.; FERNANDES, K. S. A. Percepção de qualidade de vida de catadores de materiais recicláveis. **Revista de Enfermagem UFPE On line**, Recife, v. 11, n. 7, p. 2718-2727, 2017. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/viewFile/23445/19150>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

OLIVEIRA, D. A. M. de. **Percepção de riscos ocupacionais em catadores de materiais recicláveis**: estudo em uma cooperativa em Salvador ó Bahia. 2011. 168 p. Dissertação (Mestrado em Saúde, Ambiente e Trabalho) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <<http://www.sat.ufba.br/site/db/dissertacoes/432013120048.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

OLIVEIRA, E. D. de; CASAGRANDE JR., E. F. O desenvolvimento local e a sustentabilidade da Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Colombo (RESOL). **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Curitiba/PR, v. 2, n. 1, p. 98-110, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbpd/article/view/3089/2107>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

PATRÍCIA, H. -Lixãoøvai virar aterro sanitário. **Diário do Rio Doce**, Governador Valadares, 10, junho, 2001. Ano XLIII, n. 14.171, Cidade & Esporte, p. 01 C.

PEREIRA NETO, J. T. **Gerenciamento do lixo urbano**: aspectos técnicos e operacionais. Viçosa, MG: UFV, 2007. 126 p.

PEREIRA, M. C. G.; TEIXEIRA, M. A. C. A inclusão de catadores em programas de coleta seletiva: da agenda local à nacional. **Cad. EBAPÉ.BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n3/a11v9n3.pdf>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

PEREIRA, S. S.; CURI, R. C. Modelos de gestão integrada dos resíduos sólidos urbanos: a importância dos catadores de materiais recicláveis no processo de gestão ambiental. In: LIRA, W. S.; CÂNDIDO, G. A. (Org.). **Gestão sustentável dos recursos naturais**: uma abordagem participativa. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 149-172. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/bxj5n/pdf/lira-9788578792824-06.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

QUEIRÓS, M.; VAZ, T.; PALMA, P. Uma Reflexão a Propósito do Risco. Congresso da Geografia Portuguesa òPensar e Intervir no Território. Uma Geografia para o Desenvolvimento. Associação Portuguesa de Geógrafos, 2007, Lisboa. **Anais...VI** Congresso da Geografia Portuguesa, 2007. Disponível em: <http://apego.pt/files/docs/CD_VI_Congresso_APG/actas/eixos82b4.html?eixo=4>. Acesso em: 09 mar. 2018.

RANGEL, M. L. Risco e saúde nos locais de trabalho. **Physis ó Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v4n1/07.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

RIBEIRO, H.; BESEN, G. R. Panorama da coleta seletiva no Brasil: desafios e perspectivas através de três estudos de caso. **InterfaceHS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 2007. Disponível em: <<http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/2007-art-7.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

RIBEIRO, L. C. de S.; FREITAS, L. F. da S.; CARVALHO, J. T. A.; OLIVEIRA FILHO, J. D. de. Aspectos econômicos e ambientais da reciclagem: um estudo exploratório nas cooperativas de catadores de material reciclável do Estado do Rio de Janeiro. **Nova Economia**, Belo Horizonte - MG, v. 24, n. 1, p. 191-214, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/neco/v24n1/0103-6351-neco-24-01-0191.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

SALIBA, T. M. **Curso básico de segurança e higiene ocupacional**. 7. ed. São Paulo: LTr, 2016. 494p.

SANTANA, D. de; METELLO, D. Reciclagem e inclusão social no Brasil: balanço e desafios. In: PEREIRA, B. C. J.; GOES, F. L. (Org.). **Catadores de materiais recicláveis**: um encontro nacional. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 21-44. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/160331_livro_catadores.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2018.

SANTANA, R. Catadores estão tensos. **Diário do Rio Doce**, Governador Valadares, 29, agosto, 2001. Ano XLIII, n. 14.237, Cidade & Esporte, p. 01C.

SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. da. Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sob o olhar do trabalhador. **Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 2, 2009, p. 689-716. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n2/13.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SANTOS, Z. dos. **Coleta seletiva e responsabilidade social**: o caso da cooperativa de reciclagem, trabalho e produção óCORTRAP, em Brasília. 2011. 46 p. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental) óFaculdade Integrada da Grande Fortaleza, Brasília,

2011. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/6565>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. 4. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015. 192 p.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS ó SEBRAE. **Cooperativa**: série empreendimentos coletivos. Brasília: Sebrae, 2014a. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/65f0176ca446f4668643bc4e4c5d6add/\\$File/5193.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/65f0176ca446f4668643bc4e4c5d6add/$File/5193.pdf)>. Acesso em: 17 jan. 2018.

_____. Associação: série empreendimentos coletivos. Brasília: Sebrae, 2014b. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/5a3f332ba54f0cef713f1575676d4133/\\$File/5192.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/5a3f332ba54f0cef713f1575676d4133/$File/5192.pdf)>. Acesso em: 17 jan. 2018.

SILVA, M. C. da. **Trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis em uma cidade do sul do Brasil**. 2006. 220 p. Tese (Doutorado em Ciências) ó Universidade Federal de Pelotas, RS, 2006. Disponível em: <<http://www.epidemioufpel.org.br/uploads/teses/tese%20marcelo%20cozzensa.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

SILVA, P. S.; GOES, F. L.; ALVAREZ, A. R. **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável ó Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. 68 p. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_recicavel_brasil.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2018.

SILVA, S. P. A organização coletiva de catadores de material reciclável no Brasil: dilemas e potencialidades sob a ótica da economia solidária. Rio de Janeiro: Ipea, 2017. 48 p. (Texto para Discussão, n. 2268). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2268.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2018.

SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. de. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, 2009, p. 2115-2122. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v14n6/18.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2017.

SOUZA, M. T. S. de; PAULA, M. B. de; SOUZA-PINTO, H. de. O papel das cooperativas de reciclagem nos canais reversos pós-consumo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 52, n. 2, 2012. p. 246-262. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v52n2/v52n2a10.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

SOUZA, M. C. R. F. de; FONSECA, M. da C. F. R. A. Práticas de numeramento e relações de gênero: tensões e desigualdades nas atividades laborais de alunas e alunos da EJA. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, p. 921-1063, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n55/07.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

SOUZA, M. C. R. F. de; ALMEIDA, E. C. G. de; HOLLERBACH, J. D. G. (Org.). **Reciclando palavras**: a história da associação dos catadores de materiais recicláveis natureza viva - ASCANAVI. Governador Valadares: Parresia Comunicação, 2014. 63 p.

TEIXEIRA, A. V.; BATISTA, B. P.; SIQUEIRA, C. P.; SOUZA, W. R. Estação de Transbordo de Governador Valadares: setorização, necessidades e especificações. In: 15º Congresso Nacional de Meio Ambiente, Poços de Caldas/MG. **Anais...** Poços de Caldas/MG: 2018. v. 10, n. 1. Disponível em: <<http://www.meioambientepocos.com.br/Anais2018/Sa%C3%BAde,%20Seguran%C3%A7a%20e%20Meio%20Ambiente/510.%20ESTA%C3%87%C3%83O%20DE%20TRANSBORDO%20DE%20GOVERNADOR%20VALADARES%20SETORIZA%C3%87%C3%83O,%20NECESSIDADES%20E%20ESPECIFICA%C3%87%C3%95ES..pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

TROMBETA, L. R. O trabalho dos catadores de materiais recicláveis: da precarização à organização do trabalho. **Revista Pegada**, Presidente Prudentes, v. 13, n. 1, 2012. p. 55-75. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1083/1895>>. Acesso em: 18 jul. 2017.

TUAN, YI-FU. **Topoflia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980. 288p.

_____. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250 p

WIEDEMANN, P.M. **Introduction risk perception and risk communication**. Jülich: Programme Group Humans; Environment, Technology (MUT), Research Centre Jülich; 1993.

ZACARIAS, I.R.; BAVARESCO, C. S. Conhecendo a realidade dos catadores e catadoras de materiais recicláveis da Vila Dique: visões sobre os processos de saúde e doença. **Textos & Contextos**, Porto Alegre ó RS, v. 8, n.2, 2009. p. 293-305. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/6345/4644>>. Acesso em: 12 jul. 2017.

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ASSOCIADOS
(CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS).**

Data: _____ Início: _____ h Término: _____ h

Nº da entrevista: _____

DADOS GERAIS ó IDENTIFICAÇÃO

Caracterização do sujeito: nome, idade, estado civil, número de filhos, escolaridade, lugar onde mora, condições de moradia, benefícios sociais.

- Me conte como foi a sua vida desde quando você começou a trabalhar.
- Como iniciou sua experiência com coleta de materiais recicláveis?
- Como se iniciou o seu trabalho na ASCANAVI?
- O que a ASCANAVI representa para você?
- Qual o seu objetivo em relação ao trabalho e ao futuro profissional?
- Agora fale sobre as atividades que você faz desde quando acorda, vindo para a Associação até a hora de você voltar para casa e dormir.
- O que a saúde representa para você?
- O que a doença representa para você?
- O que o risco representa para você?
- O que segurança representa para você?
- De que forma o seu trabalho ou o local do seu trabalho pode lhe trazer algum risco para a saúde?
- Me conte sobre doenças que você conhece e que podem ser ocasionadas pelo seu trabalho ou local de trabalho.

APÊNDICE B ó TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****1 ó IDENTIFICAÇÃO DO RESPONSÁVEL PELA EXECUÇÃO DA PESQUISA:**

Título:

A identidade territorial e a percepção de riscos à saúde entre catadores de resíduos sólidos de uma Associação solidária

Pesquisador Responsável:

Letícia Efrem Natividade de Oliveira

Se TCC incluir nome do aluno (a) Participante:

Contato com pesquisador responsável

Endereço: Rua Joaquim de Faria Salgado, 55, apto 301, Bairro Morada do Vale, Governador Valadares/MG, CEP: 35.057-400

Telefone(s): 32 99137 1944/33 99920 2796

2 ó IDENTIFICAÇÃO INSTITUIÇÃO:

Instituição:

Universidade Vale do Rio Doce

Faculdade:

Curso:

Mestrado em Gestão Integrada do Território

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Rua Israel Pinheiro, 2000 ó Campus Universitário ó Tel.: 3279 5575

3 ó INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL:

3.1) Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa intitulada A identidade territorial e a percepção de riscos à saúde entre catadores de resíduos sólidos de uma associação solidária, na área de concentração Território, Sociedade e Saúde.

3.2) A pesquisa terá como objetivo(s) compreender a relação entre a identidade territorial estabelecida pelos catadores de resíduos sólidos que desenvolvem suas atividades laborais em uma associação de catadores de materiais recicláveis localizada em Governador Valadares ó MG, e a percepção desses sujeitos sobre os riscos à saúde inerentes a tais atividades e/ou ao local em que as mesmas são desenvolvidas.

3.3) Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações que informam sobre o procedimento.

3.3.1) Durante a pesquisa serão feitas visitas em seu local de trabalho para observar como você trabalha e você será entrevistado(a) individualmente. Peça sua autorização para, durante as entrevistas, gravar sua fala com um gravador. A gravação estará disponível para você a qualquer momento. As observações serão anotadas em um caderno. Seu nome não será divulgado, se você não desejar. Nesta pesquisa, nenhuma informação que traga prejuízo a você será divulgada. Os materiais, gravações ficarão sob a responsabilidade da pesquisadora e serão guardados em banco de dados do Mestrado em Gestão Integrada do Território/GIT/UNIVALE, e disponíveis para outras pesquisas e pesquisadores. A qualquer momento você poderá ter acesso a eles.

3.3.2) Caso aceite participar da pesquisa, informo que seu nome e as informações colhidas serão mantidos em sigilo, caso seja do seu desejo. Sua participação nesta pesquisa consiste apenas em responder às perguntas e permitir a observação que será feita no seu local de trabalho. As entrevistas serão respondidas em horário e local escolhidos por você, buscando não atrapalhar o seu trabalho, e terão duração aproximada de uma hora.

3.4) Durante sua participação, você poderá recusar responder a qualquer pergunta ou participar de procedimento(s) que porventura lhe causar(em) algum constrangimento.

3.5) Você poderá se recusar a participar da pesquisa ou poderá abandonar o procedimento em qualquer momento, sem nenhuma penalização ou prejuízo.

3.6) A sua participação na pesquisa será como voluntário, não recebendo nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Entretanto, lhe serão garantidos todos os cuidados necessários à sua participação, de acordo com seus direitos individuais e respeito ao seu bem-estar físico e psicológico.

3.7) A sua participação poderá envolver os seguintes riscos ou desconfortos: constrangimento, incômodo ao falar, emoção ao se lembrar de fatos. Nesse caso, se quiser interromper a entrevista terá plena liberdade.

3.8) Preveem-se como benefícios da realização dessa pesquisa: compreensão do modo pelo qual os catadores percebem os riscos laborais; auxílio a programas que visem a promoção da

saúde dos trabalhadores envolvidos com a atividade de coleta de resíduos sólidos; auxílio aos catadores relacionado ao modo de lidar com o risco e a doença.

3.9) Serão garantidos o sigilo e a privacidade aos participantes, assegurando-lhes o direito de omissão de sua identificação ou de dados que possam comprometê-lo. Na apresentação dos resultados não serão citados os nomes dos participantes, se os mesmos assim preferirem.

3.10) Os resultados obtidos com a pesquisa serão apresentados em eventos ou publicações científicas

Confirmo ter sido informado e esclarecido sobre o conteúdo deste termo. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar desta pesquisa e por isso dou meu livre consentimento.

Governador Valadares, ____ de ____ de _____.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante ou responsável: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____